

REVISTA DA SEMANA

N.º 22

29-5-48

Cr\$ 3,00 em todo o Brasil



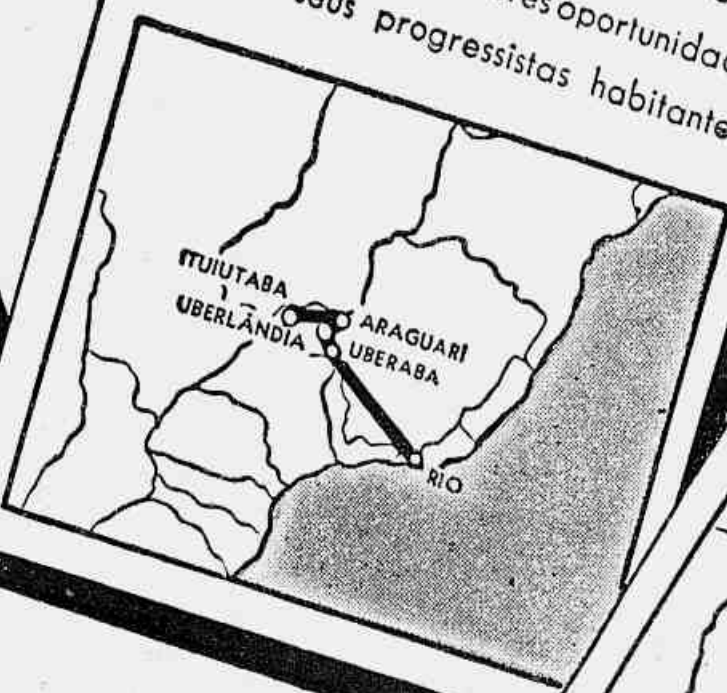
NUM PAÍS VASTO...

A DISTÂNCIA
É O PRIMEIRO OBSTÁCULO
A SER VENCIDO

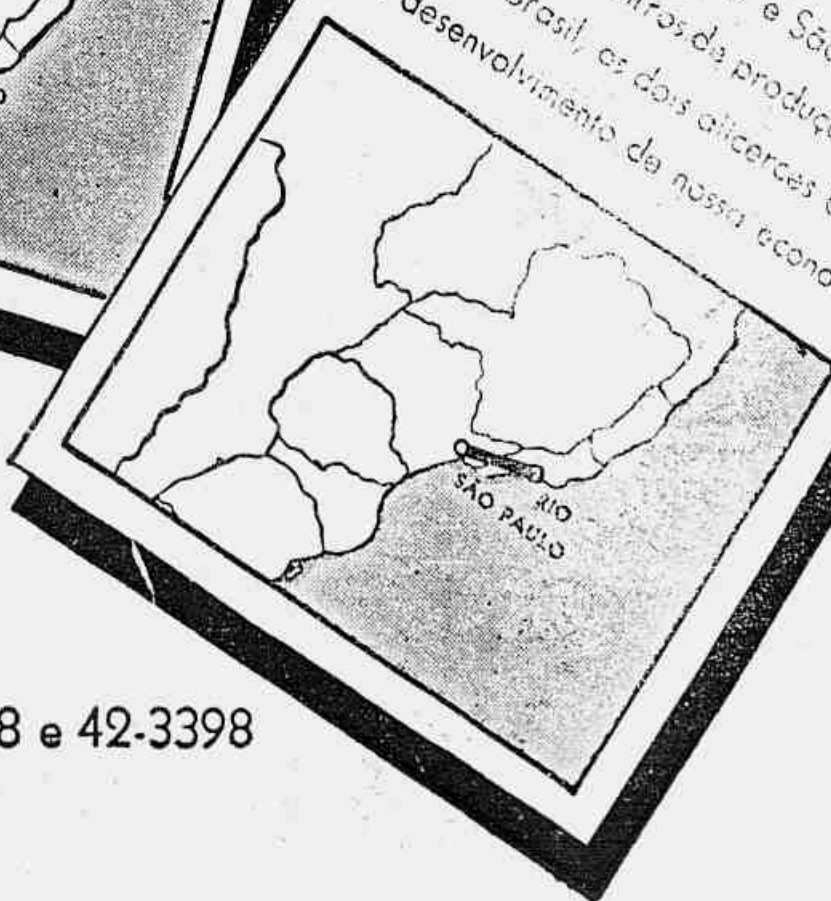
O litoral é uma zona bem desenvolvida do nosso território, onde se concentra a maior percentagem da nossa população. A L.A.B. põe em comunicação os seus principais núcleos de atividade, com um transporte rápido e regular.



Aproximando o Brasil do fértil planalto do Triângulo Mineiro, a L. A. B. coloca as riquezas aí contidas em condições de serem melhor exploradas e aproveitadas, fornecendo maiores oportunidades para os seus progressistas habitantes.



A L.A.B. mantém duas linhas diárias que contribuem para a melhoria das comunicações entre Rio e São Paulo, os dois maiores centros de produção e consumo do Brasil, os dois alicerces básicos do desenvolvimento da nossa economia.



LINHAS AÉREAS BRASILEIRAS

Agência: R. Santa Luzia, 305 (Edif. Casa do Estudante) Tel: 42-3388 e 42-3398

Os cemitérios dos livros

A cidade está cheia de cemitérios de livros. Antigamente os seus mausoléus eram localizados nos fundos das bibliotecas e muito raramente eram vistos por entes humanos. Hoje a cidade está cheia de cemitérios de livros e o cidadão que se dispusesse visitá-los constataria ser pouca a curiosidade em torno daqueles choráveis mortos. Há, porém, os seus guardiães, fiéis guardiães dispostos a lhes dar vida a qualquer preço, em quaisquer circunstâncias. Não se cansam de esperar. Os cemitérios dos livros, por isso mesmo, são os locais mais desolados. Desolados pela nenhuma concorrência. O mais trágico, eu lhes digo, nesta conversa sobre os meus mortos mais queridos, é que estes cemitérios eram ontem os lugares em que a vida tumultuava, onde os curiosos se atropelavam. Embora não pareça sensato, são as livrarias. Hoje estão povoadas de sombras, de trechos dominados por uma penumbra perpétua, os pobres livros descansam em paz nas prateleiras, com um só destino, nivelados todos, todos destinados para repasto das traças e dos vermes. Os velhos guardiães, fiéis como já disse, parecem fantasmas e lembram épocas imemorais.

★

Livros amarelados pelo tempo, consumidos pela poeira, roídos pelas traças, em seu último ciclo de vida, são removidos diariamente para tabuleiros populares, a preços ínfimos. Meia dúzia de criaturas, numa diversidade curiosa, de todas as classes, e com toda espécie de ânsia no olhar, invadem estas feiras populares, onde se oferecem livros por alguns centavos, olham em torno e de lá se retiram com a mesma ânsia, a mesma característica de classe e de forma de vida no andar, nos gestos, nas reações em face dos cadáveres dos pobres livros. Depois destas visitas que se repetem por uma dúzia de dias, senão menos, só há um destino para os livros: a incineração, a última etapa de seu destino, ser reduzido a cinzas.

O mais grave é que a moléstia, que de súbito se transformou em epidemia, não nasceu entre os próprios livros. Veio de fora e parece não haver remédio com força capaz de debelá-la. Um certo mecanismo se complicou de tal forma que uma determinada crise, de vida ou de morte, alastrou-se ameaçadoramente, fazendo vítimas indiscriminadamente. Os livros foram as primeiras vítimas. Para se salvarem, os cidadãos afixaram o livro de suas cogitações. Alguns falam que esta moléstia, tão perigosa em suas primeiras manifestações, dá oportunidade aos médicos de exercitarem a sua capacidade de diagnóstico. Apresenta-se sob diversas formas. Quando não ataca o nível aquisitivo das criaturas em geral, aqueles que vivem de ordenados, aumenta o preço das utilidades, das mercadorias também em geral, obrigando aquelas mesmas criaturas a excluir de seu orçamento coisas como livros, médico, dentistas, diversões... Este o diagnóstico mais fácil, e reconhecível por qualquer leigo, assim como o que lhes fala. Mas aqui quero tratar das pobres vítimas maiores deste estado de coisas — os livros. Eles jazem nas livrarias, que se transformaram em cemitérios. Comidos pelas traças, devorados pelos vermes, de carcassa coberta pela poeira. Visitem um destes cemitérios e olhem em torno. Não importa a expressão de seus guardiães, os fiéis guardiães como aquele velho Castilho, que desde a mais tenra idade lida com livros e fregueses. Não importa. A um sinal seu, ele, que parecia múmia, estátua de pedra, corpo sem vida, animar-se-á de repente e será a mais faladora das criaturas. Deixem-se convencer pelas suas palavras. O que vem em sua voz é digno de um sábio. Tudo Castilho sabe, a história de seus mortos que, dia menos dia, serão levados para a vala comum e da vala comum para a incineração.

★

Para terminar esta conversa, eu quero apontar outro grande inimigo do livro, aquele que vem ajudando a matá-lo em grande escala, quando não os faz transportar para o campo de concentração dos passeios públicos, para o rigor do sol e dos tempos chuvosos. Este outro inimigo, poderoso, é o cinema, a imagem, movimento e som. As novíssimas gerações, os filhos nossos, com a mentalidade de sua época apressada e atômica, têm no cinema o meio mais rápido e eficiente para lhes comunicar as emoções e a diversão. Os livros, oh! os livros, estes são antiquados pela sua própria maneira de ser, e, além do mais, implica a sua posse em espaço para guardá-los. O cinema, não. Há o conforto, a imagem se movimenta, a sombra fala, e os conhecimentos humanos desfilam diante de nossos olhos, impondo-se à compreensão.

Mas os tempos mudam e chegará o dia da Ressurreição!!! Então meu amigo Castilho sorrirá outra vez...

RAIMUNDO SOUZA DANTAS, especial para "REVISTA DA SEMANA"

REVISTA DA SEMANA

SUMÁRIO

COLABORAÇÃO

Os cemitérios dos livros (Raimundo Souza Dantas)	3
--	---

BIOGRAFIA

A vida de Reynolds (Henry Thomas e Dana Lee Thomas)	28
---	----

REPORTAGENS

Os homens que acreditam na paz (Ney Machado)	6/15
Alida Valli fugiu de casa	16/17
Bibi Ferreira, autora teatral	24/27
O fascismo tem sete fôlegos (Herman Lima)	30/35

CONTOS

A presença do medo (Luis Canabrava)	19
Os velhos (Miguel Unamuno)	20/21
Buscando novos caminhos (Moisés Duek)	22

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista	4
O Mundo Marcha	5
Gente de Radio	23
Cancioneiro Internacional	36
Musica	37
Vida Literária	39

SUPLEMENTO DA MULHER

Nos bastidores femininos (Kitty)	39
A personalidade da semana (Sarah Marques)	44
O espírito feminino através dos tempos	45
Pelas estradas do céu	46
Muro das lamentações	47
"Week-end" na cozinha (Marie Cook)	48

FOLHETIM

Na esteira do "Bruxo Vermelho" (Garland Roark-F. R. Gruger)	57/58
---	-------

ILUSTRAÇÕES

Abelardo Zaluar
Orlando Matos
Armando Moura

NOSSA CAPA

Trazemos hoje à nossa capa uma artista que vai fazer furor dentro de pouco tempo em todo o mundo. Referimo-nos a Jane Russell, a mulher de mais belo colo dos Estados Unidos, segundo a opinião dos entusiastas. Tendo aparecido sem êxito em «Escrava de uma lembrança», ela voltará sensacionalmente em «O proscrito», o filme que foi violentamente atacado pelas ligas católicas norte-americanas. O ataque foi tão forte que fez com que todo mundo reparasse no filme — e, por conseguinte, em Jane Russell.



a Semana em Revista

O ROTARY CLUB E A PAZ



to, um dos denominadores da paz. A persuasão, deverá ser a alavanca em que se apoia a tarefa rotariana, inspirada na experiência do trato e do manejo desses das mais complexas atividades humanas. O Rotary tem condições próprias para aproximar, harmonizar, multiplicar as relações pacíficas dos homens e dos povos e estabelecer entre eles um campo de entendimento, de conhecimento e de possibilidades capazes de imprimir a vida mundial, que se refaz todos os dias, um sentido comum de solidariedade e de amizade, de

progresso material e aperfeiçoamento moral. Saudáveis, pois, ao termo do vosso Congresso, pelo bem que procurais fazer. A minha experiência, porém, mostra que a obra do bem não é fecunda e duradoura, se não se combate, igualmente, o mal. Não basta a boa vontade e menos a boa fé. A idéia sem ação é tão infecunda como não duradoura é a ação que não realiza uma idéia. O Rotary Internacional não é um fim em si mesmo e não perca sua missão com reuniões e congressos. Não basta servir; é preciso saber optar, contrariar e, por vezes, combater. A crise de nossa era não poderá ser superada unicamente pela catequese, pela pregação, pelos oceanos altruísticos ou pelas conclamações generosas. Ela é profunda demais para soluções superficiais. A nossa opção não é somente entre o bem e o mal, a paz ou a guerra, mas entre o presente e o futuro. Não é o fim de uma civilização que temos diante de nós, mas da civilização mesma. É a humanidade que se volta para nós, para a nossa geração como a esfinge da lenda, para deciframos com ela, um destino que é o dela, mas é, também o nosso, de todos nós, de todos os homens, de todas as mulheres, de todas as criaturas, e de todas as coisas do nosso tempo, mas sobretudo o destino de tudo que nos deve suceder, seguir e continuar. A grande responsabilidade

da da nossa era é prever para prover e para sobreviver. A crise de nossos dias não é somente física e espiritual; é total. A figura de Hércules é a de um pai meu porque sob os ombros do homem do nosso tempo repousa não só o mundo, mas o seu futuro. Não é só uma ordem antiga em luta com uma nova ordem; não é só uma forma de viver ameaçada por outra; não é só a democracia traçoada em suas idéias e práticas; não é só uma maneira de pensar arriscada de perecer; não é só a paz dominada pela guerra, que exigem de nós o maior esforço já imposto pelas circunstâncias do homem e aos povos. Não é o presente, meus senhores que está em crise, mas o futuro, — o futuro humano. O homem contemporâneo já é um fatalista, um autômato da guerra, que perdeu a consciência e a vontade da paz. É contra essa crise da consciência mundial esse estado de resignação ante a fatalidade, que precisamos nos insurgir e lutar até que o homem e os povos recobrem a plenitude de sua vontade e de sua liberdade para poderem escolher não só o seu destino, como o das gerações vindouras. As palavras do embaixador Oswaldo Aranha são dignas da maior repercussão, principalmente agora que a propaganda de guerra chega a causar verdadeira histeria em todo o mundo.

A IMPORTAÇÃO DE LIVROS ESTRANGEIROS



gime de licença prévia, para o efeito de importação de livros estrangeiros. Ora, é uma das coisas essenciais à nossa cultura a importação de tais livros, principal-

O Brasil sempre foi conhecido como o país das contradições. Ensinamos línguas estrangeiras, preparamos uma elite para assumir responsabilidades culturais, — e de repente negamos câmbio para que universitários possam seguir para o exterior, a fim de completar seus estudos, e embarcamos a sonhada viagem de turismo de pessoas que se aplicaram ao trabalho e fizeram perseverantes economias, para afirmarmos, logo depois, num documento oficial, que um dos males do nosso tempo é o isolacionismo e que viajar é uma necessidade, para dilatar conhecimentos, suscitar confrontos e melhorias das nossas condições gerais, por assimilação natural do que de bom vimos alhures... Por causa disso, não causou surpresa a ninguém, embora tivesse causado escândalo, a medida que estabeleceu o regime de licença prévia, para o efeito de importação de livros estrangeiros. Ora, é uma das coisas essenciais à nossa cultura a importação de tais livros, principal-

mente dos livros de estudo, dos livros técnicos, que não se publicam em nosso idioma. Os nossos médicos, por exemplo, não podem andar em dia com os progressos da medicina e da cirurgia se não comprarem seus livros no estrangeiro, valendo-se das últimas edições saídas dos prelos das mais famosas universidades do mundo. A medida causou pânico, no comércio de livros, como nos meios culturais. De pronto, várias casas suspenderam suas compras no exterior. Começaram a surgir queixas, protestos, reclamações... Ainda que, desta vez, as autoridades a que o assunto está afeto não fizeram ouvidos de mercador e se apressaram a emendar a mão. Na última reunião da Comissão de Intercâmbio com o Exterior, do Conselho Federal de Comércio Exterior, presidida pelo general Anápio Gomes, foi posta a baixo a medida absurda, sendo liberada, assim, a importação de livros. Essa importação representa uma simples gota d'água no oceano dos nossos gastos no exterior. Ora, na véspera dessa decisão, entrava em nosso porto um navio carregado, — sabem de que? — de perfumes e de baralhos! Sim, de baralhos, o que, mais uma vez, demonstra que no Brasil o jogo realmente ainda não acabou... Que, pelo menos, entrem mais livros e menos baralhos, de agora em diante...

A CAMPANHA DO TRIGO



países produtores de trigo

Anuncia-se que, no ano de 1949, o Brasil não importará mais trigo. Que vem provar isto? Que o nosso país, realmente, consegue produzir trigo, — e o produzirá, ao que se espera, na medida necessária para suprir suas próprias necessidades. Mesmo que haja, nesse prognóstico, um excesso de otimismo, mesmo que ainda tenhamos de importar em 1949 uma parte do nosso suprimento, — um sexto, um oitavo, um décimo do que é necessário ao nosso consumo, — já terá o Brasil conquistado uma grande e bela vitória, no campo da produção. Durante muitos anos discutiu-se a questão de saber se o Brasil produzia ou não produzia trigo. Discutia-se na imprensa, na tribuna, mas não se fazia uma tentativa séria, no campo. Parece que as nossas relações econômicas com a Argentina e outros fundava-se no errado princípio de que devíamos com-

prar farinha a essas nações, a fim de podermos vender-lhes o nosso café... em competição com várias outras nações cafeeiras, como a Colômbia, Costa Rica, El Salvador, etc. Fez-se, não um único ensaio, mas vários. Sempre se provava, nesses ensaios, — e talvez houvesse conveniências nesse sentido, — que o Brasil produzia trigo, sim... mas por um preço incrível! O ministro da Agricultura do Estado Novo, sr. Fernando Costa, uma vez fez uma demonstração, oferecendo ao mastigo ditatorial e de sua comitiva alguns pães nossos, crismados como os "pães de ouro". Cada pão saía por cento e tantos cruzeiros! Homem de ação, sem tibiezas, o ministro da Agricultura atual, sr. Daniel de Carvalho, enfrentou a questão do trigo resolutamente, desenvolvendo o plantio desse cereal com sementes resistentes e rendosas. Resultado: já começamos a ter trigo, trigo bom, trigo em quantidade. Tem-se falado, várias vezes, na mudança desse ministro. É natural que os interesses criados e contrariados do trigo esperneiem. Mas sua administração ficará vinculada, dentro dos quadros do governo do presidente Dutra, como a do homem que está resolvendo a questão do trigo no Brasil, — equação talvez fácil, mas que outros não tiveram a coragem de solucionar...

ANO XLVII
N.º 22 — 29-5-48

REVISTA DA SEMANA

Diretor-Secretário:

R. MAGALHÃES JUNIOR

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 140,00; Seis meses — Cr\$ 70,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 85,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 270,00; Seis meses — Cr\$ 140,00

O número avulso custa 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Gerência: 22-2550; Secretaria: 22-4447; Publicidade: 22-9570;

Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corres. na Bahia: J. Machado Cunha, Av. 7 de Setembro, 149, Old. do Salvador, Bahia. EM SÃO PAULO — Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", 2, rua Cap. Salomão, 87 — Tel. 4-1589 — Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, 2, rua Brigadeiro Tobias, 613 — 2.º andar, sala 217. Telefone 6-6718.

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Agular Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34 dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyentes 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299. Tel. 32. Avenida 9109, Buenos Aires.

Propriedade: da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO

Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PÁGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.



SEGUNDO os correligionários de Harry Truman, Josef Stalin está ajudando. Henry Wallace na sua campanha para a presidência dos Estados Unidos. Se isto é verdade, o senhor Stalin é o cabo eleitoral mais ubíquo do planeta. Está em toda parte ao mesmo tempo... Durante uma trégua na luta contra os comunistas chineses, o general Chiang-Kai-Shek, chefe político e militar da China há vinte anos, tomou posse como seu primeiro presidente constitucional... Depois de quase dez anos de desfalques contínuos, foi preso o tesoureiro Aldo Campos de Oliveira, da Caixa Econômica do Estado do Rio que já desviara daquele estabelecimento um milhão de cruzeiros. Ficou provado que o senhor Aldo era um perito malabarista em escrita contábil... Pela primeira vez depois de promulgada a atual Constituição foi usado o direito de petição contra os abusos do poder. Isto se deu em Recife, onde os estudantes solicitaram da Assembleia Legislativa a revogação do decreto que elevou o subsídio dos deputados pernambucanos de oito para dez mil cruzeiros. Os deputados vão explicar que não foi um simples aumento; anteciparam-se, apenas, ao aumento geral dos funcionários públicos proposto pelo presidente Dutra... Por falar neste, a tabela do DASP, não contenta a gregos e troianos. Diariamente chegam ao Congresso reclamações de classes trabalhistas que se julgam prejudicadas. Já protestaram os reformados, os inativos, a Polícia Militar e os fiscais de trabalho do Pauli. Quando todos chegarem a um acordo e a tabela for aprovada, a vida já terá aumentado de tal modo, que será necessário um reajustamento da tabela agora em estudo... Comemorou-se sexta-feira passada o vigésimo aniversário da morte do radiologista Alvaro Alvim, um dos abnegados médicos patrióticos. Nesta mesma data, a Academia Nacional de Medicina dirigia uma mensagem ao presidente da República, solicitando meios para custear a ida aos Estados Unidos do radiologista Bruno Lobo Filho, que contraiu no exercício da profissão uma doença especial, chamada radiodermite. Somente naquele país há meios de tratamento dessa moléstia. Seria interessante que o reconhecimento do governo aos nossos homens de ciência fosse demonstrado enquanto esses estão vivos... Eduardo Acioli Pastor emprestou a Carlos de Souza Cardoso dois mil cruzeiros. De juros, por um prazo curto, cobrou mais dois mil cruzeiros, exigindo que a vítima assinasse uma promissória de quatro mil cruzeiros. Na hora do pagamento, Gaioso não tinha o dinheiro. Pastor achou uma solução. Pediu ao outro que assinasse um cheque de seis mil cruzeiros, mesmo sem fundos. Ele encontrou um meio de descontá-lo. Resultado: não achou o tal meio e ainda deu parte de Pastor na Polícia. Segundo resultado: o delegado Bezouro Cintra (ah! que saudade da sua presença na Delegacia de Economia Popular!) descobriu a tramóia e autuou Eduardo Pastor, um "banqueiro" que prometia... Informa o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que dois Estados de grande extensão territorial e possibilidades econômicas jacentes, como o São Pernambuco e Bahia, contribuem apenas com 3% — cada um — para a receita da União. Bastará um pequeno desequilíbrio nas finanças desses Estados (como a admissão de funcionários apadrinhados) e passarão a Unidades deficitárias, tais como os territórios... Antigamente, quando o Rio de Janeiro era risonho e pacato, tínhamos "O Bando da Lua", bando que não assaltava ninguém; divertia, apenas. Agora surgiram "Os cavalheiros da lua", que apesar do nome são peritos em assaltar casais de namorados. São quinze, ao todo, e dois deles — Elpidio da Silva e Heio Nunes Marques, foram presos em Vicente de Carvalho, após o assalto de um casal que por ali passeava... Anunciam dos Estados Unidos que brevemente todo o mundo usará telefones portáteis, de bolso, sem fios. Pode ser que então fique resolvido o problema de telefones no Rio. A "Light" não poderá alegar falta de cabos, linhas e outras complicações. Poderá alegar, quando mundo, falta de dinheiro... Walt Disney foi acusado de plágio por um ilustre desconhecido italiano, o senhor Piero Santino, que afirma terem sido os personagens do desenho musical "Fantasia" copiados de um manuscrito que enviara há tempos ao pai de Pluto. O contra-senso é tão grande — diz o modernista Iberê Camargo — como se o pintor Oswaldo Teixeira acusasse Tintoretto, Corregio e Miguel Angelo de copiarem os seus quadros... O gerente da Companhia Força e Luz de Biracl, que serve à cidade de Franca, São Paulo, por motivos de rixas políticas, cortou o fornecimento de luz do grupo escolar da cidade, no qual, a noite, funcionava um curso de alfabetização de adultos. Será que um crime desses não está previsto na Constituição?... O líder trabalhista gaúcho, senhor Loureiro da Silva, abandonou o partido do senhor Getúlio Vargas e anuncia que este é candidato à sucessão presidencial em 1951. Naturalmente o estancieiro de São Borja julga que até lá o povo brasileiro terá se esquecido dos quinze anos de ditadura com a sua falta de liberdade da imprensa; a inflação, o filiotismo e a sinecura dos altos postos para os amigos, o DIP, a Polícia Especial (ainda existente, infelizmente), o Tribunal de Segurança, a Polícia Política com Filinto Muller e outras desgraças... Foi solta a estoniana Galina Koch, por ato especial do ministro da Justiça. Ela fora presa injustamente sob a suspeita de ser comunista... O "ex-premier" lituano, general Jonas Gernius, expulso do seu país após o domínio comunista, empregou-se em uma fábrica de Nova York como operário metalúrgico. Quantos dos nossos políticos da terra saberiam trabalhar se perdessem, de uma hora para a outra, as suas cadeiras no Parlamento?... Revoltaram-se os presos da Casa de Detenção de São Paulo. Fartamente municiados, feriram vários guardas e carcereiros. Foi uma verdadeira cena de "Brutalidade"... A Comissão de Atividades Anti-Americanas dos Estados Unidos tem um modo simplório de investigar. Perguntam ao camarada — "Você é comunista ou não?". Conforme a resposta, o inquirido fica ou não na lista negra. Os cineastas John Howard e Dalton Trumbo negaram-se a responder sim ou não. A Comissão não perseguiu: condenou-os a um ano de cadeia e a multa de mil dólares. Por aí se vê que às vezes é menos perigoso ser comunista do que não ser coisa alguma... Como resultado uma greve passiva, de protesto, contra certas medidas da diretoria, o diretor da das ocorrências verificadas na Escola Naval a que todos os alunos aderiram, a direção da Escola "solucionou" o caso eliminando dois aspirantes a guarda-marinha, prendendo os sete Chefes de Classe (os melhores alunos da Escola) porque não tiveram força moral para impedir as manifestações e impondo ainda a dezenas de outros aspirantes castigos severos. O motivo, que se afirmava espontâneo, sem chefes e sem líderes, surge agora com uma infinidade de responsáveis, o que mostra o zelo e proficiência da Comissão que realizou o inquérito policial-militar. Parabéns à comissão... O aumento para os comerciantes não foi ainda aceito pelos patrões. Estes alegaram no gabinete do ministro do Trabalho que seria mais interessante que o aumento fosse efetuado espontaneamente pelos empregadores, sem a obrigação de lei. Os empregados não concordaram com a brilhante proposta e prepararam-se para o dissídio coletivo... Chegou o inverno no Rio e a temporada teatral está empolgante. Jaime Costa revive no Gloria a sua criação máxima no papel de D. João VI, em "Carlota Joaquina"; a senhora Henriete Risner Morineau continua com o êxito de "Medeia", no Gí-nástico, o Fenix prepara-se para novas enchenches com a peça "Estrada do Tabacal" (Tabacco Road) que já vimos em filmes com o nome de "Caminho Aspero". Dulcina e Odilon marcam novos êxitos. Procópio e Bibi também. Todos os outros teatros funcionam. Por hoje é só... até sábado...

O TOM NATURAL

identifica

OS NOVOS RADIOS GENERAL ELECTRIC!

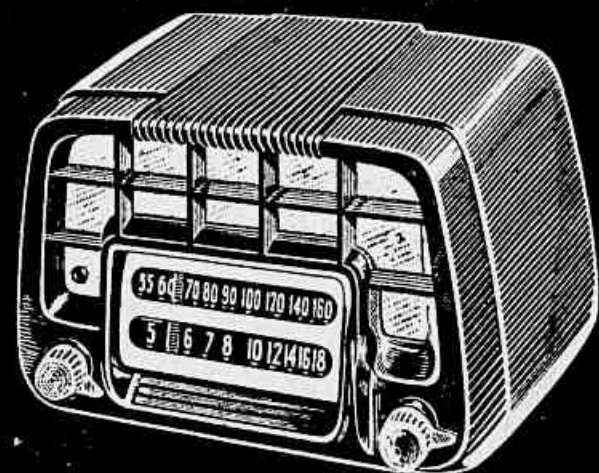


MODELO C-208—Ondas médias e curtas, 8 válvulas, controle de som de 3 tonalidades, compensação automática de volume e 7 faixas de onda sendo 4 ampliadas para recepção exclusiva em 31,25, 19,16 e 13 metros

Só o TOM NATURAL G-E permite-lhe distinguir os tons naturais que dão vida e caracter a cada voz... e a cada instrumento musical. Além dessas características excepcionais os novos rádios General Electric vêm equipados com detalhes técnicos exclusivos que lhe proporcionam recepção nítida e perfeita em ondas médias e curtas. Procure conhecer os novos Rádios G-E...

8274

MODELO X-257 — Lindo móvel de matéria plástica, ondas médias e curtas, 5 válvulas, alto falante Super Dynapower, mostrador horizontal de fácil leitura, duas faixas de onda.



Escolha no mais próximo revendedor o modelo G-E de sua predileção!

GENERAL ELECTRIC

RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — RECIFE — SALVADOR — CURITIBA — PORTO ALEGRE

EU SEI TUDO MAIO

NUMERO ESPECIAL de ANIVERSÁRIO

A ronda das andorinhas (lenda)

CONTOS: O caçador de orangotangos ★ A fuga romântica de um rei ★ A mão decapada

ROMANCES: O macaco de barro ★ Um crime entre as nuvens

GEOGRAFIA E ANTROPOLOGIA: Os pontos nevralgicos da Europa ★ A Ilha do Tesouro ★ Revelando o Brasil: Humberto de Campos (Maranhão)

HISTÓRIA: Judeus e árabes, na Palestina ★ Vasco da Gama, o conquistador das águas ★ Os castelos de Toledo

CIÊNCIA: A química e os crimes ★ A nova lontra prateada ★ O radar e os meteoritos ★ As universidades escocesas ★ A lagarta de prata e a árvore de ouro

ASSUNTOS DOMÉSTICOS: O sentido da beleza no lar moderno

CINEMA: Estúdios e filmes ★ "O Caso Paradine" ★ O "Oscar" de 1947

RÁDIO E TELEVISÃO: Notas radiofônicas

SAÚDE E MEDICINA: Notas, artigos e crônicas

RURALISMO: A vida do campo (Notas, artigos e crônicas)

FILATELIA: No mundo dos selos

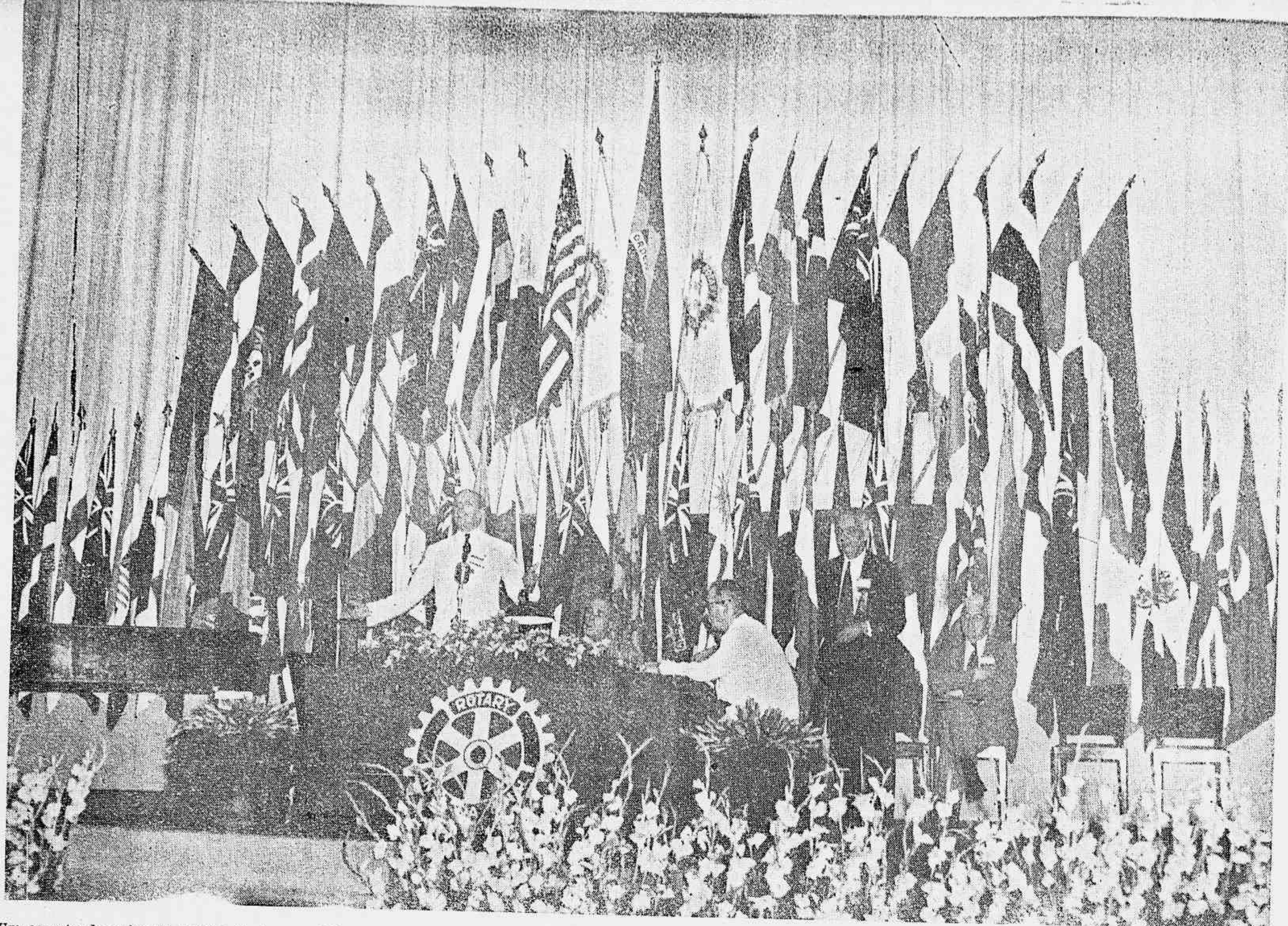
DICIONÁRIOS: Dicionário de nomes próprios

VARIEDADES: Os presos constroem a liberdade

NOTICIÁRIO: Memento do mês de março

ANEDOTAS ★ CARICATURAS ★
INFORMAÇÕES ★ CHARADAS ★ ETC.

A VENDA



Um aspecto do palco do Teatro Fenix, especialmente ornamentado para as conferências que ali realizaram os rotarianos da 39.ª Convenção Anual do Rotary Internacional. Bandeiras de oitenta países serviam de moldura à mesa da presidência. Ali se efetuavam debates em língua espanhola ou portuguesa. O Teatro Municipal foi destinado para a conferências em idioma inglês. A foto acima foi batida quando discursava o rotariano Julio Lavín, do Chile.

OS HOMENS QUE ACREDITAM NA PAZ

SETE mil trezentas e sessenta e uma pessoas reuniram-se no Rio de Janeiro para formular protestos de solidariedade e amizade inter-continetais. Dentro deste mundo que já aceita as guerras como fatalidades, a Convenção Rotariana que se reuniu pela primeira vez num país sul-americano — a trigésima nona desde a fundação do clube — parece algo de extraordinário, senão mesmo de fantástico. Talvez esteja aí o maior mérito: falar de paz e de união entre os povos, quando uma grande parte destes não crê nestas palavras. Esta reunião mundial de rotarianos estava marcada para se realizar no Brasil em 1938. Com o rompimento das hostilidades na Europa, teve que ser adiada até agora. Apesar das dificuldades de transportes que ainda perduram em todo o mundo, representantes de trinta e seis países vieram ao Rio, a maioria trazendo conhecimento pela primeira vez com o Brasil. O carioca teve uma demonstração prática da força do Rotary e muitos perguntavam: — Afinal, que vem a ser isso?

As ruas, praças e avenidas do centro da cidade estavam embandeiradas. Distintos rotarianos foram colocados nos postes de iluminação e nas fachadas das casas comerciais. Dois teatros do Rio — o Municipal e o Fenix — ficaram à disposição dos rotarianos durante os cinco dias que durou a Convenção. Afinal, que agremiação é esta que conseguiu tanta coisa do mundo oficial, que recebeu homenagens da Prefeitura e do presidente da República?

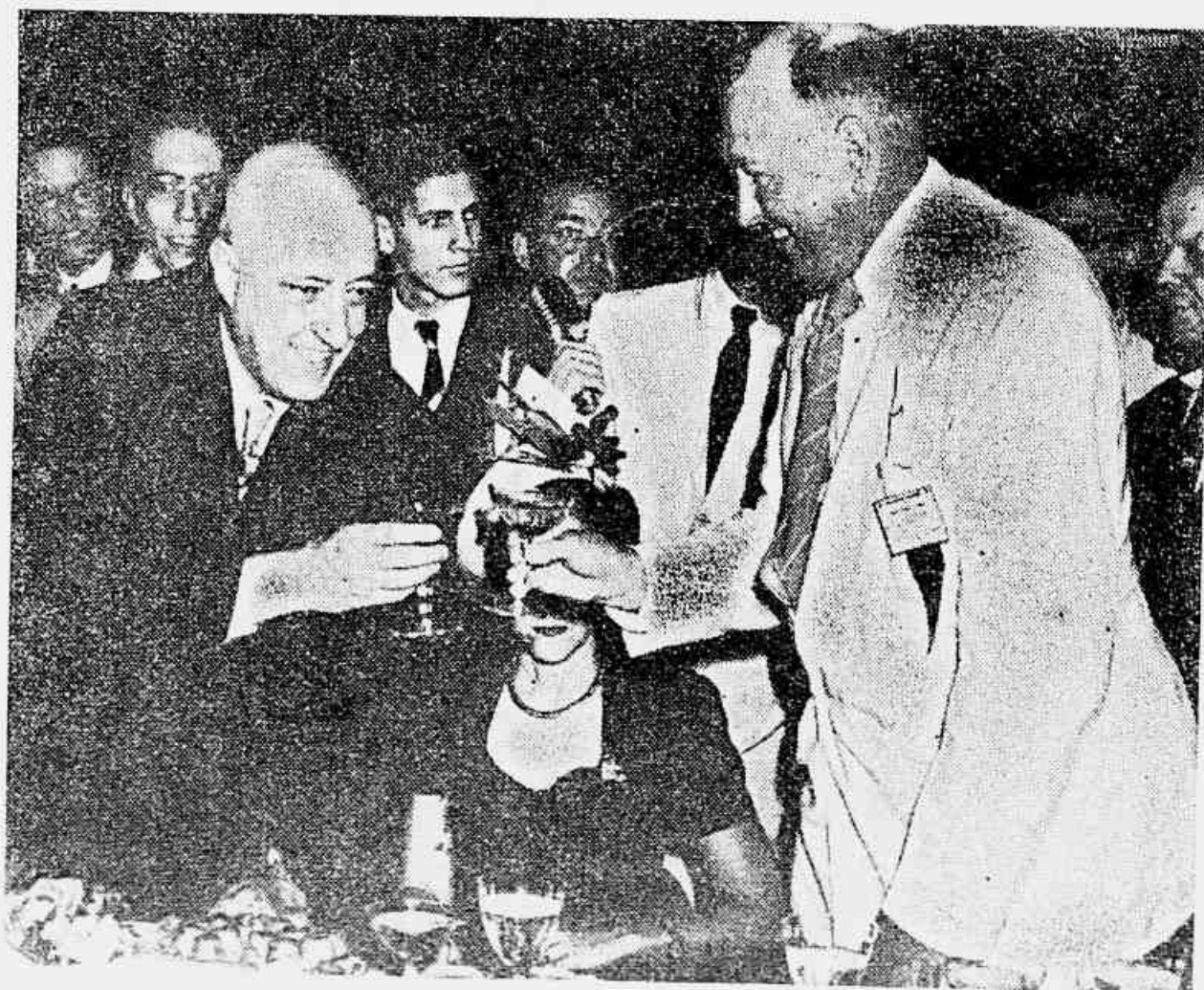
A IDEIA DE UM ADVOGADO

No começo do século, um jovem advogado de Chicago, Paul Percy Harris, notou que os homens que abraçavam profissões diferentes tendiam a isolar-se cada vez mais dos outros profissionais. E isto trazia sérios prejuízos à comunidade. O médico não sabia das necessidades dos engenheiros, estes ignoravam as aperturas dos arquitetos, que, por sua vez, não tomavam conhecimento do

REPRESENTANTES DE TRINTA E DOIS PAÍSES REUNIDOS PELA PRIMEIRA VEZ NUM CONCLAVE ROTARIANO NA AMÉRICA DO SUL — UM ADVOGADO INICIA EM 1905 O CLUBE DO RODÍZIO — O PRIMEIRO ANDAR DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, FILIAL DA TORRE DE BABEL — QUANTO NOS CUSTOU A FESTA VENEZIANA E A "NOITE BRASILEIRA" — QUARENTA MILHÕES DE CRUZEIROS DISPENDERAM OS NORTE-AMERICANOS EM CINCO DIAS

Reportagem de
NEY MACHADO

Fotos de
ARNALDO VIEIRA

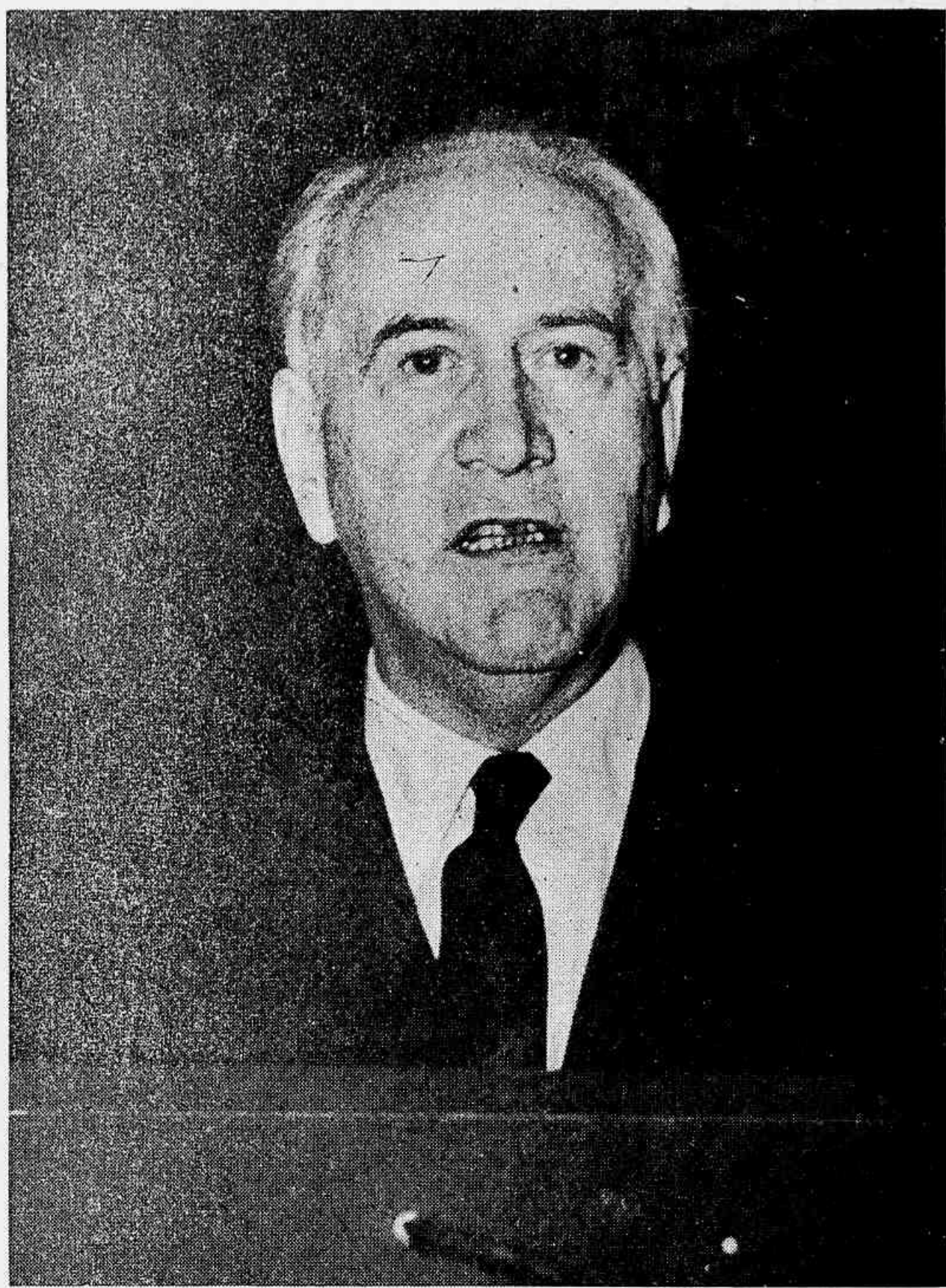


O Prefeito do Distrito Federal, general Angelo Mendes de Moraes, brinda o senhor Hendrick Quernsey, presidente do Rotary Internacional, durante o chá oferecido pelo primeiro ao ilustre visitante no Parque da Cidade, na Gávea.

que acontecia com os fabricantes de roupas, e assim por diante. Inicialmente, Paul Harris escolheu entre os seus amigos aqueles que ocupavam profissões diferentes. Expôs-lhes suas idéias, que foram aprovadas e, em 23 de fevereiro de 1905, o novo clube realizava a sua primeira reunião. Numa demonstração de que deveriam zelar pelos interesses de todos, encontravam-se cada semana no local de trabalho de um dos sócios, fazendo o rodízio, de onde nasceu o nome de Rotary. O número de sócios aumentou rapidamente e tiveram, então, que escolher uma sede para as reuniões semanais. A fim de que houvesse maior camaradagem, encontravam-se sempre à mesa, durante um jantar ou almoço festivo. No Rotary Club do Rio de Janeiro esses encontros realizavam-se todas as sextas-feiras, no tradicional almoço do Automóvel Clube.

A EXPANSÃO MUNDIAL DO ROTARY

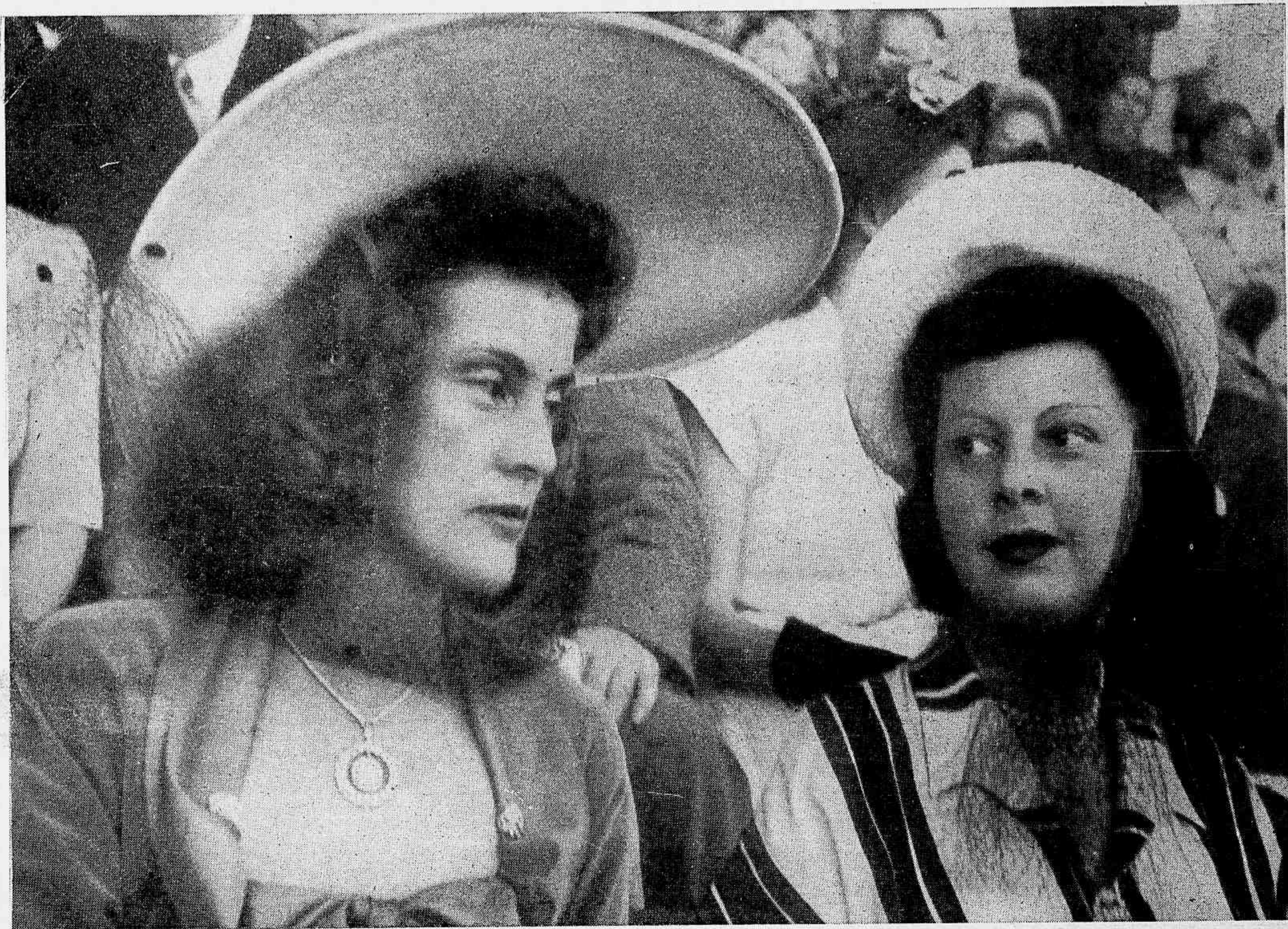
Três anos depois da fundação do clube de Chicago, surgia o Rotary Club de São Francisco, na Califórnia. Em 1910, cinco anos após, existiam nos Estados Unidos dezesseis clubes rotários, e em 1912 iniciava-se a expansão por outros países do mundo. Foram inaugurados clubes idênticos no Canadá, na Irlanda, na Inglaterra, em Cuba (o primeiro da América Latina), nas Filipinas, na Ásia, em Madrid, em Joanesburgo, a grande cidade da África do Sul, etc. No Brasil o primeiro Rotary foi o do Rio de Janeiro, fundado a 15 de dezembro de 1922. Hoje existem no país quase duzentos clubes rotários, com cinco mil sócios inscritos. A força de propagação desta agremiação é tão poderosa que, segundo as estatísticas do Rotary Internacional, em cada semana cinco novos clubes abrem suas portas em várias cidades do globo. O Brasil já figurou entre os países que tiveram um dos seus membros eleitos como presidente do Rotary Internacional. Isto aconteceu em 1940, quando foi sufragado o nome do paulista Armando de Arruda Pereira



Ao alto, à esquerda: o Presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, lendo o seu discurso com que saudou os rotarianos de todo o mundo, ao inaugurar oficialmente a 39.^a Convenção Anual do Rotary Internacional, no dia 16 próximo passado, na praça de esportes do Fluminense. À direita: o ministro Oswaldo Aranha, quando proferia o seu magnífico discurso no Teatro Municipal, no dia 20 de maio, na sessão de encerramento, no qual realçou o sentido construtivo e pacifista da obra rotária dentro de um mundo que já começa a crer na fatalidade da guerra. Em baixo, à esquerda: o senhor August S. Mitchell, eleito no Rio de Janeiro presidente do Rotary Internacional para 1948-1949. August Mitchell foi diretor de uma firma de corretagem de cereais. Atualmente é diretor de moinhos de farinha, em Melbourne, Austrália. À direita, o ex-presidente do Rotary Internacional Hendrick Guernsey, cujo mandato terminou nesta Convenção.

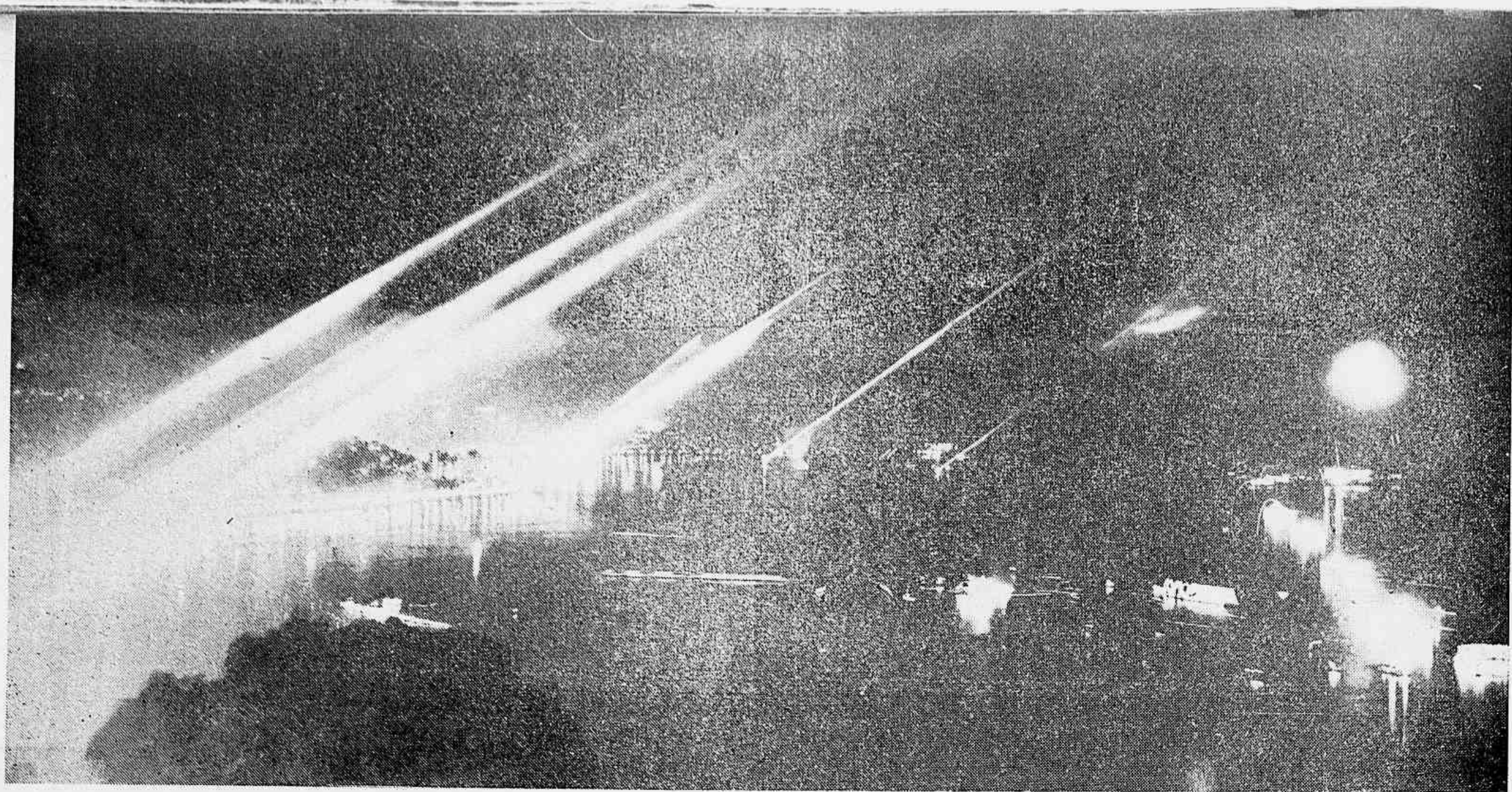






Na página ao lado: um grupo de senhoras, espôsas dos rotarianos que nos visitaram, aguarda junto ao Ministério da Educação os ônibus especiais que as levarão às residências de rotarianos brasileiros para os almoços íntimos, oferecidos pelas espôsas dos rotários patricios. O repórter achou "very curious" o banquinho da dama americana, ótimo para as filas do Rio e a senhora achou "very curious" o Inglês do repórter. Nesta página tres flagrantes de senhoras e senhoritas brasileiras que confraternizaram com as visitantes durante a tarde de domingo, no hipódromo do Jockey Club Brasileiro. Em cima estão as senhoras Comandante Anibal Lobo e Comandante Ribeiro Spindola. Em baixo, as senhoritas Maria Inês Perlingeiro, de Pádua, Estado do Rio, e Maria Ruth Pinto Aleixo, filha do senador Renato Pinto Aleixo.





A Festa Veneziana, promovida pelo Rotary Club do Rio de Janeiro em combinação com a Prefeitura do Distrito Federal, atraiu as atenções de toda a população. Desde as comemorações do centenário, em 1922, o cariceca não via coisa semelhante. Nesta página e na página ao lado apresentamos três aspectos da baía de Guanabara, em frente à enseada do Flamengo durante a noite feérica. Navios de guerra, veleiros, barcos a remo dos clubes de regatas, lanchas granfinas, barcos humildes das colônias de pesca, tudo participou do desfile, iluminados, soltando foguetões, acendendo lanternas e faróis. Grandes refletores do exército malhaviam o céu negro, com faixas brancas e inquietas. Somente a parte pirotécnica decepcionou um pouco. Trezentas mil pessoas se comprimiram no trecho do cais que vai da Praça Paris à avenida Oswaldo Cruz.

Fomos o oitavo país a realizar uma Convenção Internacional. Trinta convenções foram realizadas nos Estados Unidos, o que se justifica por existir lá o maior número de clubes rotários. O Rotary está hoje espalhado por oitenta países do mundo, contando em suas fileiras homens de todos os credos políticos — comunistas, fascistas, democratas — de todas as religiões e até sem nenhuma — budistas, católicos, protestantes, espíritas, ateus — congregando todas as profissões imagináveis do planeta entre os seus trezentos e vinte mil associados. Nesta cifra não é computado o número das esposas e filhos dos sócios. Se isso fosse anotado, teríamos o total de um milhão de pessoas que professam os ideais de Paul Harris.

OS PRINCÍPIOS ROTÁRIOS

Em tudo quanto é prospecto, revista ou boletim aparecido durante a trigésima nona Convenção, os leitores poderiam saber dos quatro pontos básicos do Rotary. Vamos transcrevê-los do livrinho das seções: 1º) desenvolvimento do companheirismo como elemento capaz de pro-

porcionar oportunidades de servir; 2º) o reconhecimento do mérito de toda ocupação útil e a difusão das normas da ética profissional; 3º) a melhoria da comunidade pela conduta exemplar de cada um na sua vida pública e privada; e 4º) a aproximação dos profissionais de todo o mundo, visando a consolidação das boas relações, da cooperação e da paz entre as nações. Existe ainda um lema rotariano, muito difundido: «Dar de si, sem pensar em si». Depois de conhecidos os objetivos desse milhão de pessoas, recrutadas entre os mais destacados elementos de cada profissão, pode-se compreender por que foi magnífica a recepção dada pelo governo brasileiro e pela municipalidade aos representantes das trinta e seis nações que nos visitaram.

VIDA INTERNA DA CONVENÇÃO

A Trigésima Nona Convenção do Rotary Internacional iniciou-se oficialmente no dia dezesseis de maio passado. Durante todo esse dia foram registrados os nomes e entregues as credenciais aos

rotarianos de casa e aos visitantes. Isto foi feito no primeiro andar do Ministério da Educação, convenientemente adaptado e onde passaram a funcionar os postos das vinte comissões e sub-comissões, promotoras e organizadoras do programa. Durante todos os cinco dias que durou a Convenção, a Casa da Amizade viveu dias trabalhosos e festivos, sempre cheia de convencionais, visitantes, representantes da imprensa, tudo dentro de uma azáfama e de um corre-corre de estonteir. Funcionavam também os postos do Banco do Brasil — Carteira de Câmbio — e dos Correios e Telégrafos. As quatro companhias telegráficas estrangeiras também ocupavam um «bureau», expedindo centenas de telegramas por dia, a maioria para os Estados Unidos. Os textos deles eram todos cheios de entusiasmo pela terra que viam pela primeira vez. Conseguimos acotar um que dizia o seguinte para alguém do North Carolina: — «Gloriosa recepção rotarianos Rio. Amizade demonstrada calorosamente, tal como o clima». Outro americano dizia para a esposa que ficara em Nova York: — «Amizade do Rio sincera. Rotarismo em ação. Hospitalidade

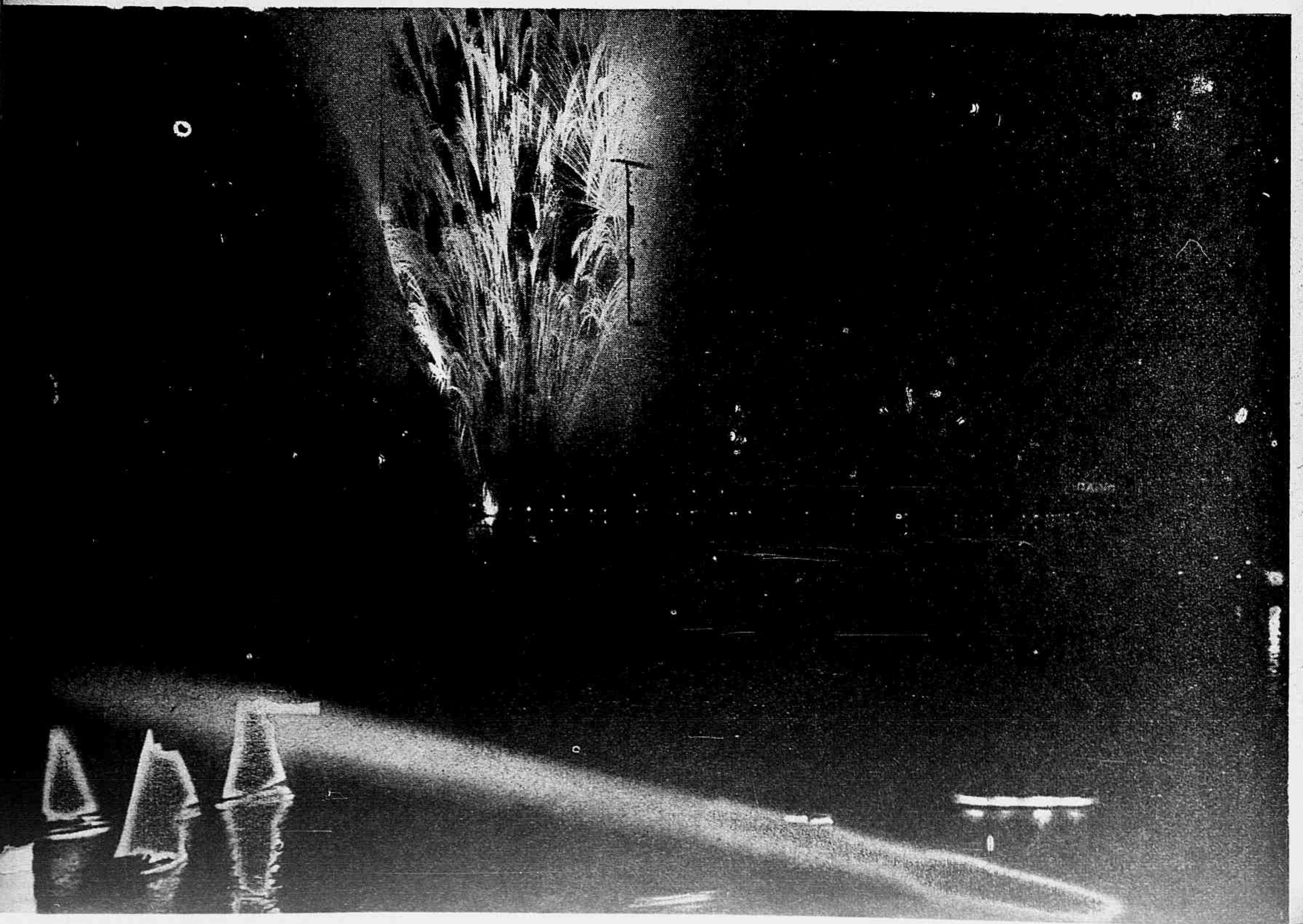
suprema». Esta hospitalidade suprema era talvez um otimismo advindo da recepção que tiveram, pois muitos dos rotarianos não puderam abandonar os dois navios que os trouxeram, por falta de acomodações nos hotéis. O «Uruguai» e o «Niele Amsterdam», ancorados junto à praça Mauá, servia-lhes à noite de dormitório. Além do Ministério da Educação, também a Associação Brasileira de Imprensa, por intermédio do seu presidente, sr. Herbert Moses, pôs à disposição dos visitantes as dependências da sua sede e ali funcionaram vários departamentos e realizaram-se conferências de delegados rotários. A Prefeitura cedeu-lhes os teatros Fênix e Municipal para as sessões plenárias. No Municipal realizavam-se as sessões para os que falavam inglês, e no Fênix para os que falavam espanhol e português. A primeira sessão plenária, que teve o caráter de abertura oficial da Convenção, realizou-se no campo do Fluminense Futebol Clube, contando com a presença do presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, e do prefeito do Distrito Federal, general Ângelo Mendes de Moraes, além de outras autoridades.

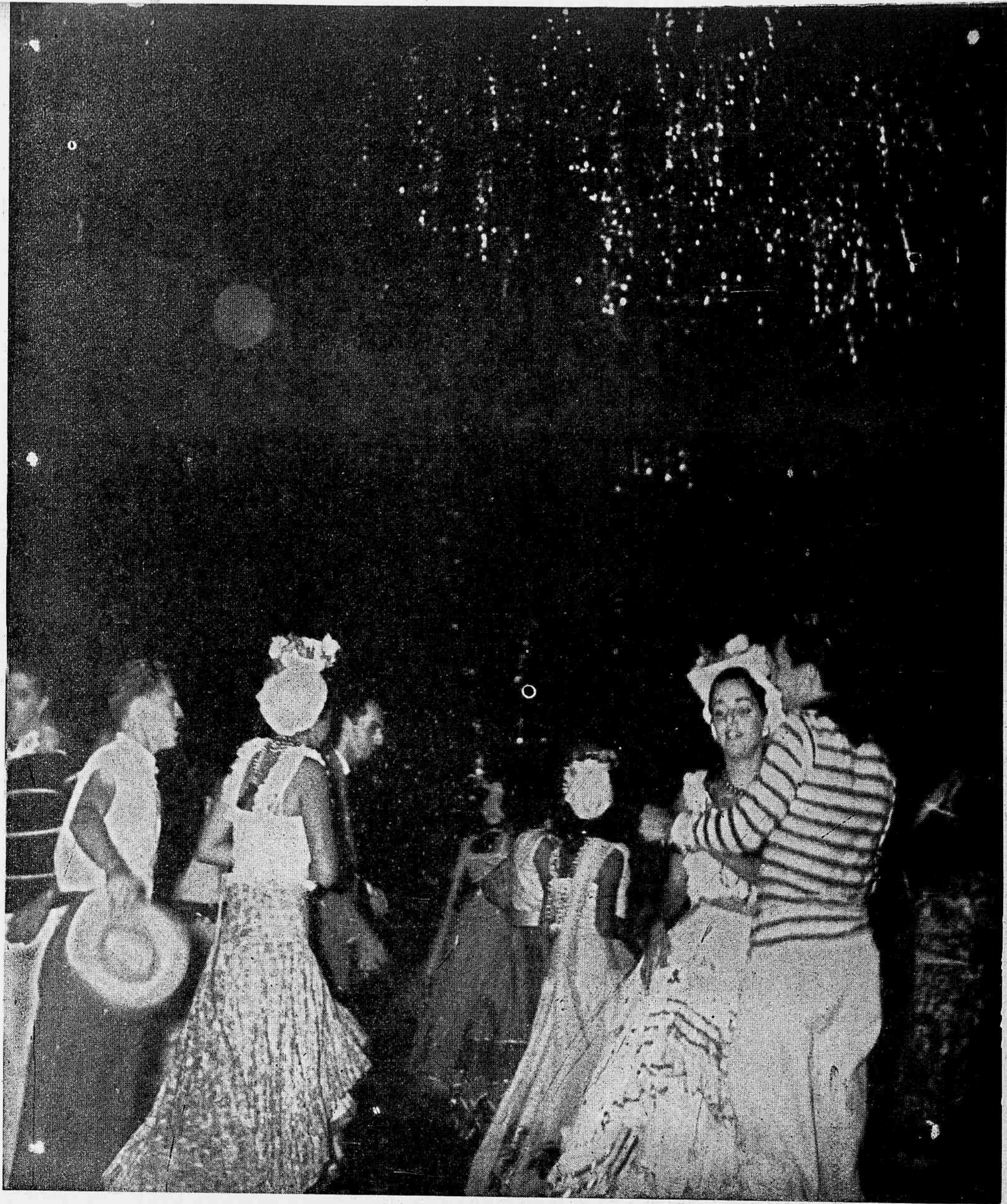




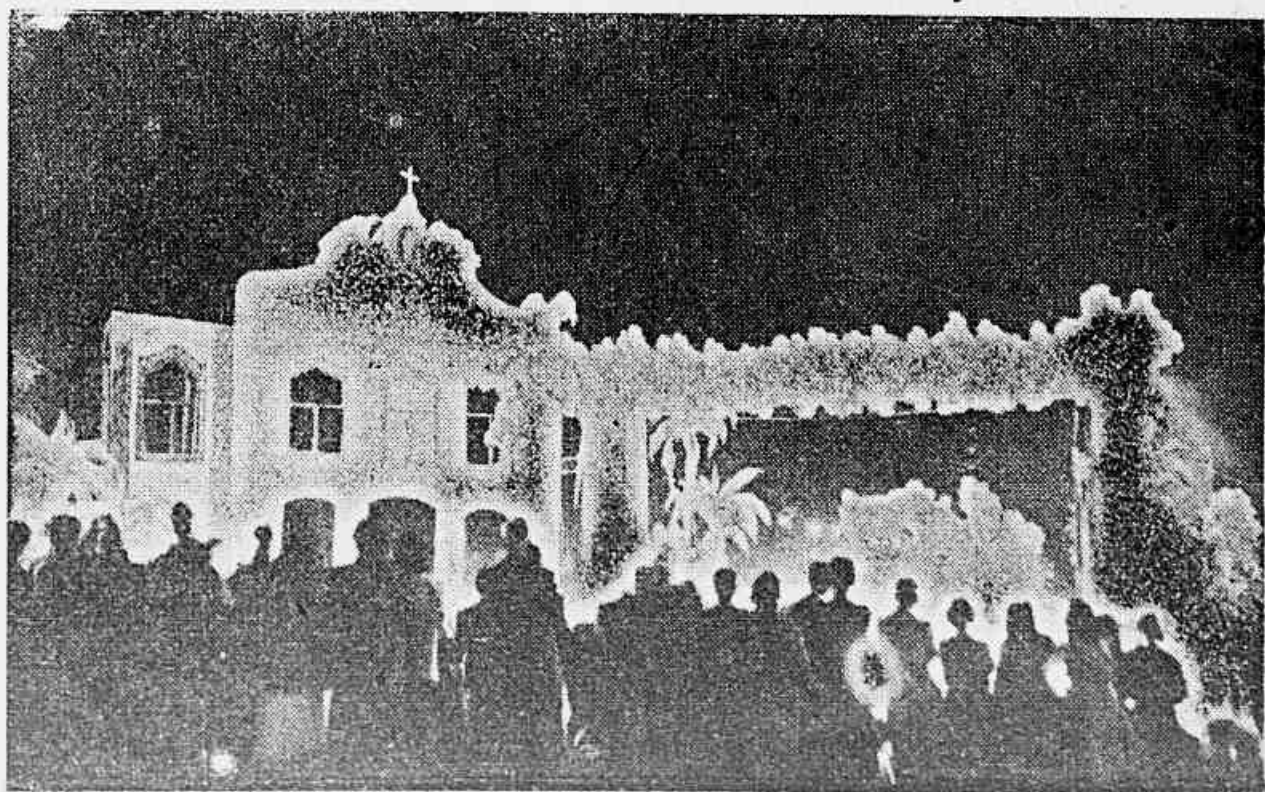


Em cima: aspecto de como ficaram as árvores da Praia do Flamengo, junto às arquibancadas armadas ao longo da avenida. Todo o mundo queria ver o desfile e os fogos de artifício. Os edifícios da praia tiveram as suas varandas e janelas invadidas por toda a família e pelos conhecidos do morador de cada apartamento. Todos preferiam assistir de camarote à Festa Veneziana. Em baixo: outro detalhe da Baía, vendo-se ao longe as fantasias de um fogo de artifício.





Estamos agora na Quinta da Boa Vista, na noite de 19 de Maio, que se chamou de acôrdo com o catálogo informativo "Noite Brasileira". Foi a mais linda das festas oferecidas aos rotarianos durante a Convenção. Quadros e paisagens do Brasil, músicas, danças, folclóre desfilaram durante quase duas horas para a heterogênea assistência. Depois da apresentação houve um baile gigantesco, miniatura do carnaval carioca, em que todos tomaram parte. Quatro mil pessoas ballando e girando sem parar. Hindús autênticos pulavam com baianas autênticas! Circunspectos Ingêleses sambando e cantando "O que é que a balana tem"! Se a alegria conduz à amizade, nós fizemos naquela noite milhares de amigos.





Outro aspecto da "Noite Brasileira". O ritmo gostoso do maracatu, desconhecido para a totalidade dos estrangeiros, caiu endemoninhado sobre as bailarinas. Dai a pouco, na hora do baile, quem e que não sabia dançar o maracatu?...

AS FESTAS — QUANTO SE GASTOU

Antes da sessão plenária no campo do Fluminense, os rotarianos começaram a receber várias homenagens. A primeira foi no Jockey Club Brasileiro. Ao hipódromo acorreram quase todos os convençionais. Dali seguiram para o Parque da Cidade, na Gávea, onde o prefeito lhes ofereceu um chá. Discursaram nessa ocasião o prefeito e o sr. Hendrick Guernsey, presidente do Rotary Internacional. Não fôra o congestionamento do tráfego na subida para o Parque, e a festa municipal teria corrido impecável. Mais de oitocentos automóveis entupiram durante quatro horas a estrada asfaltada que dá acesso ao ex-palácio dos Guinle. No dia seguinte, segunda-feira, houve de manhã e à tarde conferências nos dois teatros. A noite, realizou-se na enseada do Flamengo a esperada Festa Veneziana. Esta fôra amplamente noticiada pela imprensa e o povo já a aguardava ansioso, às vinte e um horas, quando

deveria começar o desfile dos barcos iluminados e a queima de fogos de artifício. Para os da nova geração seria um espetáculo inédito. Para os maiores de trinta e cinco anos havia a recordação da festa veneziana havida em 1922, por ocasião das comemorações do centenário da nossa Independência. A noite chegou, um pouco chuvosa, e às nove horas em ponto os grandes barcos da nossa Marinha de Guerra acenderam as suas luzes. As águas da baía estavam quietas e sobre elas iniciou-se o desfile das gôndolas, dos barcos, das lanchas, quase todos iluminados artisticamente. De alguns barcos explodiam fogos de artifício. No Flamengo, da praça Paris até a curva da Amendoieira, apinhavam-se trezentas mil pessoas. No palanque Central estavam o presidente do Rotary, o prefeito, seradores, vereadores e outras autoridades. No Calabouço e na praia da Urca iniciou-se o espetáculo pirotécnico. É preciso que se diga que este foi falho e não correspondeu ao que se esperava. O povo

aguardava qualquer coisa de feérico e monumental — tal como se anunciara — e viu somente uma pobre pirotécnica, tal como já conhecia das festas juninas habituais. Entretanto, o espetáculo da baía compensou a falha. Na terça-feira continuaram as sessões em língua inglesa, espanhola e portuguesa. A noite, houve o baile de gala, no ex-Cassino Atlântico, que se prolongou até as cinco horas da manhã. No dia seguinte, penúltimo da Convenção, realizou-se a mais linda das festas em homenagem aos convençionais. Foi a «Noite Brasileira», na Quinta da Boa Vista. Num imenso tablado desfilaram para o encantamento dos presentes, cenários reproduzindo regiões, fazendas, igrejas e ruas brasileiras. Costumes, danças e músicas típicas foram magnificamente interpretados por algumas dezenas de artistas e por moças e rapazes da nossa sociedade. Ao todo, trezentas pessoas participaram como figurantes nas danças, quadros e nas massas corais. Terminado o espetáculo, houve

um baile ao ar livre, do qual participaram cinco mil pessoas. Verdadeiro carnaval carioca, reeditado no mês de maio. A Convenção Internacional terminou quinta-feira, dia 20, com uma sessão plenária no Teatro Municipal. Entre os oradores destacaram-se o embaixador Osvaldo Aranha, o sr. Armando de Arruda Pereira e o sr. Fernando Carbajal, estes dois últimos ex-presidentes do Rotary Internacional. Estas festas custaram aproximadamente cinco milhões de cruzeiros, tendo o Governo Federal auxiliado o Rotary com metade dessa importância. Também a Prefeitura prestou inestimáveis auxílios, organizando a Festa Veneziana e a da Quinta da Boa Vista. Sabemos que as arqui bancadas armadas na praia do Flamengo custaram duzentos e trinta mil cruzeiros à Prefeitura. Mas tudo isso valeu, como demonstração da nossa hospitalidade, sendo compensado pelo conhecimento e ligações que tantas figuras ilustres ficaram tendo do nosso país.

A fotografia dá uma pálida (seria melhor dizer difusa) idéia da multidão que compareceu à Quinta da Boa Vista para a festa rotária. Nunca o velho solar dos imperadores assistiu à tanta alegria e graça reunidas.





Esta página apresenta outros aspectos da "Noite Brasileira". Diversas danças do Brasil desfilaram no palco, interpretadas por trezentos figurantes. O samba, o frêvo, o jongo, o maracatú, a quadrilha, o corta-jaca, enfim tudo o que se dança nos vinte e um Estados da União. Um americano perguntou se estávamos apresentando tôdas as danças do universo. Um carioquinha respondeu, enfatuado: — "Não, "mister", tudo isso é nosso. E fomos obrigados a cortar muita coisa do programa, porque o tempo é pouco".





Alida Valli se chama, na verdade, Alida Altenburger. Nasceu em Trieste. Fugiu de casa para ser atriz. Sabia o que fazia. Tem fotogenia até dizer "chega!". Ai está ela, em duas fotografias, numa das quais aparece o ator Fred Mc Murray.

ALIDA VALLI FUGIU DE CASA...

MAS SABIA O QUE ESTAVA FAZENDO... — COMO A MOCINHA DE TRIESTE VENCEU EM ROMA E EM HOLLYWOOD

Por RUGGERO JACOBBI

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

EM 1936, apresentou-se na Escola Experimental de Cinematografia, em Roma, uma menina de 17 anos, provinda de Trieste. Chamava-se Alida Altenburger e trazia debaixo do braço um guarda-chuva enorme, para se defender contra as ameaças do outono romano. Foi classificada em primeiro lugar no concurso para atrizes. A direção da escola teve, porém, que fazer grandes esforços para convencer os pais da menina a deixá-la ingressar no primeiro ano do curso. Ela havia fugido de casa e tinha-se apresentado à comissão julgadora com

documentos falsos, afirmando ter 22 anos, idade que a teria dispensado da aprovação da família.

Os pais deixaram-se convencer, porém não por completo. Alida que ficasse em Roma, desde que ela assim quisesse; mas que ficasse à sua inteira custa, sustentando-se com o subsídio escolar, a que tinha direito por motivos de sua classificação. Isso significava, praticamente, morrer de fome. Alida fez três ou quatro meses de acrobacias financeiras e depois decidiu apressar o ritmo de sua aventura cinematográfica, jogando de

uma vez a cartada decisiva. O crítico Francesco Pasinetti compreendeu a situação e começou a ajudá-la, publicando nos jornais fotografias de Alida Valli, pseudônimo que ele mesmo dera à menina e que ela achava horrível, não tendo até hoje mudado de opinião sobre esse ponto.

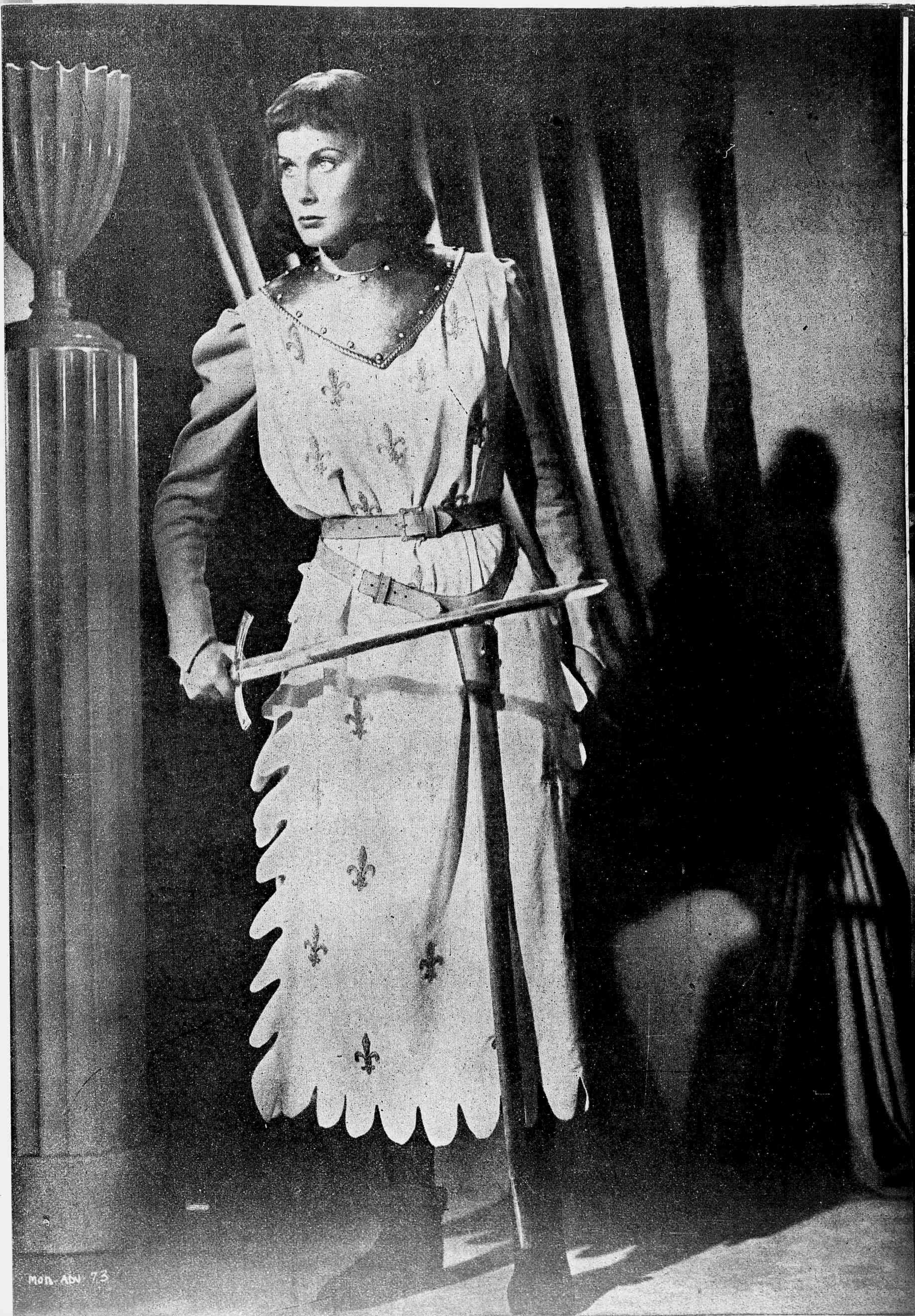
Criou-se certo mistério em torno da «cara nova». Ao fim de poucas semanas, o produtor Amato e o diretor Max Neufeld realizaram um teste. O resultado foi sensacional. Alida Valli guarda ainda hoje, numa lata enferrujada, aqueles

poucos metros de celulóide, que revelaram o rosto mais fotogênico do mundo. Sobre essa fotogenia nunca houve um instante de dúvida: Alida Valli é uma dessas artistas que podem ser fotografadas em qualquer situação e com qualquer iluminação, sem perder beleza nem personalidade. O que deixou um tanto embaraçados Amato e Neufeld foi a tremenda inexperiência de Alida na arte de representar. Ela ignorava tudo, até os pequenos truques convencionais que

(Cont. na pág. 54)

Alida Valli estreou em Hollywood no filme intitulado "The Paradine Case", de David O. Selznick. Agora, acaba de fazer "The Miracle of the Bells", na RKO, acompanhada de dois autênticos "canastrões", — Frank Sinatra e Fred Mac Murray. Coitadinha... Na página ao lado, a ex-Alida Altenburger, em uma cena do seu último filme, em uma cena do qual interpreta o papel de Joana D'Arc.





OS DIABÉTICOS PODEM LEVAR UMA VIDA ACTIVA E SAUDÁVEL



Se há poucos anos você fosse atacado de diabete, estaria condenado à morte. Hoje em dia um diabético pode viver tanto quanto uma pessoa normal!

Que sabe você sobre diabete? A diabete é causada por uma perturbação do pâncreas, em virtude da qual seu organismo não pode reter o açúcar. E sem açúcar, você ficará privado de uma fonte vital de calor e energia.

Em 1922 os cientistas isolaram a insulina... um extracto pancreático que restabelece a capacidade orgânica de reter e armazenar o açúcar. Seu efeito é rápido — porém só traz alívio por poucas horas. Agora existe uma insulina de acção mais lenta, que perdura por 24 horas. Felizmente, há grande quantidade de insulina. E está sendo constantemente aperfeiçoada, tornando-se o seu custo cada ano mais baixo, também!

QUANDO A DIABETE O ATACA

V.S. sente:

Apetite exagerado
Sede insaciável
Micção frequente
Perda de peso
e resistência

Seu médico descobre:

Açúcar na urina
é excesso
no sangue

A diabete é como um fogo oculto. Ignorada no início, pode entretanto manifestar-se com violência de um momento para outro!

Quem está mais sujeito a contrair diabete? Em geral as pessoas entre 30 e 60 anos cujo peso é excessivo, ou com algum antepassado diabético. 17 entre 20 diabéticos são excessivamente gordos. Quando uma pessoa come demais, as células produtoras de insulina do pâncreas ficam sobrecarregadas... podem ficar inutilizadas.

Podem também ser prejudicadas por excesso de trabalho, ansiedade ou algum choque emocional. Nem sempre os sintomas típicos apontados acima se manifestam. Eis porque um exame de urina deve fazer parte da sua próxima consulta. Assim a diabete poderá ser descoberta com toda a certeza e antecedência — tornando-se fácil ao seu médico o seu controle.



Faça da derrota um triunfo! Forme uma frente única com seu médico, estudando um regime adequado e seguindo-o fielmente!

A diabete não se cura com uma Lâmpada de Aladim! Mas um regime dietético, insulina e exercícios — aconselhados por seu médico — podem operar milagres! Ele lhe dirá qual a quantidade de insulina de que você necessita. Você comerá os mesmos alimentos que sua família — mas em proporções diferentes. (Graças à insulina, você não ficará escravizado à mesma dieta restricta de anos atrás).

E lembre-se — seu médico poderá descobrir a diabete e controlá-la, prevenindo grande número de complicações.

• Você verá o nome SQUIBB nas prateleiras de sua farmácia. Nas receitas de seu médico também. Porque SQUIBB é um dos maiores fabricantes do mundo de penicilina, estreptomicina, vitaminas, anestésicos, hormônios e outros medicamentos receitados pelo seu médico, para restabelecer ou assegurar sua saúde. Desde 1858 os Laboratórios de Pesquisas de Squibb têm descoberto, aperfeiçoado e produzido medicamentos para melhorar o padrão de saúde e aliviar o sofrimento humano em todo o mundo.



SQUIBB

PRODUTOS FARMACÊUTICOS

A PRESENÇA do MEDO

Conto de
LUIS CANABRAVA

Ilustração de
A. ZALUAR

CONSTANÇA olhou pela janela aberta e estremeceu. Lá fora, o riacho corria apressado na noite negra da fazenda. Soprava um vento de chuva e trazia consigo o barulho da água corrente. Uma porta bateu com a ventania. Constança virou a cabeça e fitou a mãe. D. Madalena fazia crochê. O pai fumava, sentado na cadeira de pano e Clotilde, a irmã mais velha, lia à luz bruxuleante do lampião. Nenhum deles parecia notar a sua agitação, nenhum deles tremia igual a ela ao pensar na escuridão da noite. Era aquela a sua hora maldita, cheia de inquietude, povoada de fantasmas e a causa de todos os seus temores e preocupações.

Tinha, durante o dia, o pensamento constantemente voltado para o momento das trevas e agitava-se com o anoitecer, pensando na escuridão que viria em seguida. Rezava pelas almas dos que conhecera em vida e por aqueles de quem já ouvira falar. Nada, porém, lhe acalmava os nervos, suas preces não rem diavam o medo, nem lhe traziam paz ao coração. Vinham-lhe sempre lúgubres e pesadas, estranhas e sinistras alucinações com o crepusculo.

Constança ousou relancear, de novo, o olhar pela janela. A noite continuava negra e o riacho corria na ventania de chuva.

Clotilde fechou o livro que estivera lendo e levantou-se.

— Parece que vai chover, já vou dormir. Benção, pai benção mãe.

Constança, apressada e automaticamente, repetiu-lhe as últimas palavras e seguiu-lhe os passos.

Da porta, Clotilde voltou-se para dizer:

— Mamãe, a senhora precisa dar um jeito nesta menina! Ela não me deixa dormir, me chama a noite inteira. É um medo, que Deus me livre!

Constança não prestou atenção a sua queixa, aconchegou-se mais a ela na passagem do corredor escuro.

Entraram no quarto. Chegava até lá um forte cheiro de café torrado. A preta Brasileira ainda trabalhava na cozinha.

O vento estava mais forte e, entrando pelas frestas da janela, ameaçou apagar a lamparina.

Clotilde despiu-se e deitou-se. A irmã sentou-se ao seu lado. Era magra, pequena para os dezoito anos que completara havia pouco, e possuía olhos verdes e como que temerosos de divisar, a cada momento, uma mão des-carnada que para eles se dirigisse.

— Tide, deixa eu dormir com você! — suplicou.

— Acho melhor você deitar na sua cama e me deixar sossegada.

— Deixa, Tide, pelo amor de Deus!

Havia tanto pavor nos olhos de Constança, que Clotilde achou melhor tranquilizá-la.

— Deixa de bobagem, menina! Eu não estou aqui? Você me chama, se quiser.

Já se deitara, quando Clotilde soprou a luz. A escuridão pesou-lhe em volta, total e inevitável. Cobriu a cabeça e começou a rezar. Mas, não atentava nas palavras da oração, tinha os ouvidos alertas aos rumores de fora. Pôde perceber quando os pais se retiraram da sala, ouviu o barulho de Brasileira ao fechar a porta dos fundos.

Veio depois um silêncio profundo, quebrado apenas pelo intermitente uivar do vento, pelo barulho do filtro, pingando água, e o do relógio, pingando os minutos no tempo.

Constança sentiu a garganta apertada e quis chamar Clotilde. Temeu, entretanto, o som da própria voz e alarmou-se, pensando numa provável resposta de além-túmulo. Mal respirava. Aventurou-se a gemer, quando percebeu a irmã mexendo-se na cama:

— Tide, Tide!

Como Clotilde não respondesse, ela virou-se cuidadosamente para o canto.

Esteve ofegante, com a cabeça ardendo e a impressão de imenso vácuo em seu redor. Ouviu bater onze horas e, de repente, sentiu uma invisível presença no quarto. Uma névoa densa perturbou-lhe os sentidos e entrou num ilimitado e frio mundo, povoado de espíritos.

O vento zunia nas persianas e, agora, era mais distinto o barulho das águas do riacho.

Constança acordou no meio da noite e, sem saber como, achou-se de pé. Chegava-lhe aos ouvidos um longo silvo, vindo do corredor. Deixou-se ficar, petrificada de pavor por alguns instantes, e jogou-se depois na cama da irmã:

— Tide, Tide!

(Continua na Pág. 53)



SELECIONADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"

Os velhos

TODAS as noites, das nove às onze, se reuniam num cantinho do café do Ocidente dois velhos a quem os outros fregueses chamavam "As tesouras". Ali mesmo se tinham conhecido e o pouco que sabiam um do outro era o seguinte:

D. Francisco era solteiro e reformado; vivia sozinho com uma criada velha e com um cãozinho d'água muito guloso, que levava ao café para o presentear com os sobejos dos torrões de açúcar. D. Pedro era viúvo e reformado; tinha uma filha casada, de quem vivia separado por causa do genro. Nada mais sabiam. Os dois tinham sido pessoas da alta roda.

Iam para o café, para descarregar a bilis em monólogos dialogados, amodorrados pela carícia de conversas idiotas, e respirando calor humano.

D. Pedro odiava o cão do amigo. Costumava levar para casa as sobras do açúcar para adoçar o copo d'água que tomava ao levantar da cama. Havia entre ele e o cãozinho uma luta silenciosa pelo açúcar que os vizinhos deixavam. Quando D. Pedro via o cão encarapitar-se na mesa, a lamber o focinho, retirava, tremendo, os seus torrõesinhos de açúcar. Por vészes, enquanto falava, pisava como por descuido a cauda do cão, que se ia refugiar junto do dono.

Este, embora sem a conhecer, odiava a filha de D. Pedro. Estava farto de o ouvir falar nela como sendo a sua glória e o seu consólo: minha filha para aqui, minha filha para acolá; sempre a filha! Quando o pai se queixava do sem-vergonha

do genro, dizia-lhe o dono do cão:

— Convença-se, D. Pedro. A culpa é da sua filha; se lhe quisesse como a um pai, tudo se havia de arranjar... Quer mais ao marido! E é natural! Sua mulher fazia o mesmo.

O coração do pobre pai encolhia-se de angústia ao ouvir isto, e o seu pé procurava a cauda do cãozinho.

Um dia o cão comeu, depois dos torrões do dono, os de D. Pedro. No outro dia este, com dignidade majestosa, meteu ao bolso, depois dos seus torrões, os do cão. Depois do que falaram, durante muito tempo, da falta de justiça neste mundo.

Terríveis eram as conversas dos velhos; tinham um prazer solitário e mútuo nas pausas do próprio monólogo; ouvia cada um as frases do monólogo do outro, sem se inteirar da dor petrificada que as provocava; escutavam-nas, espectadores serenos, como ecos puros que não se sabe de onde saem. Ouviam o eco da própria alma, sem chegarem à alma de onde ele partia.

Mal se achavam os dois juntos, no café, começavam logo as tesouradas por um "que há de novo?", para concluir com um "miséria pura! tudo está perdido!". O prazer de ambos era mexer com tudo, emporcalhar tudo, para desdenhar do mundo.

Não reproduzirei aqueles monólogos tal como se verificavam; prefiro expor-lhes a melodia pura.

— Procure o senhor ser um homem honrado, D. Francisco, e chamá-lo-ão bobo...

— Com razão!

— Resignação! é o que pregam os que se resignam a viver bem. Por me resignar, me esmagaram!...

— E a mim, por protestar!

— A vida é dura, D. Pedro! Sempre escondi minhas necessidades, e quase cheguei mesmo a morrer de fome em atitude nobre, como um gladiador que luta pela comida... Oh! E' preciso saber fazer com que brilhe um remendo cosido com arte. Eu não soube choramingar a tempo. Sempre solteiro, jamais teria podido satisfazer o desejo de casar, porque me tiravam o pão pais de família que tinham as lágrimas fáceis sempre à mão. Eu engolia as minhas...

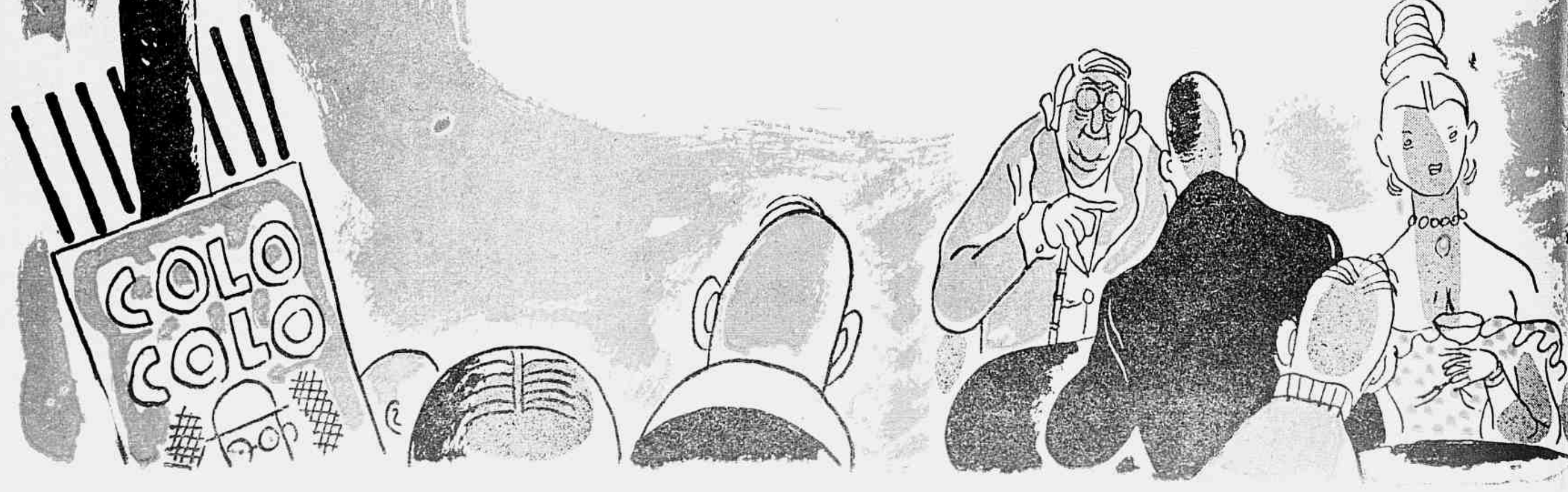
— Eu fui casado; os solteiros eram só uma boca, corriam sem carga, contentavam-se com menos... Nada pude contra eles...

— Pude ser bandido e não quis ser...

— E eu quis sê-lo e não o consegui; não fui capaz...

— Dizem agora que na luta pela vida vence o mais apto. Olhe que luta! O mais apto? Mentira, D. Pedro.

— Verdade, D. Francisco! Vença o mais inepto, porque é ele o mais apto. Todos lutam para ver quem mais se rebaixa, quem mais se automatiza, quem mais e melhor chora, quem mais e melhor adula. Ter caráter? Oh! Quem é que quer sair do côro e tem aspirações à indivíduo? Há que lutar pela justiça que não cai do céu, como o orvalho; quem não chora não mama. Apenas restam dois ofícios úteis: ou ladrão ou mendigo; ou a ameaça ou as lágrimas. Tem



de se pedir ou de lá de cima ou de cá de baixo.

— Ah! D. Francisco! Aquê que para menos serve é o que serve melhor.

— Ainda que o digam, eu não sou pessimista. Não é o mundo que tem a culpa de termos nascido deslocados nele.

— Não há justiça, D. Francisco; ainda que, para variar, por vêzes se faça o que é justo, e apesar de o ser.

— Veja o senhor, D. Pedro, como lhe paga a sua filha!

O pobre pai procurava a cauda do cachorro, enquanto dizia:

— A caridade! Outra que tal como a justiça! Quantas almas fortes que a luta pela caridade mata!... "Ah! Este sabe trabalhar, não necessita" e todos passam sem lhe dar nem trabalho, nem pão.

— A caridade, D. Pedro! Os pobres necessitavam de pão, deram-me palavras para me consolar... Custam-lhes tão pouco... têm-nas para uso próprio! Os ricos atiraram-me migalhas... Custam-lhes tão pouco... tê-las-iam atirado aos cães! Ninguém me deu pão com piedade; por cima de pão para o corpo, mel para a alma. Vivi do Estado, essa coisa anônima, à qual nada agradeço...

— Ah! D. Francisco! Batem e depois é que discutem a pancada. Não me dói a pisadela, mas sim o "desculpe-me". A pancada, chega; a justificação, sobeja... Diziam-me: "Convem-te, é para teu bem, tu o mereces"; mil tolices mais: é como deitar chumbo derretido na ferida.

— Tem o senhor razão. Ninguém me fez mais danos do que os que diziam fazê-los para meu bem. Nasci formoso como um grande diamante bruto; lapidadores tomaram conta de mim; com buril e régua me fizeram as facetas; fiquei brilhante, formoso para um colar!... Não quis deixar-me enfiar com os outros, nem engastar-me em ouro;

relei pelo regato, livre, o atrito desgastou-me; perdi o brilho e os reflexos, e hoje opaco, gasto, apenas sirvo para riscar cristais.

— Corri eu tropeçando em todas as esquinas para chegar ao banquete: "Não te apresses, diziam-me no fim de cada jornada; ainda tens tempo e não te faltará lugar à mesa; se não for num sítio, será noutro". Quando cheguei era tarde: o cansaço e o jejum tinham-me morto o apetite, a mola da existência; cheguei à ilusão desiludido, farto de jejuar... Trazia uma indignação de esperança!

Um dia uns estudantes fizeram uma judiaria ao pobre do cãozinho. O dono protestou: os rapazes fizeram-se insolentes e armou-se uma discussão. O receio de um barulho amedrontou o pai, que ouvia tudo, calado; levantou-se, grunhiu uma saudação e foi-se embora, deixando que o dono do cão se arranjassem como pudesse. Mas no dia seguinte voltou, como de costume.

— Eu fui sempre progressista — dizia o dono do cão; — hoje não sou nada.

— Eu sempre moderado!

— Mas progressista livre independente, fora de comitês... Foi isso o que me perdeu!

— Foi isso que nos perdeu a ambos!

— Que homem torto é este, D. Pedro, que não tem classificação nos quadros de entomologia política e social?

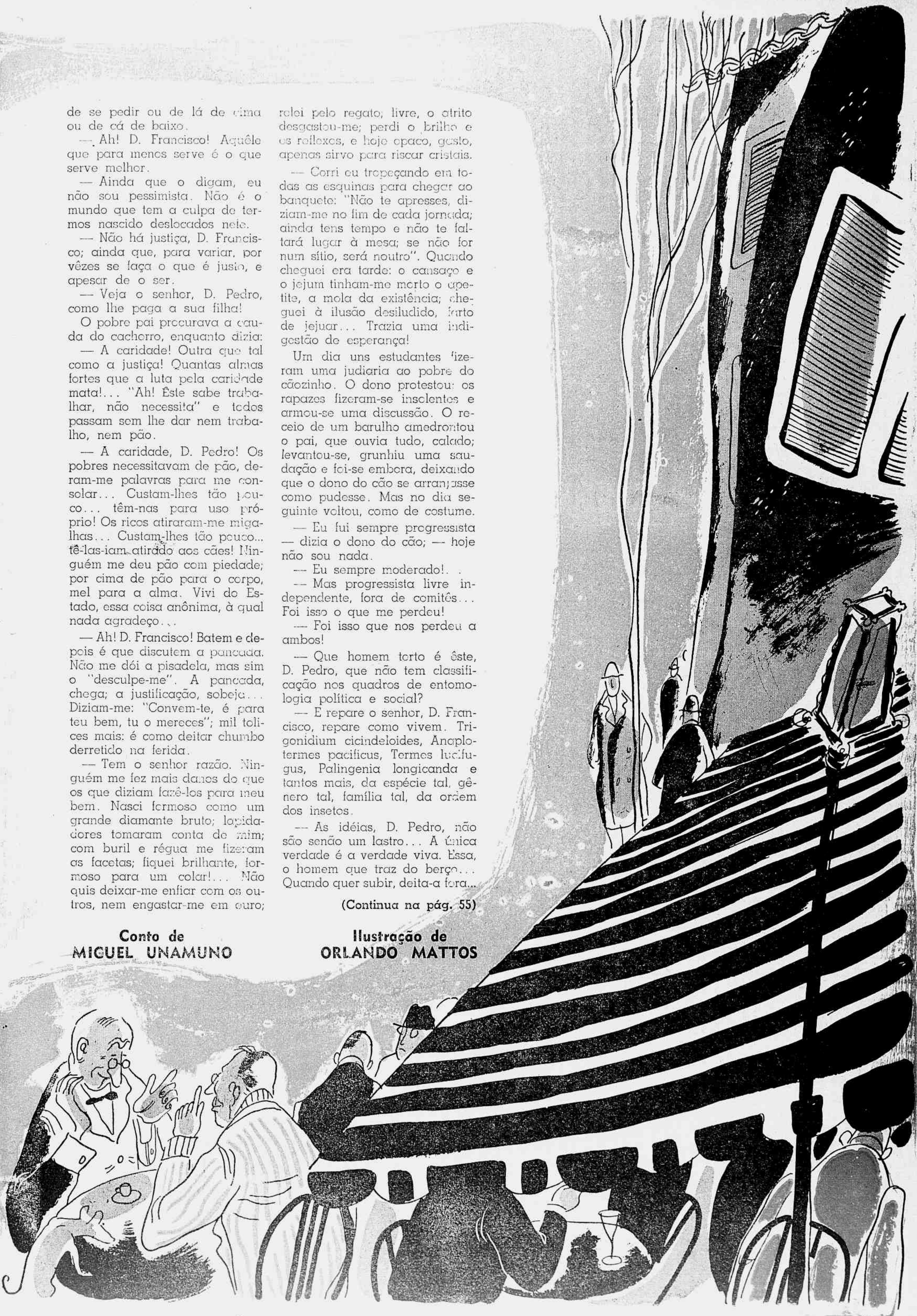
— E repare o senhor, D. Francisco, repare como vivem. *Trigonidium cicindeloides*, *Anoplotermes pacificus*, *Termes lucifugus*, *Palingenia longicanda* e tantos mais, da espécie tal, gênero tal, família tal, da ordem dos insetos.

— As idéias, D. Pedro, não são senão um lastro... A única verdade é a verdade viva. Essa, o homem que traz do berço... Quando quer subir, deita-a fora...

(Continua na pág. 55)

Conto de
MIGUEL UNAMUNO

Ilustração de
ORLANDO MATTOS



BUSCANDO NOVOS CAMINHOS



HA pouco mais de meia hora que estou sentado nesta cadeira, na sacada que dá para a rua. Vejo para além desta grade de ferro, que a lepra da ferrugem vai consumindo, a nossa rua, com seu pequenino comércio, com os vendedores ambulantes de legumes, com os carros pobres e alguns caminhões, com os pedestres habituais. Pouco passa das cinco e os meninos e meninas das escolas públicas voltam para as suas casas. Provavelmente atiram as malas sobre as cadeiras mais próximas, certos de irem brincar livremente, mas as suas mães, madrastras, ou tias lhes incumbem de mil serviços: levar roupa à casa de fregueses, buscar mantimentos no armazem, pagar o mês ao padeiro. Nessa rua há também cachorros. Os cachorros de nossa rua não se definem por suas raças. São uma espécie de concentração de todas as raças conhecidas e por isso sempre me pareceram de grande interesse. As donas de casa de minha pobre rua nunca têm tempo para ficar na janela. Nesta hora, assim à tardinha, as moças passam o pente nos cabelos, avivam as cores dos lábios e vêm dar uma espiadela para a rua. E tomam ares de grandes damas em frizas de teatros, em noites de gala. Lá em baixo passam os rapazes. Elas fingem que não os vêm mas, em pouco, lhes sabem até a cor dos olhos... Assim, algumas encontram namorados e com eles se casam. Outras passam a vida inteira nas janelas das suas casas, espiando, procurando o eleito, mas não se casam nunca.

Conto de MOYSÉS DUEK

Ah, a minha rua! Vou ter saudades dela. Daqui do 2.º andar vemos o que se passa em baixo, vemos o que sucede mais em cima. Conhecemos todos os moradores, todos os visitantes habituais. Daqui vemos alguns telhados escuros e limosos como deve ser o nosso, devassamos coisas recônditas. Que o marido do 72 bate na mulher quando ela sai; que o velhote do 1.º andar do 68 namora escandalosamente a criadinha; que o casal do 2.º andar do 68 é o mais feliz de que tenho notícia. Ah, sei tanta coisa! Esta sacada de nossa sala de jantar é uma cadeira de teatro onde se assiste a muitos dramas ao mesmo tempo.

Como vou ter saudades dessa rua! As suas casas cinzentas e escuras, as suas lojas onde o sol se esquece de entrar, as suas calçadas onde só cabe uma pessoa. A fumaça da chaminé da padaria apressando a noite, a saída das operárias do 71, a variedade de acidentes no distrito policial, logo ali no 74. É mesmo encantadora a minha rua! Todos gostam dela. Uma semana depois de morar aqui Gisela me disse:

— Esta rua é maravilhosa. Gosto dela.

Abraciei Gisela comovido pelo elogio e falei com sentido ardor:

— Todos os que gostam da humanidade e a compreendem hão de gostar dessa rua.

Dois meses depois Gisela me disse:

— Tenho pensado naquilo que você me disse desta rua. Acho que você tem toda a razão.

Não precisí dizer-lhe nada. Apertei-lhe a mão largada sobre o peitoral desta sacada e nos olhamos nos olhos.

Gisela ficou gostando ainda mais de minha rua. Chamava-a "a rua", como se fôsse ela a única do mundo. A uma senhora que nos visitava, Gisela disse uma vez:

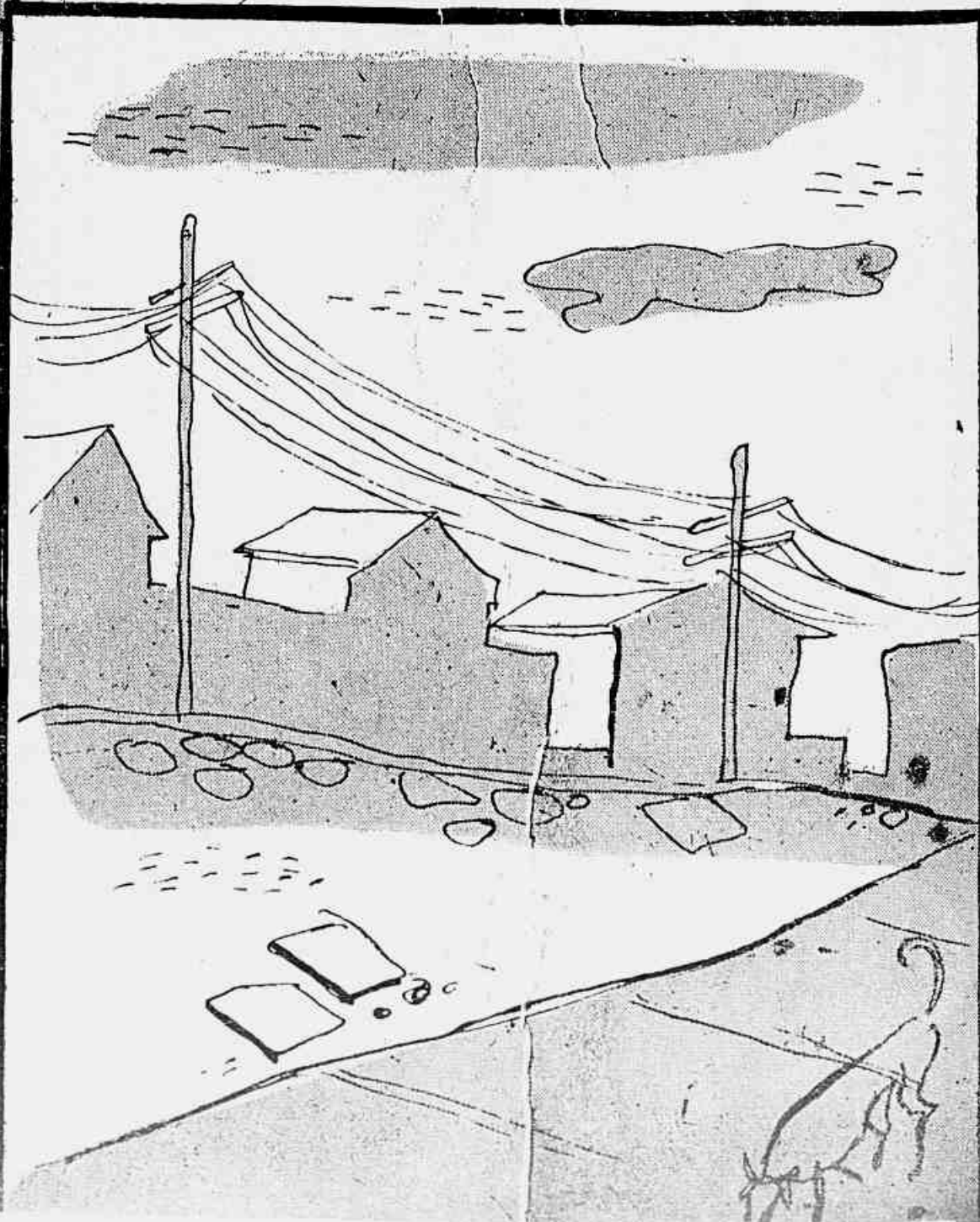
— É uma perfeita rua.

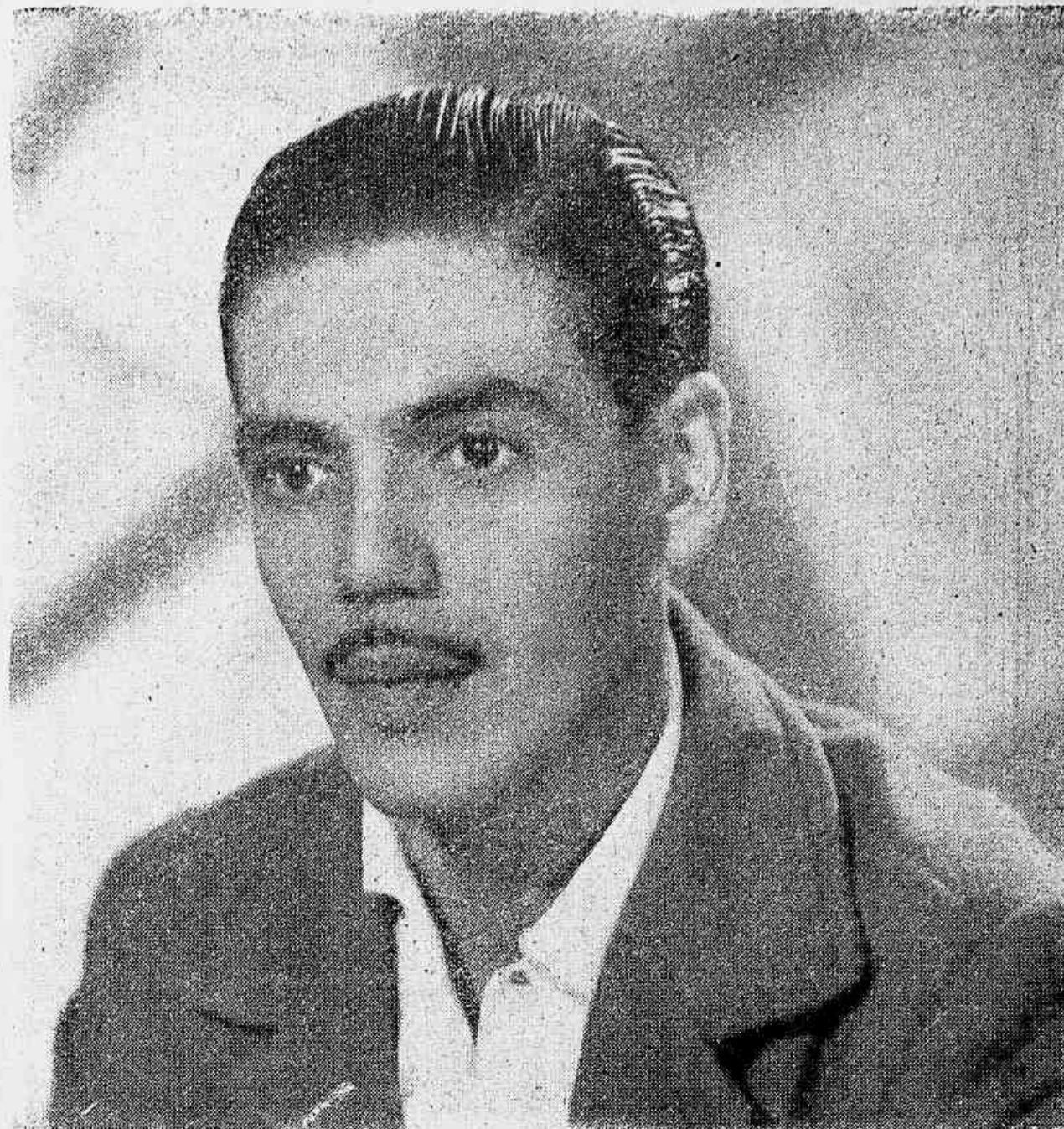
Depois que a visita se foi, na intimidade de nossa alcova, quando o anúncio de gás néon vermelho reproduzia, por reflexo, em nossa parede as palavras "Vermouth Ascar", eu disse a Gisela:

— Para a nossa rua só faltava você. Agora, você já chegou.

(Continua na pág. 50)

Ilustração de
ARMANDO MOURA





HÉLIO RODRIGUES SINDEAUX, sambista exclusivo da P.R.G-2, nasceu em Senador Pompeu, Ceará. O curso primário concluiu na cidade natal, vindo a terminar o ginásio em São Paulo. Na metrópole bandeirante influenciou-se pelo rádio, tentando-o através da Educadora Paulista, no decorrer de 1938. Teve sorte nessa aventura, pois em curto espaço de tempo tornou-se um dos mais populares intérpretes da música do morro, a ponto de passar pelos microfones das grandes emissoras paulistas, como Cultura, Kosmos, Record, Educadora e finalmente Tupi, onde se mantém até hoje. As qualidades de cantor, nosso biografado alia as de compositor, tendo inúmeras músicas, as quais ele mesmo interpreta. Gravando para importante fábrica, Hélio Sindô (assim se assina) possui diversos números de sucesso postos na cera, todos com venda apreciável. Sua grande aspiração está satisfeita, uma vez que pode ser considerado o sambista número um da Paulicéia, com um público numeroso a aplaudi-lo. Até hoje o «broadcasting» carioca não o tentou, apesar de vir ao Rio todos os anos e ser sondado pelos «maiores» de nossas estações. Sua distração predileta é colecionar discos, selecionando os cantores a seu modo. Também não se furta a uma festinha íntima, em que não lhe peçam para cantar. E' que sua voz vale dinheiro e por isso é necessário poupá-la. Fora do rádio desconhece outra profissão, uma vez que este lhe paga bem.

WOLNER CAMARGO, locutor exclusivo da Globo, iniciou sua carreira radiofônica na Rádio Clube de Marília, há sete anos passados. Satisfeito com o resultado, tão logo se apanhou no Rio, submeteu-se a um teste na Guanabara, vencendo. A seguir, transferiu-se para a Tupi, onde viveu o fato mais importante de sua atividade artística. E' que lhe deram a chance de irradiar uma partida de futebol ao lado de Ari Barroso. Deixando a P.R.G-3, nosso biografado ingressou no quadro de locutores da P.R.E-3, aí se mantendo. Filho da cidade de Jaú, Estado de São Paulo, é ele conterrâneo do rádio-ator Nélito Pinheiro. Por sinal que no rádio já teve oportunidade de aparecer em diversos espetáculos de rádio-teatro, vivendo personagens de novela. Pertenceu à Faculdade de Medicina Paulista, a qual abandonou para se dedicar ao microfone. Possui o curso secundário e o normal, mas vive exclusivamente da atividade radiofônica. Seu nome verdadeiro é Wolne Aparecido Bueno de Camargo. Nasceu a vinte e cinco de dezembro de 1923, contando presentemente, portanto, vinte e quatro anos de idade. Wolner Camargo pratica esportes, admira uma boa conversa, gosta de assistir a filmes policiais e não perde tempo com assuntos fúteis. Companheiro de Luis Mendes no setor esportivo da P.R.E-3, sua atuação é apreciável.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA EM QUATRO Por ARMANDO MIGUEIS

ADEMILDE FONSECA nasceu no Espírito Santo. Seu primeiro contacto com o rádio se verificou através da «Pensão do Salomão», programa que Jorge Murad apresentava ao microfone da Rádio Clube do Brasil. Escolheu um chorinho, gênero de sua preferência. Renato Murce, então diretor artístico da P.R.A-3, gostou de sua voz, contratando-a. Dessa estação transferiu-se para a Rádio Tupi, quando a Continental lhe propôs gravar «Tico-tico no fubá», chorinho de Zequinha de Abreu. A jovem cantora foi muito feliz na gravação, alcançando o disco um verdadeiro «record» de venda... Daí para cá tem posto na cera várias composições, inclusive o «Xem-em-em», outro número de bastante aceitação. Ademilde Fonseca é uma criatura simples, acessível, tratando a todos com muita delicadeza. Aproveita o tempo disponível, assistindo a bons filmes e boas peças teatrais. Os «astros» da tela que prefere são Greer Garson, James Stewart, Bette Davis e Clark Gable, ao passo que no teatro prefere Dulcina, Mesquitinha, Jaime Costa e Procópio Ferreira. Sabe fazer bons pratos, coze com mestria e lê muito, de preferência obras biográficas. Não pratica esportes nem acredita em superstições. Sua mascote é uma pelega de mil cruzeiros. E' apreciadora de um bom bife com fritas, gosta de todas as cores e preza todos os seus fãs, respondendo às cartas que eles lhe escrevem. Seu maior desejo é subir sempre na admiração popular.

Unteresse com que a Rádio Nacional seleciona talentos para o seu quadro constitui justo prêmio àqueles que de fato possuem mérito, como no caso de LEDA BARBOSA, uma jovem e futura intérprete de nossas melodias populares. Surgindo através da «Hora do Guri», quando ainda vestia o uniforme de aluna da Escola Superior de Comércio, Leda Barbosa foi galgando todos os postos ambicionados por uma «estrela», tendo passado pelo «cast» da Transmissora, nos áureos tempos de Dermeval Costa Lima; pela Educadora, então dirigida por Gastão Lamounier; pela Globo, na sua grande fase; na Cruzeiro do Sul, quando esse prefixo contava com Ari Barroso e Paulo Roberto; e, finalmente, agora se encontra na P.R.E-8, animando a programação de estúdio desse prefixo. Bastante jovem, com um futuro risonho à sua frente, Leda Barbosa além de cantora, sabe dedilhar um violão, embora não o faça publicamente. Tendo começado como cantora de foxes e blues, hoje prefere a canção e o samba-canção, gênero em que é uma das primeiras, não só pela maneira com que os interpreta, como ainda pela bonita voz que possui. Fluminense de nascimento, pois nasceu em Niterói, a graciosa cantora possui o diploma de contadora, sabe falar inglês, gosta de praticar natação, desconhece o que seja superstição e frequenta assiduamente os cinemas. Conhece alguns Estados do Brasil, inclusive o de Minas Gerais, onde cantou na Rádio Inconfidência, com verdadeiro sucesso.





Em cima: Procópio Ferreira, que reapareceu ao público do Serrador e foi saudado por calorosas ovações, prova das simpatias e da admiração de que goza, em um flagrante de "Bendito entre as mulheres", com Beatriz D'Ávila, Alma Flora Bibi Ferreira e Cuene Tostes.



BIBI FERREIRA, AUTORA TEATRAL

SATISFEITA EM TER FORNECIDO O TEXTO RECITADO POR TODOS OS ARTISTAS, FICA EM DISCRETO TERCEIRO PLANO COMO ATRIZ EM "BENDITO ENTRE AS MULHERES"

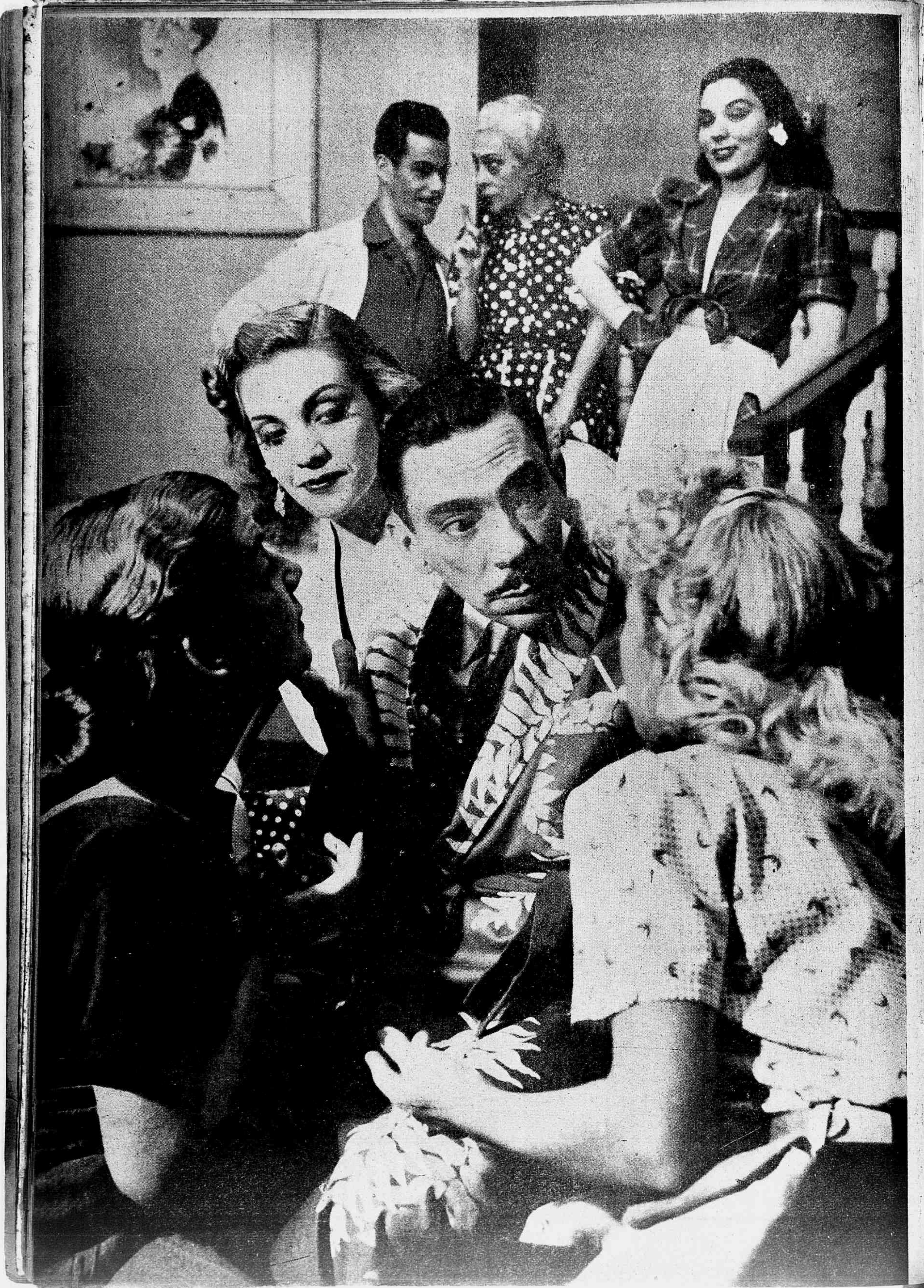
DEPOIS de haver dominado a cena em "Divórcio" e "A pequena Catarina", duas peças que tiveram um êxito na verdade extraordinário, elevando-se suas receitas a mais de um milhão de cruzeiros, — Bibi Ferreira contentou-se com um discreto terceiro plano, na representação de "Bendito entre as mulheres", de sucesso não menos retumbante que as peças anteriores. E' que Bibi Ferreira teve em mira, antes de mais nada, proporcionar a seu pai, o popularíssimo ator Procópio Ferreira, a oportunidade de uma brilhante e alegre reaparição ao público, após a grave enfermidade que o manteve afastado do palco durante cerca de três

meses. Ou bem faria uma peça para Procópio ou bem faria uma comédia para Bibi.

Contentando-se com o triunfo paterno, satisfazia-se, por outro lado, com a conquista de novos louros, não como intérprete, mas como autora teatral. Sua comédia é tão viva e movimentada quanto pouco verossímil. O teatro de riso não vive, porém, de verossimilhanças, mas do traço caricatural, irônico e, por véses, mesmo, de pequenos absurdos que provocam infalíveis gargalhadas. Um homem que tem a mania de se casar, embora sendo sempre infeliz com as mulheres, e que se desfaz de todas elas, ficando, porém, amiguinho de cada uma, — e que só se

A esquerda: Bibi, a autora-atriz, e Procópio, o intérprete, em uma cena do terceiro ato de "Bendito entre as mulheres". A direita: um conjunto de intérpretes entre os quais Bibi, Procópio, Alma Flora e Cuene Tostes.







casa com mulheres estéreis, nascendo-lhe, entretanto, filhos e mais filhos de suas ligações acidentais e aparentemente irresponsáveis, — eis o pivô da comédia de Bibi Ferreira, que de resto, nela aparece, do meio do segundo ato em diante, como um dos rebentos inesperados do incorrigível amoroso... Tendo já

escrito antes uma comédia, de feito muito romântico, Bibi Fer-

Noel Coward e outros autores levemente cínicos e mundanos.

Na página à esquerda: Procópio, dominando uma das cenas de "Bendito entre as mulheres". Esqueçamo-nos de dizer que a direção do espetáculo e o cenário são também de Bibi. Em cima: uma cena do epílogo da comédia quando o protagonista tem notícia do nascimento de um novo rebento e provoca ciúmes póstumos de suas ex-mulheres. Em baixo: uma cena do terceiro ato, dominada por Procópio Ferreira.

reira parece ter sido convertida a pontos de vista mais modernos sobre a vida e a sociedade por

"Bendito entre as mulheres" é uma caricatura, mas com muita coisa observada ao vivo, inclu-

sive os descasamentos e novos casamentos, que se operam com tanta facilidade neste nosso país de uniões oficialmente indissolúveis e em que os legisladores não querem ouvir falar em divórcio, nem mesmo quando estão de malas feitas para irem casar no Uruguai...



COMO um relógio solar, Reynolds registrou unicamente as horas aereas do período em que viveu. Seu pincel tolerante retratava o que havia de melhor nas feições de seus retratados e seu estilo gracioso fazia conhecer o que existia de mais nobre em seus corações.

Seus quadros eram tranquilos porque sua vida era tranquila. Seu caráter nunca foi agitado pela amargura do sofrimento. Não experimentou privações iniciais. Foi bem sucedido desde o começo.

Seu pai, um pobre professor de Plympton, no oeste da Inglaterra, presenteou o mundo com um bando de onze filhos. A mais aceitável destas dádivas foi seu terceiro filho, Joshua, que viu a luz pela primeira vez a 16 de julho de 1723.

Recebeu toda a instrução na escola do pai. Sua cultura, na maturidade, era mais extensa que profunda. Desde a mais remota infância, o pincel interessou-o mais do que a pena. Sob a supervisão tutelar do pai, aprendeu a ler, escrever e contar, adquirindo noções de latim e descuidando da ortografia e da gramática. Durante toda sua vida, numerosas conferências e cartas suas reuniram amplo testemunho dessa falta de instrução.

Seu descuido acerca da gramática da língua inglesa, entretanto, não se estendia à gramática de sua arte. Nela trabalhou assiduamente desde o princípio até o fim. Começou os estudos das complicações do desenho de maneira elementar e sem auxílio, quase na mesma época em que aprendeu a escrever. Na cozinha de sua casa, na sala de aula, na igreja — onde quer que pudesse pôr a mão sobre um pedaço de papel e um lápis — fazia esboços das pessoas que o cercavam. Na constante ansia de desenhar, descuidava dos estudos. O pai logo percebeu que Joshua não seria um estudioso como ele.

Entretanto, como Joshua crescesse, precisou decidir-se a respeito da carreira do filho. Por algum tempo esteve indeciso entre as profissões de pintor e farmacêutico. A primeira podia dar satisfação ao rapaz, mas a segunda lhe proporcionaria subsistência. O rapaz, ao ser consultado sobre o assunto, respondeu que preferia ser um bom pintor a ser um rico farmacêutico. E assim seu pai arranhou 60 libras, a irmã casada de Joshua, sra. Johnson, contribuiu com mais 60, e Joshua tornou-se aluno do

principal pintor de Londres, Thomas Hudson.

Hudson era menos um pintor do que um fabricante de rostos em telas. Rijo, formal, sem inspiração, embora tecnicamente correto, fazia retratos às centenas, cuidando ele próprio dos rostos e deixando os corpos e as roupagens para que seus alunos os pintassem. Foi esta espécie de trabalho que Reynolds aprendeu a fazer, no estúdio de Hudson. E durante o curto período em que Reynolds trabalhou sob a direção de Hudson, surgiram no atelier desse pintor alguns quadros estranhos — retratos com rostos mortos e vestuários vivos. Desde o começo, o aluno foi melhor artista do que o mestre. Na verdade, depois de uma aprendizagem de apenas dois anos, Reynolds sentiu que nada mais tinha a aprender com Hudson.

E assim, em 1743, o esperançoso jovem artista de vinte anos voltou de Londres, e montou um estúdio em sua cidade natal. Aí recebeu um número de encomendas suficiente para iniciá-lo no caminho da segurança financeira. Jovem como era, possuía a audácia estética do inovador. Suprimiu a dureza fúnebre dos retratos de Hudson e pintou seus retratados em atitudes vivas e naturais. Um de seus primeiros retratos, por exemplo, representa um pai carregando um dos filhos na garupa. É um surpreendente e delicioso afastamento do velho estilo de retratos da Inglaterra.

E, felizmente para Reynolds, esse afastamento provou ser lucrativo. Seu pai morreu no Natal de 1746, com a consciência tranquila. Não errara em fazer de seu filho um pintor em vez de um farmacêutico. O pincel e a palheta, tanto quanto o morteiro e o pilão, pareciam possuir a virtude mágica de transformar trabalho em ouro.

II

Reynolds ganhou muito dinheiro e muitos amigos. E trabalhou seriamente. Todas as manhãs, depois de um longo passeio, sentava-se junto ao cavaletto, às 7 horas. E conservava-se firmemente no trabalho até a tarde, pintando, estudando, misturando cores em novas e ricas tonalidades, sempre tentando aperfeiçoar-se na arte. Estava, nessa época, sob a influência de um pintor muito original, mas um pouco obscuro, de nome William Gandy. «Um quadro», observara, certa vez, este artista, «deve ter uma riqueza

A VIDA DE REYNOLDS

(SIR JOSHUA REYNOLDS 1723 - 1792)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

em sua contextura como se as cores fossem compostas de creme e queijo». Reynolds adotou a idéia e o espírito destas palavras. Introduziu em seus quadros uma «riqueza de creme», uma grandiosidade pastosa de branco e vermelho, de marrom, amarelo e azul. Esta peculiaridade de cor distingue os retratos de Reynolds de todos os trabalhos de seus contemporâneos. Suas telas parecem ter sido pintadas numa catedral, à luz do sol, cálida, embora velada, que escorre pelos vitrais de uma janela.

Não foi apenas com Gandy que Reynolds aprendeu o «sabor velado» de seus efeitos de cor. Pela época em que se interessou pelo trabalho de Gandy, encontrou também uma oportunidade de estudar, no original, os quadros dos mestres italianos. Esta oportunidade lhe veio por intermédio de uma amizade feliz com um jovem oficial de marinha, George Keppel, comandante do «Centurion». Quando Keppel foi encarregado de uma missão diplomática nos países do Mediterrâneo, convidou Reynolds a embarcar com ele, como seu hóspede. Reynolds deixou a Inglaterra a 11 de maio de 1749, executou no caminho um primoroso retrato de Keppel, em ação como um comandante do mar, parou em vários países para estudar e pintar, e, finalmente, chegou a Roma no fim do ano.

E então começou uma peregrinação sistemática aos vários templos da arte italiana — Roma, Florença, Assis, Bolonha, Mantua, Ferrara, Veneza. Estudava, copiava e absorvia, em seu próprio sangue, as maneiras clássicas de Carracci, Borghese, Rafael, Tintoretto, Correggio, Ticiano — e, acima de tudo, Miguel Angelo. «Penso que Miguel Angelo», disse ele, «é superior ao mundo inteiro».

Durante três anos, estudou esses mestres. E depois, para citar a expressão feliz de John Ruskin, «alçou-se de junto de seus pés para com eles compartilhar o trono». Voltou para a Inglaterra passando por Paris, a 16 de outubro de 1752. Alugou um atelier em Londres e instalou-se, segundo a maneira do poeta grego, Sófocles, para pintar os homens não como eram, mas como deviam ser. «É meu objetivo e meu dever, observou, descobrir as perfeições daqueles que retrato».

III

As posições realistas de suas figuras e os fundos sem convencionalismo tornaram-se a moda da época. Seu estúdio estava sempre cheio de pessoas esperando para ser retratadas, de manhã à noite. Dentro de apenas um ano, estamos informados, recebeu nada menos que cento e oitenta e quatro encomendas. Sua residência tornou-se muito pequena para sua crescente popularidade; e assim, na idade de trinta anos, alugou uma enorme casa em Great Newport Street, onde uma espantosa procissão de compradores vinha em bando ao seu atelier, como um rio aparentemente sem fim.

E não eram compradores comuns. Muitos deles eram membros da primeira nobreza. Por mais que desprezemos essa atmosfera não democrática, em que Reynolds se achava perfeitamente à vontade, devemos lembrar-nos que Reynolds viveu numa época não democrática. Para ele não havia desonra em conseguir, pela lisonja, os favores dos grandes. Era honesto tanto em sua arte como em sua aproximação social do comprador. O fato de realçar-lhes os melhores traços não quer dizer que os bajulasse. Fazia o mesmo com os mendigos que pintava. Acontece apenas que via mais a bondade do que a maldade no caráter de um homem. Em suas palavras havia sempre um tom de respeito, não de adulação. Dirigia-se à nobreza como um igual, não como um inferior. Nunca os chamava Lord X ou Lady Y, mas, po-

rém simplesmente senhor ou senhora. E, apesar de sua pompa os lords e as ladies de Londres gostavam daquela independência digna e prática. Enriqueciam os bolsos de Reynolds e o honravam com convites — convites que prontamente aceitava, porque gostava da sociedade, das pessoas em geral, e não unicamente da Sociedade com S maiúsculo.

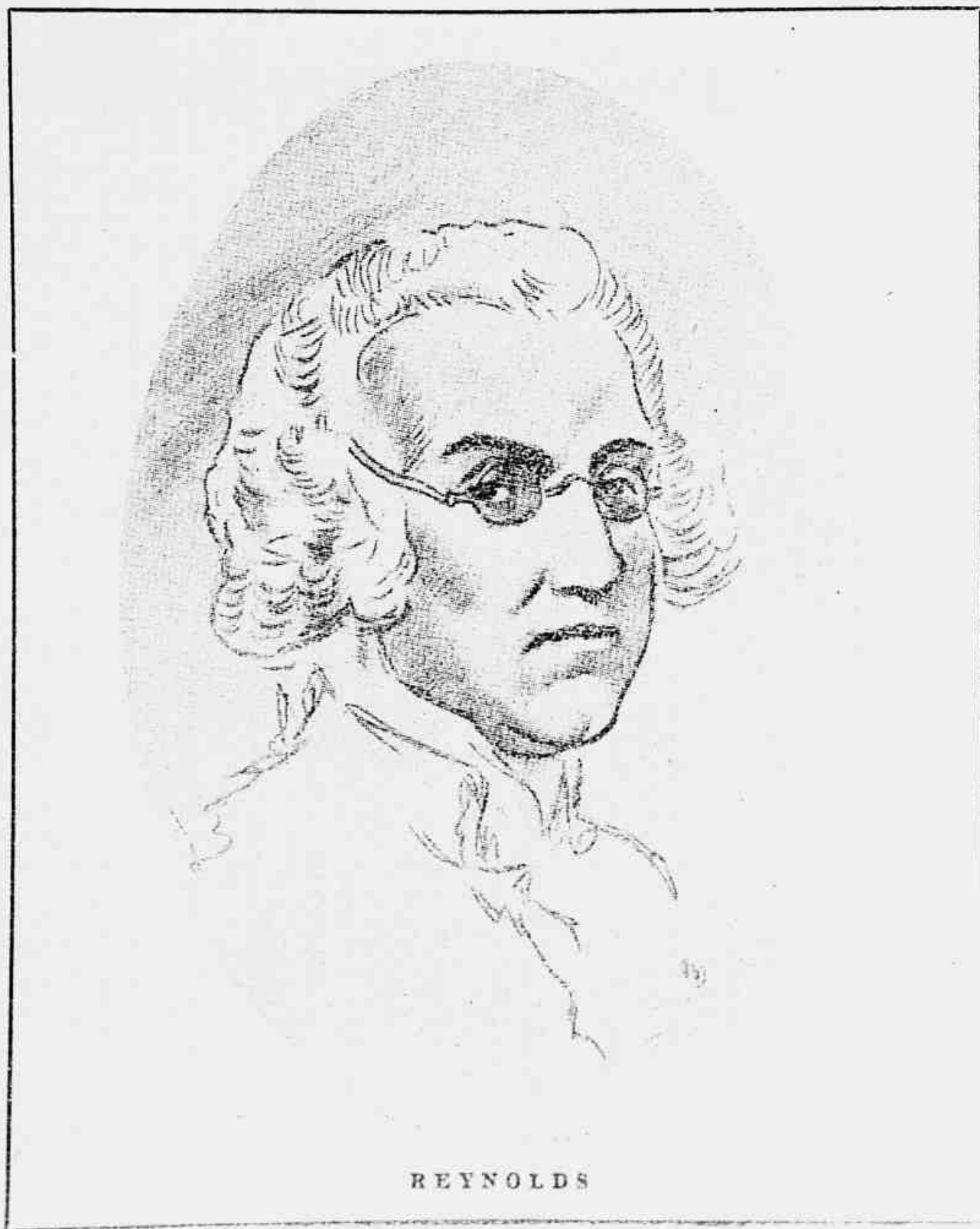
Desde o princípio, foi um grande sucesso social. Apesar de seu defeito físico (em consequência de um acidente equestre, levava um talho que dava a seu lábio superior o leve aspecto de um bico de lebre), era um dos mais célebres homens de seus dias. Os líderes da sociedade de Londres rivalizavam no privilégio de divertí-lo. Teve de conhecer todos eles, mas nenhum intimamente. Alguns de seus recentes biógrafos acusaram-no de «intimidades» com várias senhoras de Londres. É evidente que os biógrafos estão enganados, mesmo por um rápido exame de seus retratos femininos. São etéreos, frios, imponentes, muito além do mundo sensual de carne e sangue. Seus homens, por outro lado, são criaturas ideais, certamente, mas criaturas vivas, com sangue vermelho correndo nas veias. Compreendia os homens mas não compreendia as mulheres. Seus retratos masculinos são a obra de um homem que gosta de comer e beber com o próximo. Seus retratos femininos, são a obra de um celibatário.

O testemunho dos retratos é amplamente corroborado pelo testemunho, ou melhor, pela falta de testemunho de seus contemporâneos. Os londrinos da época gostavam de mexericos, e, entretanto, nenhum deles jamais murmurou a menor palavra de escândalo contra ele. Seus biógrafos posteriores basearam suas acusações numa imaginária intimidade que acreditam haver existido entre Reynolds e duas de suas admiradoras — Angélica Kauffmann e Fanny Burney. Consideremos essas duas «aventuras amorosas» de Joshua Reynolds.

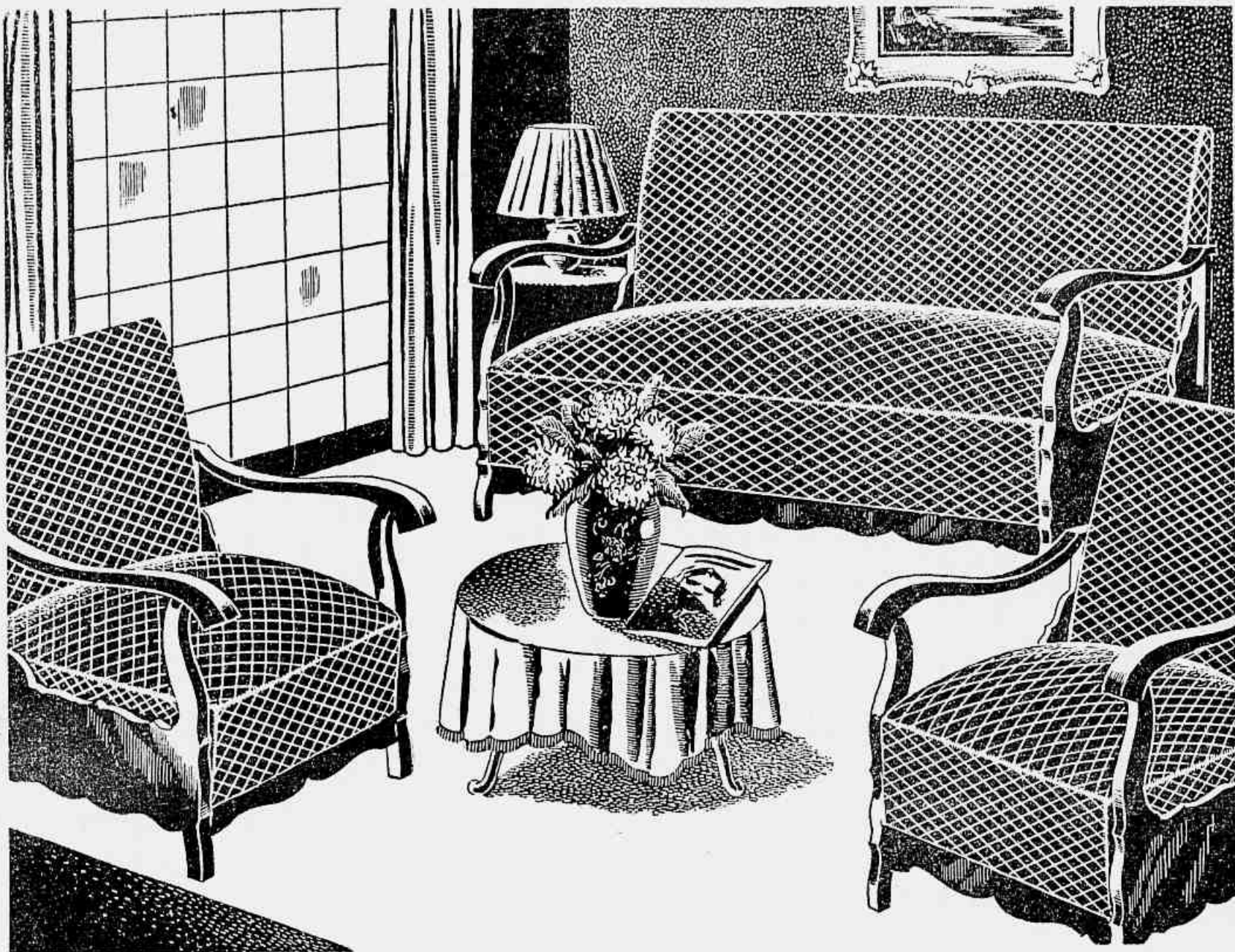
Angélica Kauffmann era uma linda mulher e uma artista competente. Reynolds admirava-lhe a beleza e louvava-lhe o trabalho. Era casada com um tratante, que anteriormente fora seu criado; e Reynolds, juntamente com vários outros amigos dela, ajudava-a a desembaraçar-se deste intragável marido. Angélica, estamos informados, não era sóbria em seus olhares. Entre aqueles que tentou conquistar estavam o obscuro pintor Dance e o famoso poeta Goethe. Era uma época de vida livre e amor livre. Os homens e as mulheres do século dezoito não se envergonhavam de seus amores. Uma ligação entre Reynolds e Angélica teria sido um assunto fascinante e inteiramente permissível de conversa entre seus amigos. Entretanto não existe nenhum registro de tal conversa, apesar de Boswell e outros comentaristas fidedignos nos haverem dado uma reprodução quase fotográfica das vidas íntimas de Reynolds e seu círculo.

Quanto à suposta ligação entre Reynolds e Fanny Burney, o próprio pensamento dela é um tanto absurdo. Fanny acabara de publicar um romance, «Evelina», um livro cujo sucesso foi um tanto semelhante ao de «E o vento levou». Os críticos eram unânimes no veredito de que «não havia obra-prima igual a Evelina». (Quem já ouviu falar nesse livro, hoje em dia?) Os principais espíritos da época, Sheridan, Gibbon, Burke, Garrick, e até o solene intérprete do gosto e do pensamento do público, o próprio grande Samuel Johnson, esqueceram-se completamente de «Tom Jones», de «Clarissa Harlowe» e de «Tristram Shandy» na sua catarata de entusiasmo pela «Evelina», de Fanny Burney. Os casamenteiros da época formaram o plano de unir Joshua Reynolds e Fanny Bur-

(Cont. na pág. 31)



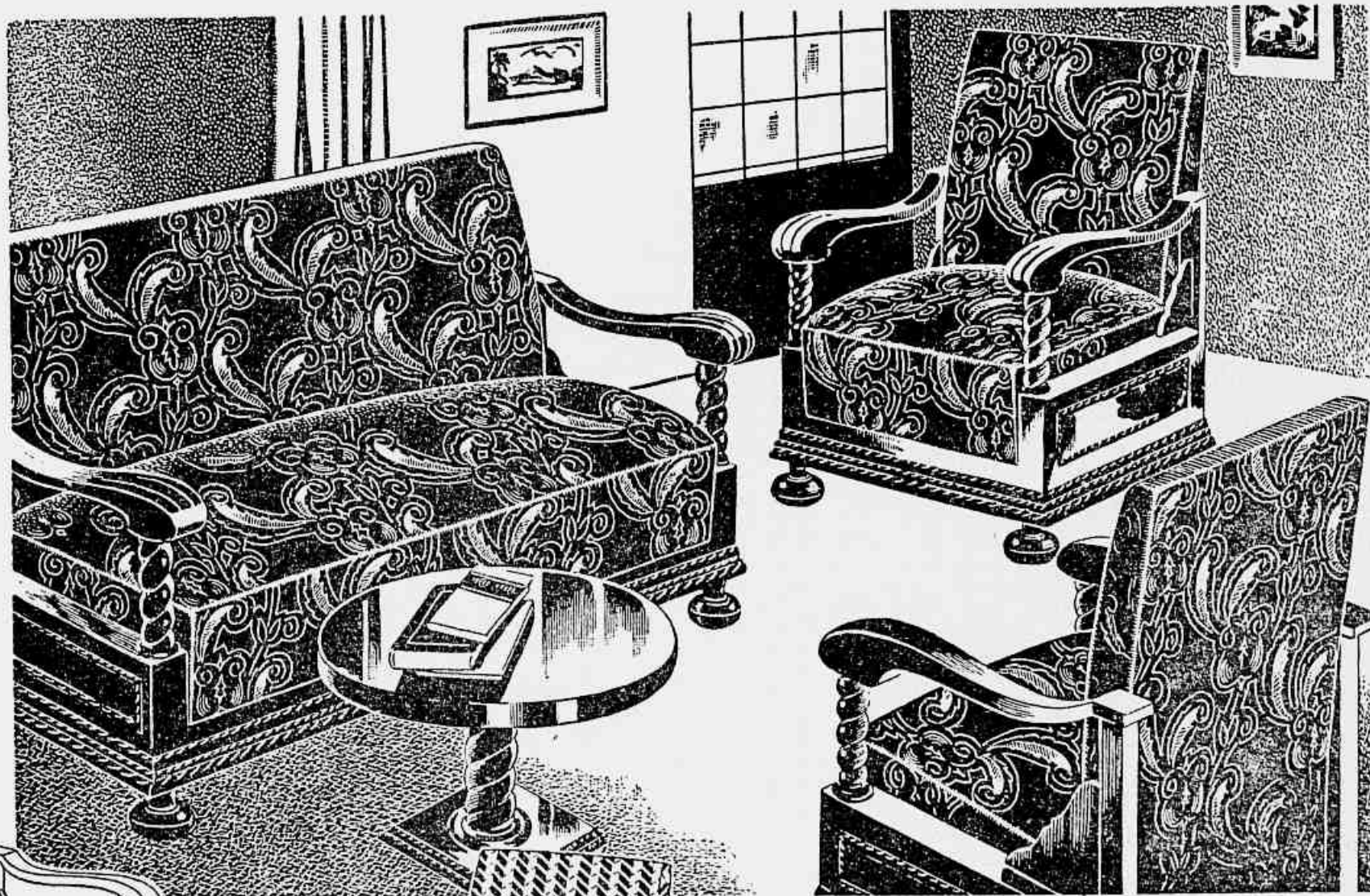
3 camas de graça?



Sim! Adquirindo um grupo constituído de um Sofá-Cama e duas Poltronas-Cama DRAGO, pelo mesmo preço que lhe custaria um grupo comum, V. terá, realmente de graça, três camas perfeitas e absolutamente confortáveis! Em qualquer das lojas DRAGO, V. poderá escolher, em uma linha variada, o grupo que mais lhe agrade em estilo e melhor se adapte ao espaço disponível em seu lar.

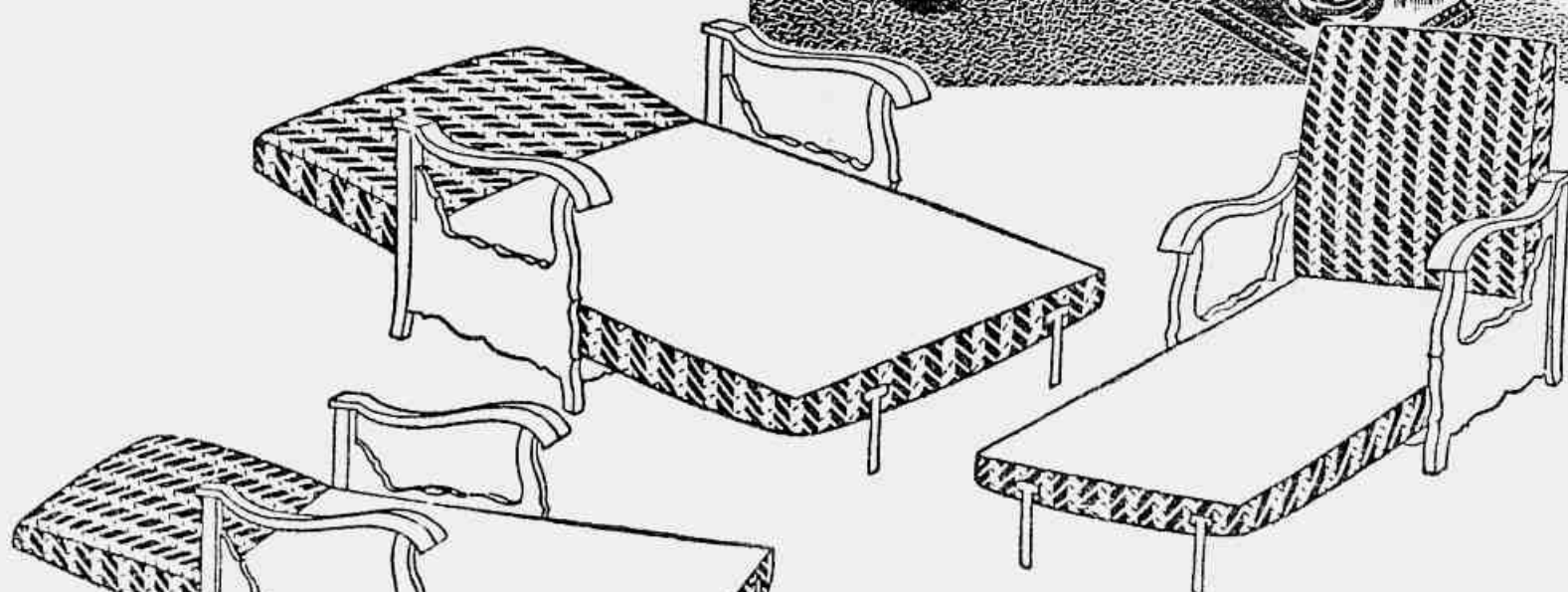
Modelo 522 — Elegantíssimo grupo em estilo rústico, composto de sofá e duas poltronas-cama. Acabamento esmerado e finamente tapeçado em cretone ou gobelin. Com estrado de madeira e molejo integral.

Modelo 520 — Belo e elegante grupo em estilo colonial, formado de sofá e duas poltronas-cama. De construção sólida, em excelente material e primoroso acabamento. Tapeçado em damasco de seda de ótima qualidade.



Os sofás e poltronas-cama DRAGO conquistaram a preferência pública, pela facilidade com que são convertidos, para uso como sofás, poltronas ou confortáveis camas.

Peça catálogo grátis



Sofá-Cama

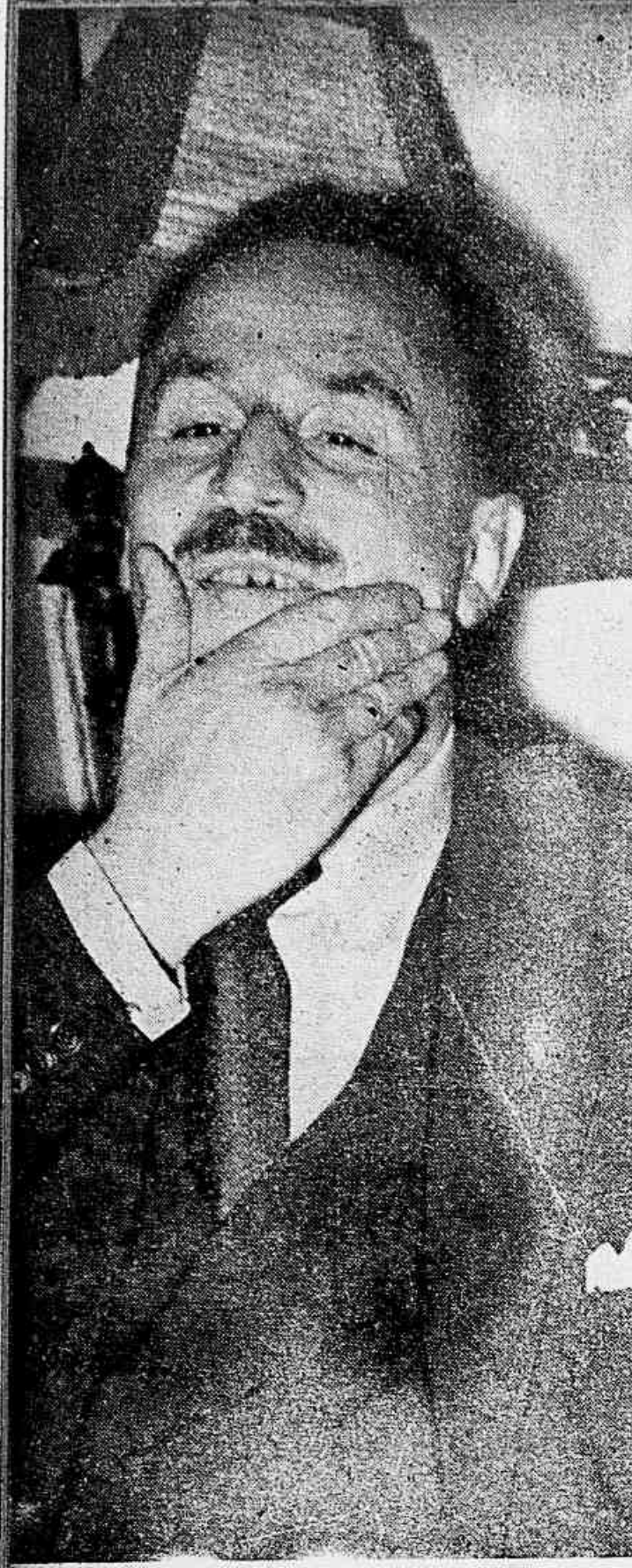
a solução do pequeno espaço

DRAGO

UM PRODUTO DAS INDÚSTRIAS REUNIDAS SOFÁ-CAMA DRAGO LTDA.

Fábrica e Escritório: Av. Suburbana, 711 — Tel. 28-7896 • 48-2001

Lojas: Rua 7 de Setembro, 209 — Tel. 43-4131 • Rua do Catete, 141-A — Tel. 25-5812 • Av. Princesa Isabel, 72-A — Tel. 37-1533



O FASCISMO TEM SETE FÔLEGOS!

VOLTA À ATIVIDADE O SUB-FUEHRER OSWALD MOSLEY — OS ORADORES DE HYDE PARK, FAUNA ESPECÍFICA DE LONDRES — LIBERDADE E LIBERDADE — A ÚLTIMA ENCARNAÇÃO DO FASCISMO — SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS, PELO AMOR DE HITLER À INGLATERRA — A FLEUGMA INGLESA TAMBÉM TEM MEMÓRIA

Por HERMAN LIMA

Fotos da KEYSTONE PRESS AGENCY

UM dos aspectos mais curiosos de Londres é o dos oradores de Hyde Park. Nenhum visitante, que ponha no papel as suas impressões de viagem pela ilha do rei Jorge VI, deixará sem uma referência especial essa peculiaridade inglesa, positivamente sem similar no resto do mundo.

Os próprios ingleses não escondem também suas preferências por esse reparo, talvez porque vejam nisso o símbolo mais pitoresco e por isso mesmo mais frisante do culto da liberdade de idéias que se desfruta no seu país.

De fato, não há como fugirmos a uma verdadeira impressão de espanto diante da estranha fauna que todas as tardes se reúne no fabuloso parque londrino, frenteando o tumulto da esquina de Marble Arch, em pleno coração da cidade. Qualquer pessoa, de qualquer credo e grau de cultura e inteligência, muitas vezes mesmo sem inteligência nem cultura de espécie alguma, pode trepar numa plataforma portátil, espécie de escadinha de abrir, de uso privado, e soltar o verbo.

Todos os assuntos podem ser tratados naquela tribuna livre, ao abrigo das árvores, frondosas no verão e negras de garranchos nus no inverno, religião e política, agricultura e matemática, es-

piritismo e leis penais, os crimes da vissecação de animais e problemas da educação sexual.

Durante o ano inteiro, ao cair da noite, e especialmente nas tardes de sábado e domingo, quando os que não têm um chelim disponível para uma fuga para o campo ou para o cinema ficam estirando as pernas pelas ruas, vociferam os dêmóstenes improvisados, muitos deles conhecidos já da multidão, pelas suas sucessivas incursões no domínio da oratória.

Nada mais extraordinário do que a seriedade e a paciência com que os ouvintes, em geral simpatizantes, recebem a enxurrada da verbiagem, muita vez de mistura com esses chuveirinhos glaciais do outono londrino, capazes de dar pneumonia até na estátua de Nelson empoleirada na sua coluna de Trafalgar Square.

Às vezes, porém, o silêncio do proselitismo é rompido por um aparte incrédulo. O apartante só tem, contudo, o direito de interromper o discurso para alguma objeção razoável, ao contrário do que ocorre frequentemente em certas reuniões parlamentares muito do nosso conhecimento.

Fora disso, se pretende ridicularizar o novo Cícero, tem a polícia contra ele,

a mesma polícia que assiste impassível ao agitador vermelho pregar a derrubada de todos os partidos políticos e o enforcamento, sem exceção, dos pares do reino.

São assim os oradores de ambos os sexos, vinte, trinta, cada tarde, persuasivos em grande parte, violentos uma vez por outra, o que é sem dúvida um modo excelente de derivar perigosos recalques contra a ordem pública e social, como nota com muita malícia o jornalista espanhol Julio Camba, em seu livro "Londres": "Ouvindo ontem os oradores de Marble Arch, — observa ele — eu fazia as seguintes reflexões: Por que não deixam o povo falar na Espanha? Que importa ao ministro do Governo o que diga um cidadão num momento de entusiasmo? Todas as revoluções foram promovidas por homens que não puderam proferir seus discursos. Um discurso engarrafado é como uma das forças vivas da Natureza: tem de sair e, quanto mais tempo transcorra, mais violento será o estouro. Os ingleses compreendem o que é um discurso e o deixam libertar-se. Se você diz a um guarda uma impertinência, em tom familiar, está perdido. Porém se emprega o tom oratório pode dizer-lhe horrores. O guarda sabe perfeitamente que não é o ora-

Uma expressão bem significativa do homem que pretende ressurgir o fascismo, na própria Inglaterra, "Sir" Oswald Mosley respondendo aos jornalistas, numa recente conferência coletiva concedida à imprensa londrina.

Em baixo: O ORADOR. — Patriotismo barato, jorra à vontade da plataforma portátil. Lá de cima, o orador, de cache-col, prega o evangelho. A finalidade é ver quantos espectadores estão "instintivamente" de acordo com os propósitos da seita. Na página ao lado: A OPOSIÇÃO. — Os fascistas não acham tudo de colher, nos comícios. Recentemente, houve escaramuça grossa nos "meetings" do East End, pela intromissão de oposicionistas dos "ginger groups", irritados com a propaganda verde. A oposição é constituída pelos comunistas, grupos de judeus anti-fascistas e pelo Conselho Nacional pelas Liberdades Cívicas, entre outros partidos.





D. ...
A
POLICY FOR BRITAIN

League
W

MY ANSWER

BY
MOSLEY

MOSLEY
NEWS LETTER

League in East



dor que dirige o discurso, mas que o discurso se elaborou por si mesmo no espírito do orador e tem que vir à luz. E' uma lei fisiológica, como a da maternidade".

O poder público na Inglaterra deve ter pensado assim, com certeza, ao firmar a tolerância da lei perante os torneios de logomaquia dos frequentadores de Hyde Park Corner, durante anos e anos de ilimitada liberdade. Mas, afinal de contas, há de haver fronteiras, mesmo no terreno da mais excessiva liberalidade, e é o que se começa a sentir na Grã-Bretanha, atualmente, em face de certa casta de incríveis oradores que transportaram para o belíssimo jardim inglês a truculenta pantomima verborrágica de Hitler e de Mussolini.

Efetivamente, "believe it or not", o fascismo bota de novo a cabeça de fora, em plena Inglaterra que os fascistas da Alemanha, durante sete anos de sangue, suor e lágrimas, andaram bem perto de arrasar.

Sab-se que a Inglaterra também teve o seu "fuehrer"-mirim, na pessoa dum aristocrata ocioso e de pessimos antecedentes, o famoso Oswald Mosley, que antes da guerra andava sempre armando estrepitos no norte do país, com as suas arengas a operários e mineiros, trepado em carros da estrada de ferro ou tribunas da mesma espécie, o braço duro no ar, na macaqueação mais servil aos bonecos de engenho de Berlim, o corpanzil de vadio bem comido, apertado no saco de pano preto da camisa partidária, a mesma obsessão de "slogans" totalitários ameaçando céus e terras.

Quem melhor o conheceria, naturalmente, da intimidade dos seus pendores e dos seus vícios Sir Mosley, pai, assim o definia há anos, quando o filho ingressou no Partido Trabalhista: "O meu filho nunca trabalhou na sua vida. Ele vive no cume do luxo. Se a classe operária acreditar nessa bobagem, tenho pena dela. O meu filho nada sabe a seu respeito" — como nos revela a jornalista Anita Khalerova que, numa



Na página ao lado: O EVANGELHO FASCISTA. — Uma parte vem dos clubes de livro, outra, diretamente, do Quartel General de Wiltshire Manor, de Mosley. Aqui estão alguns veículos da propaganda fascista numa reunião da Liga de Ex-Combatentes e de Mulheres, em Hackney. Ao alto: A "MARIA PRETA". — Acabou o comício, a multidão se dispersou, serenaram os tumultos. Agora a polícia pode ir embora. Os guardas se acomodam no interior da "Maria Preta", que esteve rondando vagarosamente pelas cercanias, enquanto os homens deblateravam.

curiosíssima reportagem para os "Diários Associados" desta semana, revela sensacionalmente os planos e as idéias desse "duce" fracassado.

Diante de tantas palavras insensatas, fica-se em dúvida se é cinismo demais ou ausência de juízo também demais o que as dita.

Ralmente, nenhuma pessoa de cérebro normal poderá acreditar que ainda haja hoje, na Inglaterra devastada pelos reides aéreos de setembro de 1940, quando mil aviões de Goering, num só dia, riscavam do mapa de Londres quartelões e quartelões da zona de população

mais densa, matando centenas de criaturas e tornando em pó edifícios e utilidades do valor de milhares e milhares de libras — haja um inglês que tenha o desprate de vir a público, em palavras de ardente efusão, fazer o louvor do nazismo e de sua "gang", atribuindo-lhes a derrota ao excessivo amor de Hitler pela Inglaterra: "Aqui ninguém me acreditava quando eu lhes dizia isso — acentua ele à jornalista. — Porém o único motivo porque Hitler não invadiu a Grã-Bretanha, ao invés da qual atacou a Rússia, foi a sua profunda afeição por este país e a sua esperança de que

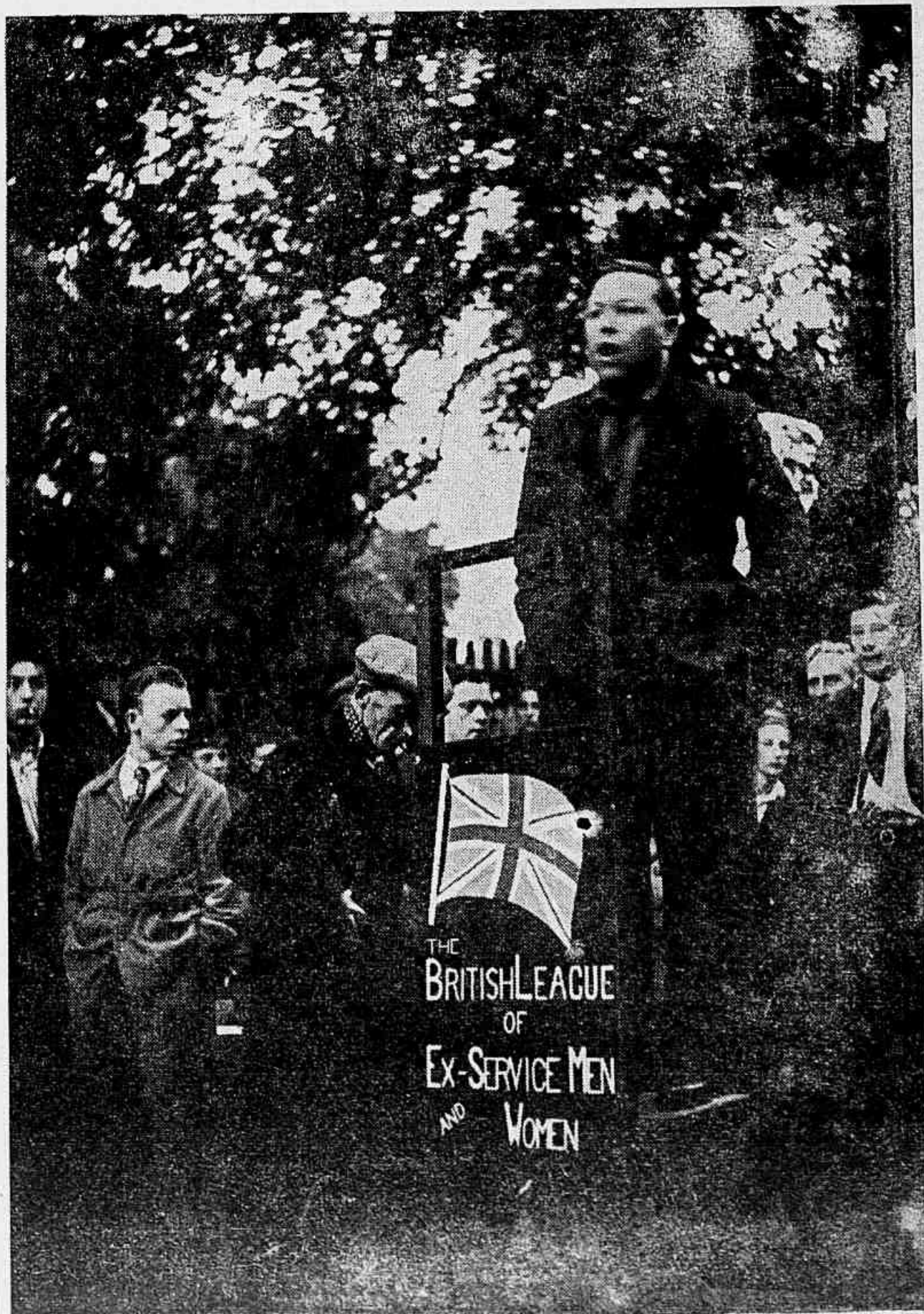
a Inglaterra ainda poderia chegar a um acordo amigável".

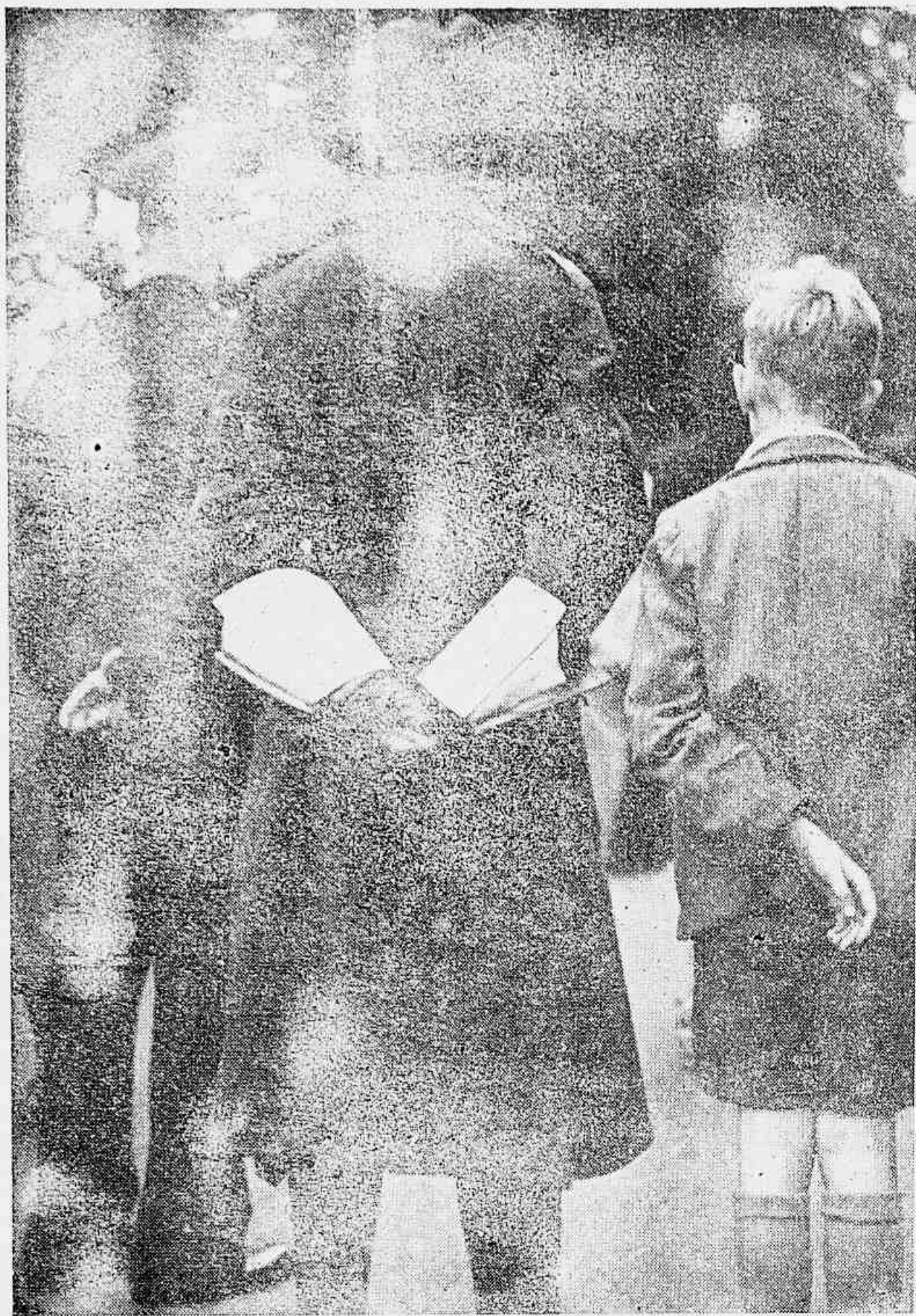
Do mesmo teor são, naturalmente, os planos desse homem sem a menor fibra de sentimento patriótico, para quem somam zero todas as desgraças derramadas sobre a sua terra, durante sete anos: — a devastação da marinha mercante que levava aos sete mares a glória e a honra dos produtos ingleses; a liquidação da indústria inglesa de exportação, até hoje ainda impossibilitada de ressurgir; a devastação de cidades inteiras como Coventry, com as suas veneráveis reliquias de arte e de história de tantos séculos de civilização a mais racional; o arrasamento de centenas de milhares de residências particulares; a mutilação de dezenas de milhares de criaturas de todas as classes e de todas as idades; o sacrifício compulsório da fortuna privada; o monstruoso desgaste da energia nacional violentada em todas as suas fontes; a dureza dos dias atuais de rígida disciplina econômica; o penoso regulamento imposto por todos a todos, para permitir a sobrevivência dum povo e dum nação.

Suas idéias, como é de praxe, vestem-se do misterioso sentido cabalístico que sempre distinguiu as vozes dos iluminados de todos os tempos. E' assim que a uma pergunta relativa à sua intenção de estabelecer um governo de partido único, dá esta resposta criptica: "O Parlamento será eleito numa base profissional e não geográfica" — procurando atenuar o espanto do repórter com a seguinte explicação: "E' simples. Minha profissão principal é a de fazendeiro. Então votaria como fazendeiro. Você, jornalista, votaria como jornalista. Um engenheiro, como engenheiro, e assim por diante. Não tenciono suprimir os partidos políticos. Estes morrerão de morte natural. Não haverá lugar para eles, num regime baseado nos problemas técnicos".

E' obvio que para semelhante resultado o partido precisa de fé, ou seja do fanatismo dos seus sectários, como ocor-

A esquerda: OS EX-NAZISTAS "ESTÃO DE OLHO" — Prisioneiros de guerra, alemães, de um campo vizinho, espiam um comício, escutando o evangelho fascista inglês. Esses prisioneiros estão fazendo um curso de desnazificação... A direita: APELO AOS "BRITANICOS DE SANGUE VERMELHO". — O orador convoca os "britânicos de sangue vermelho" a se levantarem e fundarem o Estado ideal... Os jovens de sangue vermelho não parecem muito convencidos.





A esquerda: A POLÍCIA ESPIA COMO A COISA VAL. — Oficiais de polícia, de guarda à margem da multidão. Policiais de uniforme circulam entre os grupos e todas as alterações da ordem são comunicadas aos oficiais que devem decidir se a hora ou não de acabar com o comício. O homem de sotainas, toma conta duma "Maria Preta" (o "tintureiro" de Londres). A direita: AS MULHERES TAMBÉM PRECISAM DE VIGILÂNCIA. — Uma policial observa discretamente o que suas companheiras de sexo estão fazendo e dizendo. Frequentemente as mulheres incitam ao conflito, nos comícios fascistas de rua.

re em todas as monstruosas máquinas de absorção totalitária do indivíduo reduzido a infima roda de engrenagem: "Não fazemos concorrência à Igreja, porque não somos uma religião, embora a maioria dos membros da União experimente pelo Movimento uma idéia como se fosse uma religião". O certo, na sua palavra, é que a doutrina cristã e o seu movimento fascista lutam ambos pela manutenção duma base espiritual, para a fundação da Nova Civilização. Entretanto, paradoxalmente, "os judeus não têm lugar na sua Nova Civilização". Esses não serão perseguidos, apenas embarcados com destino a um Lar Nacional, o qual, segundo parece, o "führer" inglês não teria dificuldade alguma em encontrar, talvez na ilha de Epiornys descoberta pelo seu patricio H. G. Wells ou na Brobdignac, do seu outro conterrâneo, o deão Swift. Não são menos edificantes as idéias de Mosley a respeito da justiça e da liberdade: "Cada um terá o direito de expressar a sua opinião, na condição de que compreenda o que está dizendo. Quanto à justiça, voltamos ao conceito clássico. Os homens não são iguais e nada os fará iguais. Assim, cada um executará a função para a qual esteja mais adequado, pela natureza e pela educação". — restando saber, naturalmente, quem determinará essas habilitações e qual o método a seguir, o que o chefe não esclarece, conforme observa maliciosamente a jornalista.

O Mussolini de Wiltshire também se preocupa, é claro, com a sorte da Alemanha: "Sem uma Alemanha forte, a União Ocidental não terá uma base estável. Acredito na vitalidade e eficiência do povo alemão. A ele deverão ser restituídas as suas colônias e ele nos deverá auxiliar no nosso desenvolvimento africano. O costume ridículo do branco ser o tutor do negro deve acabar. Haverá muitas possibilidades para a mão de obra negra, sob o meu plano, e talvez mais tarde se possa dar aos negros a administração de si próprios, nas

áreas climaticamente insalubres para o branco. Mas, apenas nessas" — o que é um plano realmente duma grandiosa generosidade.

São, pois, essas as idéias de Mosley, que não vêm de algum canto de jornal de 1938, mas, sim, dez anos depois, atiradas aos quatro ventos do mundo, do fundo dum salão de castelo inglês, sumptuoso e severo como os da sua categoria aristocrática, desde que esse inverossímil cavalheiro britânico também tem seu título de barão. Dali, entre as suas panoplias, os seus quadros, os seus bronzes, as suas tapeçarias, Sir Oswald Mos-

ley dita as suas ordens aos seus exércitos de fascistas, que eram 500.000 antes da guerra e cujo número hoje, prudentemente, ele oculta, o que não será, é óbvio, para impedir a revelação do seu expansionismo, mas para despistar, na verdade, o fracasso que em vão tenta mascarar de incomparáveis vitórias. Provocasse o governo inglês, como fez o Presidente Getúlio Vargas em 1938, uma parada dos unionistas do amigo pessoal de Hitler e o resultado não seria nada muito diferente do que deu aqui o desfile dos 100.000 homens do senhor Plínio Salgado.



Nem por isso, entretanto, deixa de estar causando incômodo mal estar na Inglaterra a sobrevivência de idéias tão monstruosamente aberrantes, depois de todo o longo martírio da pequenina ilha heroica, que teve, como Prometeu, os seus flancos flagelados pelo abutre do nazismo alemão.

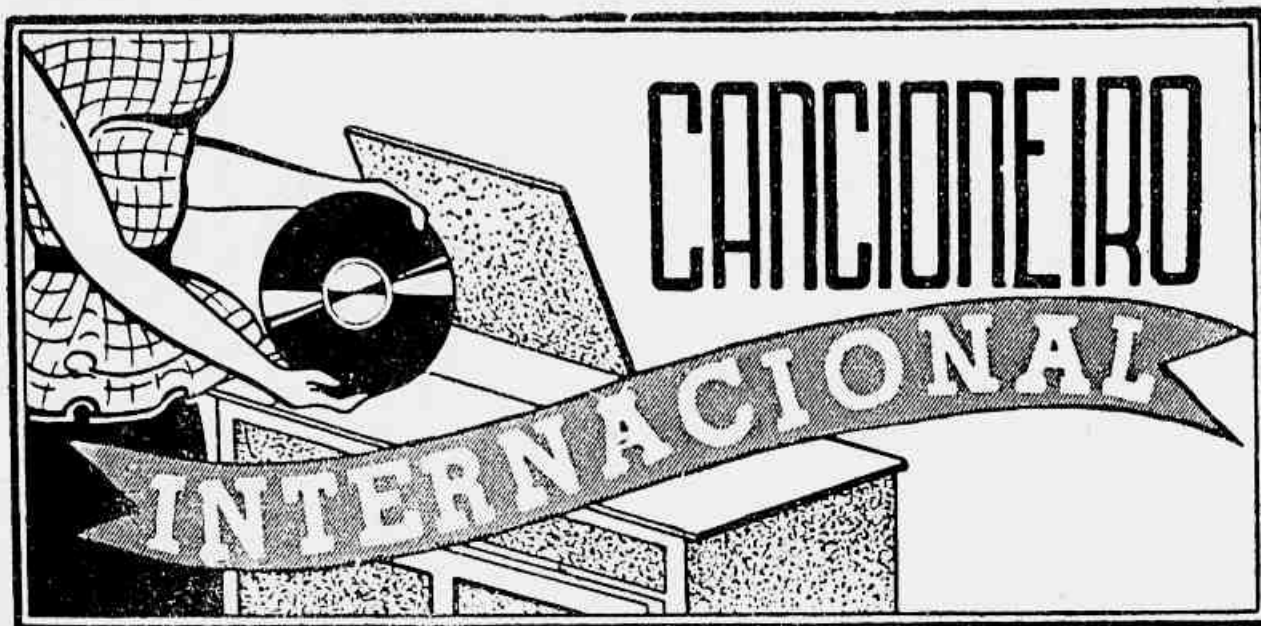
O homem da rua inglês começa a achar que afinal de contas "that is too much", é preciso pôr cobro à rede de propaganda nazista que o ocioso fidalgo inglês começou a tecer, desde que saiu da prisão onde passou por força da lei o tempo da guerra. Os clubes de livro distribuem ativamente, através dos seus sócios, o novo evangelho do Fascio, desde que os postos de revistas e os livrinhos se recusam sistematicamente a expor a literatura de Mosley. Ao mesmo tempo, os membros da "intelligentsia", os sub-leaders do Movimento, passam adiante os números do jornal "The Word", nos comícios da rua.

Os grupos fascistas são diversos, sobressaindo dentre eles, por mais extraordinário que pareça a "Liga dos ex-combatentes, homens e mulheres", de que aparecem dois oradores veementes, nas fotografias destas páginas, embora não se trate, aqui, de "habitués" de Hyde Park Corner, mas de comícios no subúrbio londrino de Hackney.

Uma dessas fotografias mostra mesmo um nazista, prisioneiro de guerra, que veio dum campo vizinho, espantado, e toma parte, assim, na assistência, concluindo, como nota a reportagem da Keystone, o seu curso de desnazificação...

A coisa chegou a um grau de escândalo tamanho que tem provocado violentos conflitos de rua, entre os adeptos do credo verde e as vítimas da desgraça do nazismo na Inglaterra, aqueles que perderam pais, irmãos, filhos e noivos nos bombardeios aéreos das cidades abertas ou nos campos da Europa, na mais trágica e luminosa arrancada de idealismo, para a sobrevivência da liberdade do homem, na face da terra.





SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRES...

DICK Farney voltou aos penates da Rádio Nacional. Entrevista ao microfone; fez referências elogiosas à acolhida que os americanos lhe dispensaram; citação de casos pitorescos e promessa de novidades para os ouvintes brasileiros. Tudo isso feito a capricho, como recompensa à sua prolongada ausência do solo pátrio. Ficamos satisfeitos de ouvi-lo, sabedores da vitoriosa temporada que realizou numa das mais importantes emissoras dos Estados Unidos, onde atuam astros de enorme projeção, como Frank Sinatra. Depois, o artista brasileiro não se apresentou ao povo americano, como intérprete de nossas melodias. Ao contrário, foi competir com os "medalhões" da terra, cantando foxes, blues e swings. E o fez de modo a conquistar o público de lá. Foi uma vitória completa para o jovem artista, hoje possuindo milhares de fãs no país ianque.

Dick Farney, em sua terra de origem, sempre lutou por uma situação consagradora. Como artista da Mayrink Veiga, não chegou a desfrutar da popularidade de um Orlando Silva. Na Rádio Nacional, embora aparecendo em programas regulares, manteve-se equidistante dos cartazes da casa. Não que lhe faltasse valor. Influência, talvez, do número de cantores que essa estação possui. Foi preciso que da América viesse um contrato, para que seu nome passasse a ser pronunciado por milhares de bocas. Agora, Dick Farney está com o cartaz garantido. Bastou-lhe esse passeio, para que todas as atenções se voltassem para o cantor patricio que triunfou em terra estranha. Ninguém mais lhe nega aplauso. Seus programas, cuja duração será de cinquenta e cinco minutos, figurarão na lista dos mais ouvidos. Basta uma sindicância do IBOPE.

Com a razão, o provérbio: santo de casa não faz milagre. E' preciso que o artista brasileiro triunfe lá fora, para receber as palmas consagradoras dos seus patricios. Não sendo assim, nada feito. Este, foi o caso de Carmen Miranda. Com Bidú Sayão aconteceu o mesmo. Agora, repete-se com Dick Farney, o brasileiro que empolgou os americanos interpretando suas melodias características.

A. MIGUEIS

APANHEI DO "BOOGIE-WOOGIE"

(Samba)

Luis Guilherme e Walter Teixeira.

— Você me disse que dançava o "boogie-woogie" de qualquer maneira. Logo a nova dança uladinha lá da gaffeira, aí na asneira le dançar o "boogie-woogie" com uma cubana de lá o outro dia estava de pernas bambas, em poder andar. Nunca mais o "boogie-woogie" me apanha ara me cansar. U apanha o "boogie-woogie" a noite inteira té a coisa melhorar. Está muito bom pra essa mocidade louca em compromisso não para mim ue sou chefe de família preciso trabalhar.

JACK, JACK, JACK

(CU-CU-TU-GU-RU-DU)

Gentleman Jack's a ladies man
He can make love like no one can
It's what you call a real Don Juan
You ought to see him carry on.

Refrain

Jack, Jack, Jack, Cu-Cu-Tu-Gu-Ru-Du
Jack, Jack, Jack, Cu-Cu-Tu-Gu-Ru-Du
Jack, Jack, Jack, Cu-Cu-Tu-Gu-Ru-Du
Jack, Jack, Jack.

What has he got, that he's so hot?
What has he got, that we ain't got?
He cannot dance he's got no cash
Maybe the girls like his mustache.

Refrain

Jack, Jack, Jack, etc...

When he strolls down the avenue
Ladies all fight to get a view
They stand for hours without complaint
To kiss his hand, and then they faint.

CASA MODESTA

(Samba)

Carlos Lima (Carlito) e C. Fortunato

E' permanente a festa na casa modesta onde mora a alegria. Porta e janela, bem cedo se abrem sem medo p'ra saudar o dia. Cercada por um jardim onde ha flor s mimosa. P'ra mais reduzir, é um panorama atraente convidando a gente a ali residir.

E' alegria um mistério que exerce um império de satisfação, que nos faz sentir a vida e a faz esquecer a preocupação. Quem viu a felicidade, a simplicidade da casa modesta. Buscar na sua hora triste a casa que existe permanente em festa.

POR LA CRUZ

(Canção)

A. Dominguez

Ven conmigo mi vida...
Tiene confianza en el cielo
Por la cruz yo te juro que no te haré sufrir...
Tu serás la alegría de mis nuevos anhelos...
Nada habra en este mundo que nos haga mentir...
y se llegue ese dia em que seas mi consuelo por la cruz yo te juro ser solo para ti...

Si no cumplo lo dicho, com mis manos haria mi terrible verdugo para vengar tu amor... Pero no ha de ser si te adoro... pero no ha de ser si te adoro...

O espólio do sr. Cipriano

(Cont. do número anterior)

guesia foi repetido em todos os círculos com geral aplauso; e a reputação de aguçado satírico, de que há muito gozava o digno colega de Figaro, aumentou, se de aumento era suscetível ainda.

Cipriano Martins morreu, e então é que a curiosidade pública se pôs alerta e, para entreter o tempo de espera, prestou ouvidos às historietas da imaginação. Esta fez o seu dever, nada deixando a desejar. Cipriano a cerrar os olhos e o público, mais do que nunca, e tomá-lo à sua conta. Discutiu-se-lhe a herança, avaliou-se-lhe a fortuna, apontaram-se os herdeiros, inventaram-se testemunhas, fantasiaram-se cláusulas absurdas, anteviram-se demandas, devassaram-se esconderijos, arrombaram-se cofres, desenterraram-se riquezas monstruosas; isto tudo durante vinte e quatro horas, no fim das quais nem riquezas, nem testamento, nem cláusulas e, por conseguinte, nem herdeiros nem demandas vieram justificar a geral expectativa.

Foi um desapontamento que, a falar verdade, custou a digerir; os melhores estômagos imparam com ele e mais de uma vez foi regorgitado.

E toda aquela boa gente se punha então a ruminá-lo de seu vagar, sem que o fizesse mais digerível.

A irmã do morto, que de si para si nunca nutrira grandes esperanças, porque nunca tivera fé nas riquezas de mano, apresentou-se nesse mesmo dia, chorando, em casa do administrador, a pedir-lhe que providenciasse para se fazer o enterro do velho Cipriano, pois nas gavetas só lhe encontrara uns cobres, que não bastavam para as despesas exigidas pela solenidade.

O administrador viera cético de Coimbra, doença que apanhara nas margens de Mondego e que, pelos modos, se lhe tornara crônica no concelho, que, como diziam os jornais da época, tão dignamente administrava. Por isso olhou para a pobre Maquelina — pois era esse o nome dela — através dos vidros da luneta pendente, ao mesmo tempo que o mais incrédulo sorriso que o espólio lhe aconselhara vinha encrespar-lhe espiritualmente o lábio superior. Ao desbasto de crenças que este magistrado sefeca, tinha por felicidade sobrevivido entre poucas a crença no espólio, um dos principais conselheiros a quem devia a manutenção da dignidade administrativa.

— Com que então só uns cobritos, diz vossemecê, hein?

O bacharel fizera a descoberta de que este hein lhe dava às palavras certa melodia de bom gosto, e por isso a adotara.

— Eis tudo quanto possuo — respondeu Maquelina, mostrando em patacos um cruzado, quando muito. — V. s. bem vê — continuou: — meu irmão tinha o seu pequeno negócio de socos há muito em decadência; ele, coitado, estava velho e não queria oficiais... e agora, com a moléstia... por mais economias que a gente fizesse, sempre eram despesas certas e nenhum dinheiro a apurar.

O administrador teve aqui um movimento de lábios, expressivo de inveterada descrença; e, como para mais depressa se livrar do contacto de um ser humano, respondeu secamente:

— Faça, se quiser, um requerimento à Câmara, porque seu irmão não figura no quadro dos pobres.

E mais não disse.

Maquelina, à palavra requerimento, empalideceu. Fazer um requerimento é um negócio importante, um passo difícil na vida destes seres inofensivos e alheios a processos judiciais, a cuja confraria pertencia a boa mulher.

Mas que remédio!

Saliu dali e procurou o presidente da Câmara.

Era este um gordo merceeiro, cuja cabeça se podia dizer um vulcão de medidas tendentes todas ao melhoramento público e congresso social. Durante a sua feliz administração dos negócios municipais, contava atos realmente surpreendentes de tino governativo. Seja-me lícito citar aqui alguns fatos da vida pública deste não aproveitado estadista.

Os moradores duma rua estreita, onde os beirais dos telhados fronteiros quase se encontravam a ponto de intercepta-

rem a passagem da luz solar, queixavam-se da mania, desenvolvida em alguns vizinhos, de cultivarem frondosos arbustos nas cadadas das habitações, com grande incômodo e prejuízo dos queixosos, para os quais anottecia mais depressa, graças à sombra impenetrável que projetavam os folhudos ramos na já de si pouco esclarecida rua. O sábio edil legislou, à vista disso:

«Ficam proibidas as árvores em todos os lugares onde a sua vegetação seja impossível.»

Eu penso que se Montesquieu tivesse notícia desta lei havia de apreciá-la, pela admirável concordância com as da inatável natureza.

De outra vez, os contribuintes pacíficos que habitavam próximo aos arrabaldes lamentaram-se, em termos legais, pelas incômodas harmonias com que todas as manhãs os despertavam os carreiros com a infernal chiadeira de imponentes carros. Pensava aquela boa gente que a sinfonia de *ouverture* da criação não perdia nada se lhe suprimissem da orquestra o pouco harmonioso instrumento. Atendendo à justa reclamação dos povos, o judicioso funcionário promulgou que: «Todos os carros que chiassem contra as posturas municipais pagassem dois mil réis de multa, sendo metade para o denunciante, dado o caso de serem ouvidos.»

Já se vê que chiar contra as posturas era coisa séria; a Câmara tinha suscetibilidades e, ofendida, chegava a multar... os carros.

Quando esta medida se discutia em plena vereação, um dos camaristas levantou-se e deu mostras de querer falar.

— Pego a palavra, senhor presidente.

— Tem a palavra o ilustre colega.

— Eu desejava que se fosse mais severo contra os perturbadores do sono público e se desse maior alcance a esta medida policial, multando todo carro que chiar, quer seja ouvido, quer não.

O conselho, atendendo, porém, a que não convinha ser demasiado ríspido com os povos e que os carros, não sendo ouvidos, pouco podiam incomodar, adotou a cláusula do autor do projeto, rejeitando a emenda.

E foi bem considerado.

Outra ocasião ainda, ouvindo o nosso homem discutirem dois bacharéis, classe de sábios que sempre respeitou, sobre a conveniência das Rodas, e vendo-os acordar na necessidade de importantes e radicais reformas nestes estabelecimentos, veio para casa pensativo, e o cérebro, secundado por aquela idêia, lidou toda a noite em gestação mental, tendo no fim o seu bom sucesso, porquanto, pela manhã, o magistrado municipal apresentou à aprovação dos colegas a seguinte medida regulamentar:

«Toda mãe que expuser seu filho sem um bilhete do município fica tacitamente encarregada da educação deste.»

A entender-se gramaticalmente a coisa, rude tarefa cabia à pobre mãe, superior ao esforço humano.

Esta medida, dum incomensurável alcance econômico, por um triz ia passando.

Mas emperrou no advérbio *tacitamente*, que de fato era a maior palavra do período e que o legislador empregara para o arredondar; ele tinha lá suas idêias a respeito de estilo, não obstante viver antes das últimas reformas dos liceus, na qual pelos modos este assunto foi regulado duma vez para sempre. Se a lacônica definição de Buffon é verdadeira, se o estilo é o homem, ninguém de fato como o nosso vereador podia fazer períodos mais rotundos. Mas o corpo camarário viu na frase não sei que sentido *maquiavélico*, e mostrou escrúpulos. Em vão o digno chefe de tão respeitável colaboração, com aquela abnegação quase estoica que o caracterizava, se prontificou a substituir esse advérbio por outro qualquer, sem escolha, tais como: *restritamente, completamente, impreterivelmente, categoricamente*, etc., etc.; ele só queria salvar a beleza da forma; não houve de que, o conselho, entrando uma vez no caminho da desconfiança, não tinha por costume recuar.

Esteve, ainda assim, vai não vai, a resolver-se pela adoção do *categoricamente*, agradado da eufonia da palavra; mas, enfim, nem esse admitiu, e a medida foi rejeitada.

Era pois diante deste vasto talento governativo que Maquelina fora enviada a implorar um diploma de pobre.

Louvado seja Deus! Até isto se am-
plora!

— Mas — observou o judicioso presi-
dente ao ouvi-la — pobre é todo aquele
que não tem dinheiro.

Maqueline concordou. Pudera não.
A definição satisfazia a todos os pre-
ceitos mencionados no Genuense; curta,
clara, etc., etc.; e mais o nosso veran-
dor não estudara lógica.

O homem continuou:
— E, segundo é voz e fama, vocês têm
mundos e fundos.

Aqui principiava a Maqueline a dis-
cussão, por infelicidade sua. Em única
resposta mostrou os cobres que trazia.

— Eis a minha riqueza.

— Pois sim, pois sim... mas... olhe,
disso não quero eu saber. E' pobre?
Peça ao pároco e ao regedor um ates-
tado, e depois... depois... isso é com
a junta de paróquia.

— Mas...

— Adeus, minha amiga, temos conver-
sado.

E o oráculo emudeceu.

Maqueline ao sair levava uma cara
que seria a sua justificação, se o vere-
ador acreditasse na ciência dos fisio-
mistas; mas parece-se poder atestar o
contrário. O bom homem chamaria todo
a Lavater, se o tivesse conhecido.

Dali passou Maqueline a casa do pá-
roco.

Eram horas da sesta e o reverendo
dormia: único ponto de contacto que
tinha com Homero.

E que sono!

Bem pudera de seus paroquiais flancos
elevar-se toda a bem provida árvore de
Jessé, que está representada na nave
direita da igreja dos Franciscanos no
Porto, que ele rivalizaria em impassibi-
lidade com aquele venerável patriarca
que a sustenta.

Quando o foram acordar, o pastor da-
queles povos resmungou, moveu-se, vol-
tou-se para o outro lado e... continuou
a dormir. A segunda tentativa, tornou
a resmungar, tornou a mover-se, a vol-
tar-se para o outro lado e... tornou
a dormir; à terceira, sentou-se na cama,
esfregou os olhos, abriu a boca estre-
pitosamente e não deu acôrdo de si:
pôs-se a olhar depois para o travesseiro
com visíveis tentações de se precipitar
de novo nele; obistou-o a criada, que
voltou a chamá-lo à vida real. Então
seguiu-se o descer do leito, o evacuar
dos pulmões obstruídos por um catarro
crônico, o fungar duma farta pitada,
e enfim apareceu o homem em toda a
magnitude da sua... gordura.

Dizem que o erguer do leito é a oca-
sião em que os monarcas são mais aces-
síveis a pedidos; o nosso abade, con-
quanto também cabeça coroada, não se
parecia neste particular com suas ma-
jestades; pelo contrário, se havia para
ele horas de mau humor eram as que
se seguiam ao momento em que a inex-
orável força das circunstâncias o obri-
gava a emergir de entre os lençóis, oca-
no onde voluntariamente aquele sol se
mergulhava.

— Oh! oh! — bradou o indolente levita
ao ver Maqueline. — Então foi-se o
homem?

— Assim o quis Nosso Senhor.

— E vamos a saber, quanto se herdou?

Maqueline exibiu os quatrocentos réis,
que era todo o espólio em metal.

— Histórias da Maria Carocha — res-
mungou o abade zangado.

— E' isto que digo a v. s., meu ir-
mão...

— Não me venha contar tonilhos. Diga
lá o que quer?

Maqueline expôs o fim da visita.
O padre arregalou os olhos.

— Ui! Essa é de barbas! Eu hei de
atestar que você é pobre!

Maqueline fez um sinal afirmativo.

— Ora, santinha, ora. E para isso
fez-me acordar dum sono que... que...

— Mas, senhor abade, é a verdade que
v. s. atesta, e senão diga-me onde me
encontra a riqueza?

— Seu irmão há de ter deixado somas
fabulosas!

— Pois venha v. revma. ver e dirá
depois. Jesus, meu Deus, procurem, pro-
curem, oxalá que achessem, meu divino
Pai do Céu!

— Enfim, mulher, não me meta em
trabalhos; vá ter-se com o regedor, o
eu, o mais que posso fazer, é confirmar
lá na junta o que Ah. certifica

Maqueline passou à regedoria.

O regedor era taberneiro, e naquele
momento o duplo estabelecimento estava
atufado de fregueses.

As largas mãos deste vigilador da or-
dem pública distribuíam simultaneamente
vinho e justiça aos circunstantes, e mais
amplas medidas de justiça que de vinho,
a acreditarmos os consumidores.

A entrada de Maqueline causou sen-
sação.

O regedor, em pleno gôzo do seu fun-
cionalismo, dignou-se interrogar a irmã
do falecido, e os olhos da importante
autoridade pondo nela:

— Então que a traz por aqui, sra.
Maqueline? — disse com voz benigna.
— Não é bonito andar assim já pela rua,
quando tem seu irmão morto em casa.
Que há de dizer o público?!

Não sei de nada mais delicado do que
é este ser misterioso e respeitável por
excelência a que se dá o nome de pú-
blico.

E' singular como todos tomam a peito
manter-lhe a veneração devida e se doem
às mais leves infrações que esta sofre.
Grita-se contra um fato escandaloso, pa-
teia-se no teatro uma produção imoral,
fulmina-se um procedimento menos ho-
nesto, em respeito ao público, já se sabe.
Não me ofendi eu, nem vós, nem eles;
interrogai-vos um a um, nenhum se dará
por ofendido, mas todos vós respon-
derão com a fórmula: «o o público!».
Porém, valha-nos Deus, o público é exa-
tamente constituído por mim, por ti,
por vós todos que assim respondeis;
como é, pois, que de elementos tão pouco
susceptíveis resulta um produto tão mel-
lindroso?

Cada qual no gabinete lê uma obra de
duvidosa moralidade, ri-se, diverte-se
com a leitura e ninguém quereria admi-
tir que ela lhe possa ter causado o me-
nor prejuízo. Ai temos portanto uma
obra inofensiva; pois não é tal; antes
a vemos proclamar um verdadeiro vene-
no, servido pela imprensa ao público,
um miasma que se ergue dos prelos,
um fermento de dissolução de costumes
e outros nomes igualmente feios. A não
vermos nestes fatos a confirmação da-
quelas idéias que nas primeiras pági-
nas expendi, não sei que outra solução
razoável daremos ao problema.

E' certo, porém, que o público citado
pelo regedor achava-se exatamente nes-
tas circunstâncias. Todos os presentes
abanavam a cabeça em sinal de aprova-
ção; nenhum pela sua parte se mostrava
escandalizado com o extemporâneo apa-
recimento de Maqueline, mas o complexo,
pelos modos, sofria muito com isso.

A referida observação da autoridade,
umedeceram-se os olhos de Maqueline.

— E que lhe hei de eu fazer, sr.
Bento Maria? Quem é pobre...

Houve sussurro na assembleia; o ad-
jetivo parecia beliscar o auditório.

— Pobre! E' sempre o mesmo estri-
bilho — disseram algumas vozes.

O regedor serenou o tumulto, dirigin-
do-se a Maqueline.

— Bem, deixemos agora isso. O que a
traz por aqui?

Maqueline explicou-se.

A indignação dos circunstantes reben-
tou.

— Sempre é desafêro!

— Também é preciso ter descaramento.

— E' digna do irmão, já vejo.

— A alma do sovina meteu-se-lhe no

corpo.

— Quem esconjura esta mulher?

O regedor principiava a franzir a testa.

— Ora vejam a pobrezinha.

— Nosso Senhor a favoreça, irmã.

— Ora já viram!

O regedor levantou-se.

— Quem enterra o mano?

— Forte perda, se fica de fora!

— Aquêlê nem os bichos o querem.

Leva rumor! Ai, que eu... — rugiu

por entre os dentes o regedor, e todos

imediatamente... silent, arrectisque au-
rigus adstant.

Pudera; o ai, que eu... do sr. Bento

Maria não ficou a dever nada ao célebre

quos ego... de Netuno. O regedor sa-
bia, como Vergílio, o valor de eloquen-
tes reticências.

Em auxílio da ordem veio de mais a

observação de um circunstante, dotado

de sentimentos mais humanitários.

— A mulher tem razão. coitadinha, se

a miserável deixou tudo escondido.

(Cont na pág 52)

MÚSICA

Os dois Alexandres

A ESTRÉIA DE UNINSKY E RECORDAÇÕES DE BRAIOWSKI — CHOPIN DISPENSO A HOME- NAGEM — A MEDICINA E A CRÍTICA MUSICAL

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A ESTRÉIA DE ALEXANDRE UNINSKY

Xará de Brailowski, além de seu com-
patriota, Uninsky, entretanto, pertenc-
ce a outra classe de intérpretes. Só-
brio, correto, nem por isso ele deixa de
possuir as qualidades do virtuoso, que
lhe valeram um cumprimento do C.
J. Bullit, do Chicago Daily News, que
o comparou ao Paderewski de quarenta
anos atrás.

Trazido ao Brasil pela Sociedade Ar-
tística Internacional, Uninsky apre-
sentou-se ao público num recital de
Chopin, oferecido pela Associação Bra-
sileira de Concertos.

Allando um programa organizado ao
gosto do público à sua arte de intér-
prete, Uninsky estreou em condições
propícias e obteve o sucesso merecido.
Tinha razão Noel Straus, crítico ame-
ricano, quando o saudou como um ar-
tista completo.

A Associação Brasileira de Concerto
tem sido muito feliz. Inaugurada, no
ano passado, já apresentou aos seus
membros algumas grandes figuras in-
ternacionais, às quais vem se juntar,
agora, Alexandre Uninsky.

Sabemos que não são poucas as di-
ficultades com que lutam as nossas
organizações artísticas e culturais.
Acossadas pelas despesas, atemorizadas
pelos "cachets" elevados, conformam-
se, muitas, com elementos de menor
destaque que, por isso mesmo, dão
menores despesas. A A. B. C., entre-
tanto, conseguiu compreender que há
larga compensação para quem selecio-
na bem os programas e os artistas,
pois os seus quadros sociais vão se am-
pliando à medida que as suas realiza-
ções vão se impondo, em face do pú-
blico. Backhaus, apresentando progra-
mas especiais com Beethoven, foi o
ponto alto da temporada passada. Ar-
rau e, agora, Uninsky, têm mantido,
este ano, os concorrentes num nível
que não desmerece. A A. B. C. está,
portanto, de parabéns.



ALEXANDRE UNINSKY

"Moço vagamente louro, de longos
dedos e longas hemoptises, que fez as
lânguidas delícias de umas quatro ou
cinco gerações", escreveu um crítico a
respeito de Chopin. Mas é preciso lem-
brar que não houve adversário mais
enérgico desse Chopin pálido e ultra-
romântico do que... o próprio Cho-
pin. A demagogia incorrigível não é
do compositor, mas de alguns dos seus
intérpretes. A diferença entre a exe-
cução de um estudo, por exemplo, e
a exploração deliberada e exagerada
desse mesmo estudo marca a distân-
cia que vai da integridade artística
de um Cortot aos dedos sentimentais
de um Brailowski. Mario de Andrade,
em magnífica conferência sobre a
"Atualidade de Chopin", livra-o da
lenda do "namorado canoro das vir-
gens de luar" e afirma: "o que há de
mais simbólico é que justo nos seus
gritos de maior revolta, nos seus so-
luços de maior dor, como esses que
sabemos, a heróica Fantasia, os Estu-
dos em Mi e Dó Menor, eles nada têm
de exclusivistas, de folcloricamente na-
cionais. E' certo, como sabem todos,
que a Polónia vibra, clama, chora e
se debate por toda a obra de Chopin.
Edouard Ganche vai mesmo a afirmar
que é na situação e na escravização
da terra natal que está o princípio es-
piritual e sensitivo dos próprios no-
turnos. Mas quem de nós sente isso?
A arte de Chopin se transcendentaliza
e se universaliza". E continua: "Assim
os prantos e a revolta de Chopin se
universalizaram simbolicamente num
sentimento unânime e de todos, o
amor da terra, a desgraça maldita que
causam as opressões. Nisto reside a
atualidade simbólica de Chopin. Nisto
ele será sempre atual, pelo menos
enquanto estalarem, na torturada so-
ciedade humana, os gritos dos escla-
vizados e o chicote do opressor." Como
nos distanciamos do "moço vagamen-
te louro, de longos cabelos e longas
hemoptises, que fez as lânguidas de-
lícias de umas quatro ou cinco gera-
ções"!... Mario de Andrade salientou,
na obra de Chopin, um sentido herói-
co e rebelde, viril e inconformado.

"DISPENSO A HOMENAGEM"

Van der Velde conta, a respeito da
luta de Chopin contra os que se utili-
zavam de sua música para, desvirtuan-
do-a, transformá-la em produto de
"grande efeito", o incidente que ocor-
reu no castelo do Nohant, residência
de Georges Sand.

Liszt, sentado entre admiradores,
conversava, quando alguém lhe pediu
que tocasse alguma coisa. O grande
pianista resolveu, então, prestar uma
homenagem a Chopin, que estava pre-
sente, executando um noturno do com-
positor polonês. Tais, porém, foram
as suas inesperadas interpelações, que
Chopin, não conseguindo conter a in-
dignação, declarou que Liszt estava
dispensado da homenagem e acrescen-
tou que "Só Chopin tem o direito de
alterar Chopin."

Apesar disso, não escapou da censu-
ra de Field, que escreveu "Chopin
compõe música de câmara de doente"
e de Auber que disse "E' um homem
que vive... morrendo" — duas frases
que, como crítica musical, revelam
uma acentuada disposição de seus au-
tores para a medicina... Mas não se
pede um diagnóstico da tuberculose
de Chopin: pede-se uma análise de
sua obra.



DAPHNE DU MAURIER

A autora de "Rebecca" às voltas com as acusações de plágio

"Rebecca", o famoso romance de Daphne du Maurier, tem sido, realmente, um livro destinado a suscitar a acusação de plágio. Primeiro foi a nossa patricinha, a sra. Carolina Nabuco, que ergueu tal acusação, declarando haver a escritora inglesa, não somente se apropriado do assunto de "A Sucessora", como reproduzido quase na íntegra frases inteiras deste último livro. Os leitores recordam-se dos debates suscitados pelo fato, em 1940; lembram-se de haver o sr. Alvaro Lins, num rodapé, opinado pela procedência da acusação e recordam-se, talvez, ainda, de uma crônica em que o sr. Arnon de Melo declarou que, se houvesse plágio, este vinha de longe: já a sra. Carolina Nabuco teria aproveitado um tema do velho Alencar no romance "Encarnação".

Mas nem por isso o caso foi levado aos tribunais. Entretanto, em outubro do ano passado, J. Clifford MacDonald, filha da falecida escritora Edwina MacDonald, iniciava um processo contra Daphne du Maurier, acusando-a de haver plagiado em "Rebecca", os livros "Viúvas Céguas" e "Planejei matar meu esposo", da autoria de sua mãe. A questão acaba de ser julgada nos tribunais de Nova York pelo juiz John Brigh que declarou Daphne du Maurier inocente de culpa. Fez bem a sra. Carolina Nabuco em não ter pensado em processo: a solução, de certo, seria a mesma.

VIDA LITERÁRIA

MARCEL PROUST EM PORTUGUÊS

DENTRO em pouco, o público brasileiro vai experimentar a sensação de ler Marcel Proust em português. Os primeiros volumes de "La Recherche du Temps Perdu" estão para aparecer, num só tomo, traduzidos pelo poeta Mario Quintana, sob o título "O Caminho de Swan". Traduzir Proust é, sem dúvida, uma arriscada aventura — exclamara Augusto Meyer, quando soube de haver o poeta da "Rua dos Cataventos", iniciado tão difícil tarefa. Na realidade, a Editora Globo, quando adquirira os direitos de tradução de "La Recherche", pensara em confiar o empreendimento a uma equipe de escritores selecionados, não só entre os que se mostravam mais capazes, como possuíam mais afinidade com o talento de Proust, Augusto Meyer, José Geraldo Vieira e parece-nos, também, que Carlos Drummond de Andrade figuravam no número deles. Acontece, porém, que Mario Quintana, tradutor efetivo da Livraria do Globo, trabalhando ali, diariamente, com hora marcada, avocou para si toda a tarefa, da qual já começa a dar conta, da maneira mais brilhante. Alguns trechos da tradução, que lemos nas provas, nos pareceram excelentes. Este primeiro romance "Du côté de Chez Swan" revive episódios da infância de Marcel Proust. "Havia em Cambray — diz o romancista — dois caminhos ("deux cotés") para passearmos, e tão opostos que não saíamos de casa pela mesma porta, quando queríamos ir de um ou de outro lado — "du côté de Meseglise Vineuse" também chamado "Coté de Chez Swan", por passar perto da propriedade de Swan, e "du côté Guermentes".

MARCEL PROUST

Esses dois caminhos constituíam a imagem dos países maravilhosos com que o herói sonhava. E o primeiro romance, hoje traduzido, refere-se às recordações do "lado de Swan", onde mais vivera o narrador na infância. O "lado Guermentes" representava para ele um ideal inacessível, e era com verdadeiro deslumbramento que contemplava o castelo habitado por uma duquesa descendente de Genoveva de Brabant.

São de uma extraordinária finura psicológica as recordações de Proust, transpostas em forma romanesca em "O Caminho de Swan". Aí o vemos analisar, com a costumeira minúcia, os movimentos íntimos de sua alma infantil, do menino sonhador e inquieto que é o lóia e para o qual o pequeno burgo de Cambray era povoado de mitos e criaturas imaginárias.

NOTICIÁRIO

T. S. Elliot homenageado com a Ordem do Mérito — O poeta e crítico T. S. Elliot foi há pouco contemplado com a ordem do mérito da Inglaterra. E o "Book seller" de Londres, que dá essa notícia, diz que o comércio de livros exulta com o fato, pois Elliot é também editor, achando-se, atualmente, na direção da Faber & Faber, coisa ignorada, de certo, entre nós, por muita gente.

O livro e a propaganda — O Conselho de Editores Norte-Americanos realizou um inquérito entre os livreiros para saber se os anúncios divulgados pelas estações de rádio locais realmente ajudavam a venda do livro. Sessenta por cento responderam afirmativamente, quarenta por cento acharam que não. Quanto ao arranjo das vitrinas a maioria prefere cartazes e outros recursos de pro-

paganda, tais como livros gigantes e montagens diversas.

Ferreira de Castro em francês

Na tradução de Louise Delapierre acaba de aparecer na França o romance "Terra Fria" ("Terre Froide"), de Ferreira de Castro. Pouco antes da guerra, Blaise Cendrars traduzira a "Selva", com o título de "Forêt Vierge". Nessa ocasião, como acaba de acontecer de novo, o notável escritor português foi entrevistado por "Les Nouvelles Littéraires", narrando os começos difíceis da sua vida, como emigrante no Brasil.

Maurice Chevalier — memorialista

Maurice Chevalier acaba de publicar o segundo volume de suas memórias, revelando já desta vez, certo progresso na arte de escrever. Este volume tem por título "Hollywood, Londres, Paris", o que dá bem a mostra da variedade de ambientes que o ator-autor focaliza da maneira mais pitoresca.

OS LIVROS DA SEMANA



PEREGRINO JUNIOR

"PUSSANGA" — De Peregrino Junior.

Peregrino Junior, cujo valor intelectual foi consagrado há cerca de um ano, com a sua eleição à Academia Brasileira, é hoje um espírito quase inteiramente absorvido pela clínica, a cátedra e a burocracia. Por maior que seja a sua habilidade na multiplicação do tempo não lhe restam senão poucas horas para dedicar-se às letras. Assim mesmo, sua atividade de cronista mundano de um dos nossos tradicionais magazines não esmoreceu, bem como suas assíduas incursões de jornalista em tópicos e noticiários, sem assinatura, nas colunas da imprensa.

Mas trata-se, evidentemente, de um espírito do qual ainda temos muito que esperar, e ao qual não damos o direito de sacrificar-se a outros mistérios, nobres, sem dúvida, mas alheios à literatura.

Ainda há pouco, em conversa com um amigo, aludia ele aos livros que tem em mira escrever, como por exemplo, um estudo sobre o ambiente literário do Pará na sua época, trabalho que, de certo, viria revelar muito da vida cultural da província tão pouco conhecida. Falava igualmente nas suas memórias. Peregrino é dos homens que têm muito que contar, principalmente sobre o Rio de 21, 22 e 23, na fase heroica do modernismo. A sua amizade com Ribeiro Couto já constitui um capítulo de nossa história literária contemporânea.

E' preciso, portanto, que ele arranje tempo e escreva. Formulamos esta reclamação, justamente na hora em que relemos o seu livro "Pussanga", episódios e paisagens da Amazonia, reeditado pelo Clube do Livro, de São Paulo. A retomada de contacto com essa arte excepcional de ficcionista, leva-nos a concluir, mais uma vez, dos méritos de escritor de Peregrino e, por conseguinte, da necessidade de lhe nos dar, bem depressa, novos livros.

"CRISTO" — De Alberto Rebelo de Almeida.

O sr. Alberto Rebelo de Almeida, que já conta vultosa bagagem literária, escolheu, sem dúvida, um grande tema para sua peça. Mas os grandes temas são, naturalmente, os mais árduos e penosos. Assim, ao elaborar os cinco atos do drama "Cristo", o autor devia ter-se visto às voltas com muitos obstáculos e dificuldades, sobretudo com a necessidade de colocar-se à altura do as-

sunto. E precisamos convir que soube contornar muito bem os escolhos, conseguindo levar, sem desfalecimentos, à ação dramática até ao final, de maneira a despertar no leitor real emoção.

"O JARDINEIRO", — De Rabindranath Tagore

Na coleção "Rubayat", que reúne em excelentes traduções, os mais belos poemas da literatura universal, acaba de ser reeditada a obra de Tagore: "O Jardineiro". E' bem conhecida a originalidade do grande poeta hindu. Tagore, que foi, como se sabe, educador, tendo fundado uma famosa escola na Índia, realiza na poesia uma espécie de desdobramento de sua missão educativa. A escola, denominada "A Morada da Paz", era inteiramente diferente, de tudo quanto se pode imaginar. Nela se aprendia o que se chamaria o segredo da felicidade: o aperfeiçoamento do espírito, com vistas numa libertação dos limites terrenos.

Ora, a poesia para Tagore constitui um dos meios mais poderosos desse aperfeiçoamento. Assim, quando ele fala do amor — e o "Jardineiro" é um lindo poema de amor — não devemos compreender esse sentimento na acepção que ele possui para os ocidentais. O amor aí tem um sentido cósmico; o encanto despertado pela mulher identifica-se com o deslumbramento que no poeta produz a própria natureza, todas as coisas grandes e belas da vida.

Guilherme de Almeida reconstituiu admiravelmente, em nosso idioma, a prosa poética de Tagore (Ed. José Olimpio).

Thomas Mann e o conflito da arte com a vida burguesa

THOMAS Mann é, indiscutivelmente, uma das maiores figuras da literatura contemporânea. Ficcionalista e ensaísta, sua obra obedece toda ela a uma certa unidade. O tema essencial de quase todos os seus romances e novelas resume-se no decantado conflito entre a arte e a vida burguesa. De "Tonio Kröger" ao ciclo de "José do Egito", Thomas Mann procura uma solução estética para esse problema, enquanto como ensaísta se aplica em discuti-lo, em debati-lo.

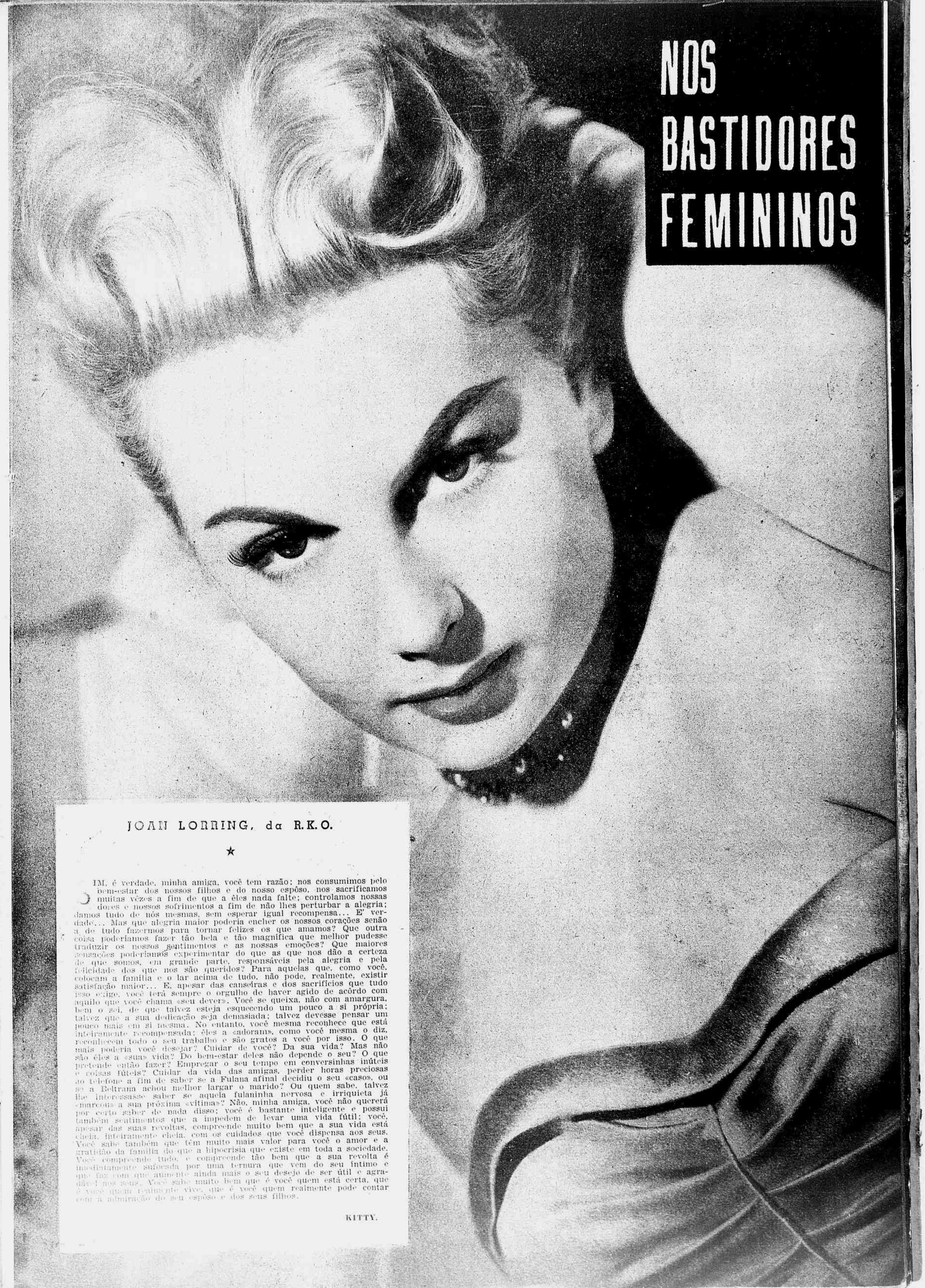
No Brasil já tivemos traduzidos vários romances do grande escritor em traduções, nem sempre boas e muitas delas já esgotadas. Ultimamente, a Livraria do Globo empreendeu a publicação dos quatro volumes do ciclo de "José do Egito", tendo lançado o primeiro "José e seus Irmãos". Urgia, porém, — e aqui fica a sugestão para a referida editora — uma publicação sistemática dos principais romances de Thomas Mann, acompanhados de prefácios, capazes de esclarecer o leitor sobre o sentido de tais livros, ricos de idéias, de intenções e de símbolos.

A propósito, lembramos o fato de o autor da "Montanha Mágica" — filho de mãe brasileira — já haver sido entrevistado por escritores brasileiros, como Magalhães Junior e Erico Veríssimo, e enviado, ultimamente, uma carta muito cordial a Gilberto Freyre.



THOMAS MANN

REMESSA DE LIVROS: Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.



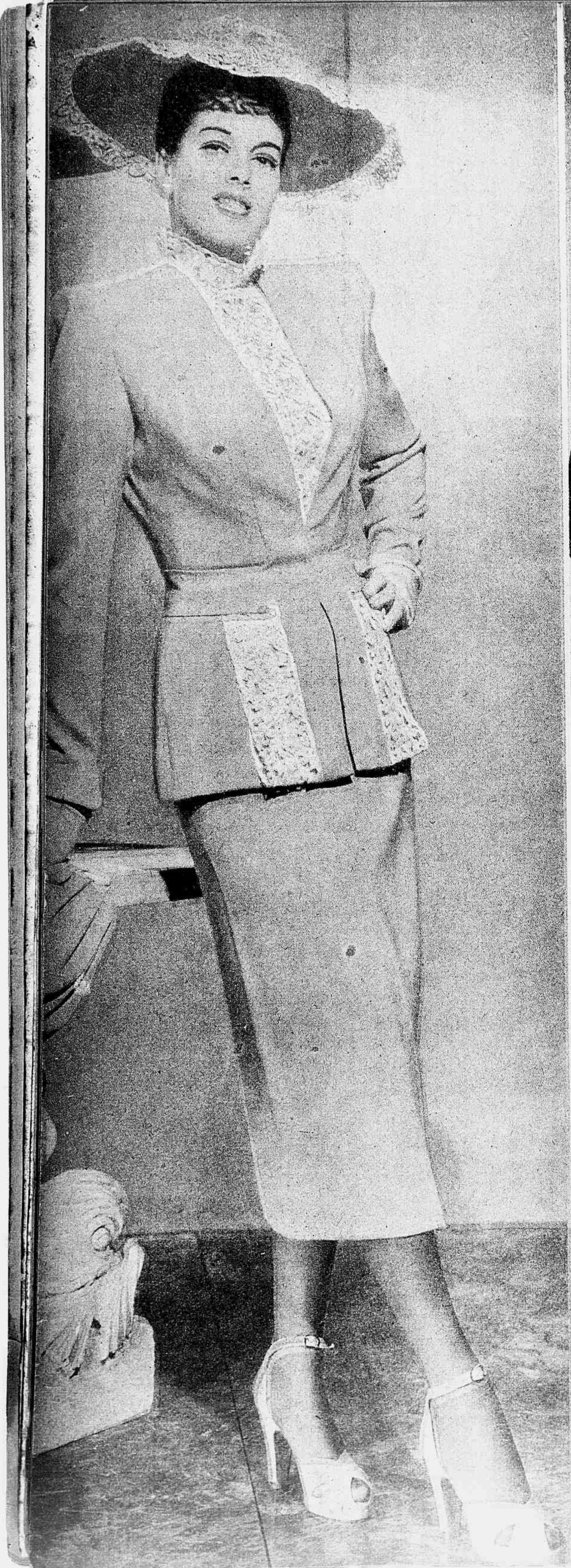
NOS BASTIDORES FEMININOS

JOAN LORRING, da R.K.O.

★

IM, é verdade, minha amiga, você tem razão: nos consumimos pelo bem-estar dos nossos filhos e do nosso esposo, nos sacrificamos muitas vezes a fim de que a eles nada falte; controlamos nossas dores e nossos sofrimentos a fim de não lhes perturbar a alegria; damos tudo de nós mesmas, sem esperar igual recompensa... É verdade... Mas que alegria maior poderia encher os nossos corações senão a de tudo fazermos para tornar felizes os que amamos? Que outra coisa poderíamos fazer tão bela e tão magnífica que melhor pudesse traduzir os nossos sentimentos e as nossas emoções? Que maiores sensações poderíamos experimentar do que as que nos dão a certeza de que somos, em grande parte, responsáveis pela alegria e pela felicidade dos que nos são queridos? Para aquelas que, como você, colocam a família e o lar acima de tudo, não pode, realmente, existir satisfação maior... E, apesar das cansaças e dos sacrifícios que tudo isso exige, você terá sempre o orgulho de haver agido de acordo com aquilo que você chama «seu dever». Você se queixa, não com amargura, bem o sei, de que talvez esteja esquecendo um pouco a si própria; talvez que a sua dedicação seja demasiada; talvez devesse pensar um pouco mais em si mesma. No entanto, você mesma reconhece que está inteiramente recompensada; eles a «adoram», como você mesma o diz, reconhecem todo o seu trabalho e são gratos a você por isso. O que mais poderia você desejar? Cuidar de você? Da sua vida? Mas não são eles a «sua» vida? Do bem-estar deles não depende o seu? O que pretende então fazer? Empregar o seu tempo em conversinhas inúteis e coisas fúteis? Cuidar da vida das amigas, perder horas preciosas ao telefone a fim de saber se a Fulana afinal decidiu o seu «caso», ou se a Beltrana achou melhor largar o marido? Ou quem sabe, talvez lhe interessasse saber se aquela fulaninha nervosa e irrequieta já «marcou» a sua próxima «vítima»? Não, minha amiga, você não querará por certo saber de nada disso; você é bastante inteligente e possui também sentimentos que a impedem de levar uma vida fútil; você, apesar das suas revoltas, compreende muito bem que a sua vida está cheia, inteiramente cheia, com os cuidados que você dispensa aos seus. Você sabe também que têm muito mais valor para você o amor e a gratidão da família do que a hipocrisia que existe em toda a sociedade. Você compreende tudo, e compreende tão bem que a sua revolta é imediatamente sufocada por uma ternura que vem do seu íntimo e que faz com que aumente ainda mais o seu desejo de ser útil e agradável aos seus. Você sabe muito bem que é você quem está certa, que é você quem realmente vive, que é você quem realmente pode contar com a admiração do seu esposo e dos seus filhos.

KITTY.





UM DIA COM JANIS PAIGE

JANIS Paige, a conhecida "estrêla" da Warner Bros., acaba de adquirir o novo guarda-roupa, que a coloca entre as figuras mais elegantes de Hollywood. Especialmente para as nossas leitoras, Janis Paige exhibe parte desse guarda-roupa, revelando assim, os trajes favoritos para as diferentes horas do dia. Ao alto: uma "sweater" escura que é alegrada por um lenço de seda estampada preso por um alfinete dourado. A direita: uma reunião elegante encontra Janes Paige assim preparada. Elegante vestido de cetim preto, luvas também de cetim, "toque" de "faille" preto. Em baixo: Um chapéu de palha rendado, com grande laço de cetim pre-

to, é usado para um jantar mais cerimonioso, fora de casa. Na página ao lado: para uma visita, nada mais elegante do que este "Duas-peças" em jersey de lã azul claro, ao qual, uma renda branca empresta um certo "ar" romântico. A mesma renda é aplicada no chapéu. Finalmente, o grande momento... Janis Paige sai à noite para o teatro ou para uma reunião de gala. Seu vestido, em cetim cor de chumbo, é justo no corpo, abrindo pouco abaixo dos joelhos. Bordado em lantejoulas no ombro e na bolsa. Uma larga "écharpe" do mesmo tecido é atirada, negligente-mente, sobre os ombros. Luvas também do mesmo tecido.



QUATRO SUGESTÕES DE SIGNE HASSO

SIGNE HASSO é mais uma sueca que não pôde resistir à tentação de ir a Hollywood. Chamada pelos "experts" que viram nela uma grande atriz, Miss Hasso poucos minutos teve de vacilação. E' ela a companheira de Ronald Colman em "Fatalidade", da Universal-International, e nesse filme ela usa os modelos que aqui apresentamos. Em

baixo: em tule preto, com "ruches" do mesmo tecido; fôrrô de tafetá rosa pálido; "capeline" sôbre os ombros. Um modelo que lembra as figuras elegantes de 1900; é feito em brocado, todo justo no corpo, abrindo pouco abaixo do joelho; duras tiras drapeadas sôbre os quadris; atrás, grande drapeado; a blusa, justa, é fechada por minúsculos botões do mesmo

tecido. Na página ao lado: deslumbrante modelo em lamé dourado; "basque" original formando drapeado; corpo longo e justo; gola alta. Em custoso cetim pérola é executado este modelo com túnica terminando atrás junto com a saia; cinto de cordão enfiado no mesmo tecido; gola alta arrematada por um colar fantasia.





A PERSONALIDADE da Semana

SUZANA NEGRI



— Eu não entrei para o teatro. Nasci dentro dele. Filha de artistas, nunca houve cortinas entre a minha vida e o mistério dos camarins, tão fascinante para as garotas que vivem de longe com as noções do palco. Os personagens de comédia e os da vida real participaram com a mesma intimidade das minhas sensações de menina. Logo, a estreia — numa companhia de variedades, aos dez anos — foi uma coisa banal e inevitável, como a primeira comunhão e a matrícula na escola para as outras crianças.

Desde então Suzana Negri só parou dois anos, dos doze aos quatorze, para acabar atabalhoadamente os estudos básicos. Reapareceu num papel intensamente dramático, na peça "O crime da 5ª Avenida", levada por Itália Fausta no República. Até hoje se lembra:

— Que maravilhosa ensaladora a grande Itália Fausta!

Dai para cá nunca mais saiu do cartaz: Joraci Camargo, Palmeirim, Cazarre-Delorges, Dulcina, Bibi, Procópio, Renato Viana, aqui, em São Paulo e por todo o Brasil, tiveram no seu elenco essa artista sinceríssima, irradiante de simpatia humana, animada sempre da generosa vontade de superar-se. Em Suzana, o hábito do palco não vale como um desgaste de impressões, mas como constante aperfeiçoamento da voz, do gesto, da expressão.

Se a estréia não a emocionou muito, houve, entretanto, na sua carreira, um momento de vibração superlativa; o concurso promovido pelo S. N. T. para a concessão do Ginástico. Suzana estava com Renato Viana; sobre ela e Maria Caetana recaíam as responsabilidades da representação; delas dependia a sorte da Companhia no certame disputado pelos outros conjuntos teatrais.

— Estava tão emocionada que nem ouvi as palmas; foi preciso que me dissessem — Estão aplaudindo, Suzanna! — para que a tensão caísse e eu pisasse de novo a realidade.

Depois desse sucesso memorável, foi escolhida para integrar o elenco da "Comédia Brasileira", inexplicavelmente desaparecida, apesar de indispensável à formação do teatro nacional.

Não escolhe nem rejeita papéis. Procura criar os que lhe dão, emprestando-lhes o máximo de substância humana:

— Antes de decorar as palavras, de escolher os gestos e estudar as entonações de voz, procuro entender o meu personagem; descubro-o, exploro-o, situo-o no seu meio, na sua época, na sua condição social, e no seu drama. Quando consigo realizar 100% essa descoberta, a representação vem naturalmente.

De suas criações no palco, a Arminda, de "Clí-me", a Paixão, da "Comédia do Coração" e a mulher do povo de "Já é manhã no mar", foram as que deixaram sulcos mais profundos em sua sensibilidade.

Adora a música. É doida por Beethoven e Tchaikowsky. Em matéria de leitura, prefere os livros sérios sobre Arte, Filosofia e História.

— Não é pernosticismo, não. Tenho pouco tempo livre e devo ler coisas que me ajudem a conhecer a alma varia do homem dentro do tempo.

Gostaria de interpretar Lavínia da "Electra" de O'Neill. Mas não desdenha dos nossos autores e dos nossos artistas. E diz:

— Não vou enumerar os que mais admiro. São tantos que receio esquecer algum.

No mais, é elegante, sóbria, rica de simpatia humana. Tão interessante na vida como no palco. Olhos azuis de cílios crespos e escuros, grandes e pensativos. Uma artista que honra a classe em qualquer circunstância.

SARAH MARQUES



CHAPÉUS

Aqui estão seis lindas sugestões para chapéus, que Hollywood apresenta, para a próxima temporada: Ao alto: Modelo em palha preta brilhante, guarnecido de flores rosa pálido. Modelo apresentado por Rosamund John, da Universal International. Modelo em feltro





rosa pálido com enfeite de penas e véu preto, usado por Lila Leeds, da Warner Bros. Em baixo, da esquerda para a direita: "Turbant" em cetim cinza usado por Pamela Kellino, da Universal-International. De inspiração oriental é este chapéu em veludo negro

com véu preto caindo ao redor do rosto. Usa-o Pamela Kellino. Catharine McLeod, da Republic, é quem nos apresenta estas duas lindas criações em feltro bege com guarnições em gorgurão de seda azul-marinho.



Muito das LAMENTAÇÕES

CORRESPONDENCIA

As pessoas que desejarem ouvir nossa opinião amiga sobre seus casos particulares, poderão escrever-nos, aos cuidados da REVISTA DA SEMANA rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

ELZA DOS SANTOS — Baurá — Conforme seu desejo, remetemos a "Maurício", nos Estados Unidos, a carta que por nosso intermédio lhe endereçou. Precisamos frisar que essa aproximação epistolar é feita por sua exclusiva solicitação, e que por ela não nos podemos responsabilizar. Além do mais, "Maurício" não é pessoa que conheçamos de perto, por isso nem mesmo sabemos se lhe responderá ou não. De qualquer modo, boa sorte, Elza.

FERNANDO — Rio — Muito interessante o seu idílio, de passagem por Santos. A impressão que o seu relato nos causou foi de que a sua pequena lhe tem bastante afeição, e merece as atenções que você lhe está dispensando. Sua situação geral, porém, é tão complicada! O melhor seria deixar o serviço por uns dias e ir passar duas ou três semanas em Santos, para tomar uma resolução. Isso não é possível?

JULIETA — Numa paragem Mineira — Muito nos alegrou sua carta, narrando os benefícios que obteve de nossas palavras. Continuí a mandarmos notícias, sim; creia que elas serão recebidas sempre com o maior interesse. O que não podemos é manter correspondência particular, fora desta seção, pois isso contraria as normas desta revista Lamentamos, igualmente, não podermos encontrá-la pessoalmente, porque não podemos quebrar o sigilo que deve cercar a nossa identidade. Dezenas de pessoas se confiam a nós, e para sua perfeita tranquilidade nosso nome precisa ficar inteiramente desconhecido. O que muitas pessoas não diriam a alguém, de carne e osso, dizem no entanto a um coração como o nosso, humano mas impessoal. Esperamos que compreenda esses nossos motivos, e não se aborreça, julgando erradamente a situação. Teríamos todo o interesse em conhecê-la, porém, as circunstâncias não o permitem, como vê.

Não exagere a importância do que aconteceu aqui, no Carnaval. O único meio de aprender é errar, e você parece ter tirado todo o proveito da lição, pelas boas intenções que demonstra em sua última carta. Agora, é persistir nelas, abrir seu coração aos bons sentimentos, enrijecer seu caráter, e esperar. Automaticamente, quanto melhor você se tornar, melhores pessoas atrairá para a sua "atmosfera". Não lamente os que não conseguiram atrair: é que não estavam à sua altura, e não valeriam os aborrecimentos que lhe iriam causar.

Quanto ao seu noivo, medite bem antes de tomar uma decisão. Não o engane, porém, se nada de profundo lhe tem a oferecer.

E felicidades, Julieta, muitas felicidades!

CONFIDENTE

PELAS ESTRADAS

Hoje

MOVIMENTO AERONÁUTICO
DO BRASIL E DO MUNDO

Um dos primeiros volumes enviados para o estrangeiro pelo novo serviço postal aéreo de encomendas dos Estados Unidos foi uma "chave da cidade" de Nova Orleans, Louisiana. A chave foi transportada pela Pan American Airways para o "premier" Jan Christian Smuts, da União Sul-Africana.

Os prejuízos das companhias de fabricação de aviões dos Estados Unidos o ano passado são calculados em cem milhões de dólares.

Um avião da Pan American World Airways, recentemente, fez uma parada não escalada em Santa Lucia, Índias Ocidentais Britânicas, afim de entregar um carregamento de soro anti-diftérico para combater um surto da moléstia ali.

Cerca de 450.000 quilos de vacina contra a febre aftosa estão sendo transportados por via aérea, semanalmente, pela Pan American World Airways, de Buenos Aires para o México, para combater a epidemia que está grassando nos rebanhos mexicanos.

O avião transporte estratosférico da Boeing, cópia da Superfortaleza "B-50", terminou suas provas de voo. Acionado por quatro motores de 3.500 HP, o avião tem capacidade para transportar 20 toneladas de carga.

A Divisão Latino-Americana da Pan American Airways dentro em breve tomará a decisão de usar o motor Pratt & Whitney R-2180. Se ficar demonstrado que o referido motor preenche as exigências da PAA, esta equipará 25 dos seus DC-4 da Divisão Latino-Americana com o novo motor.

Foi dito perante os membros do The Institute of The Aeronautical Sciences dos Estados Unidos, na sua Terceira Reunião Nacional de Propulsão de Voo, em Cleveland, que o motor a jato, não obstante ter sofrido numerosas "dores neurálgicas" no seu curto período de desenvolvimento, apenas em três anos de uso em serviço real já provou ser uma fonte prática e segura de potência aeronáutica. J. W. Bailey, chefe dos serviços de engenharia da Divisão Allison da General Motors Corporation, informou ao auditório que a turbina a jato "J33" tinha completado mais de 75.000 horas de voo e nesse período os engenheiros tinham solvido a maioria dos problemas com que se defrontaram no início do desenvolvimento do jato.

A National Airlines deu início a um processo contra a Associação Internacional dos Maquinistas, por crime de difamação, pleiteando uma indenização de 5.000.000 de dólares. A petição da companhia alega, para isso, que no órgão da associação foi publicado um artigo dizendo que os seus aviões não tinham segurança.

O Conselho de Aeronáutica Civil dos Estados Unidos rejeitou uma queixa feita pelo Conselho de Turismo do Governo insular de Porto Rico com referência aos preços das passagens da Pan American Airways de Nova York a San Juan. O Conselho achou que a queixa não "estabelecia fato que justificasse a suspensão ou outra ação." As tarifas que deram motivo à queixa entraram em vigor em 1 de fevereiro.

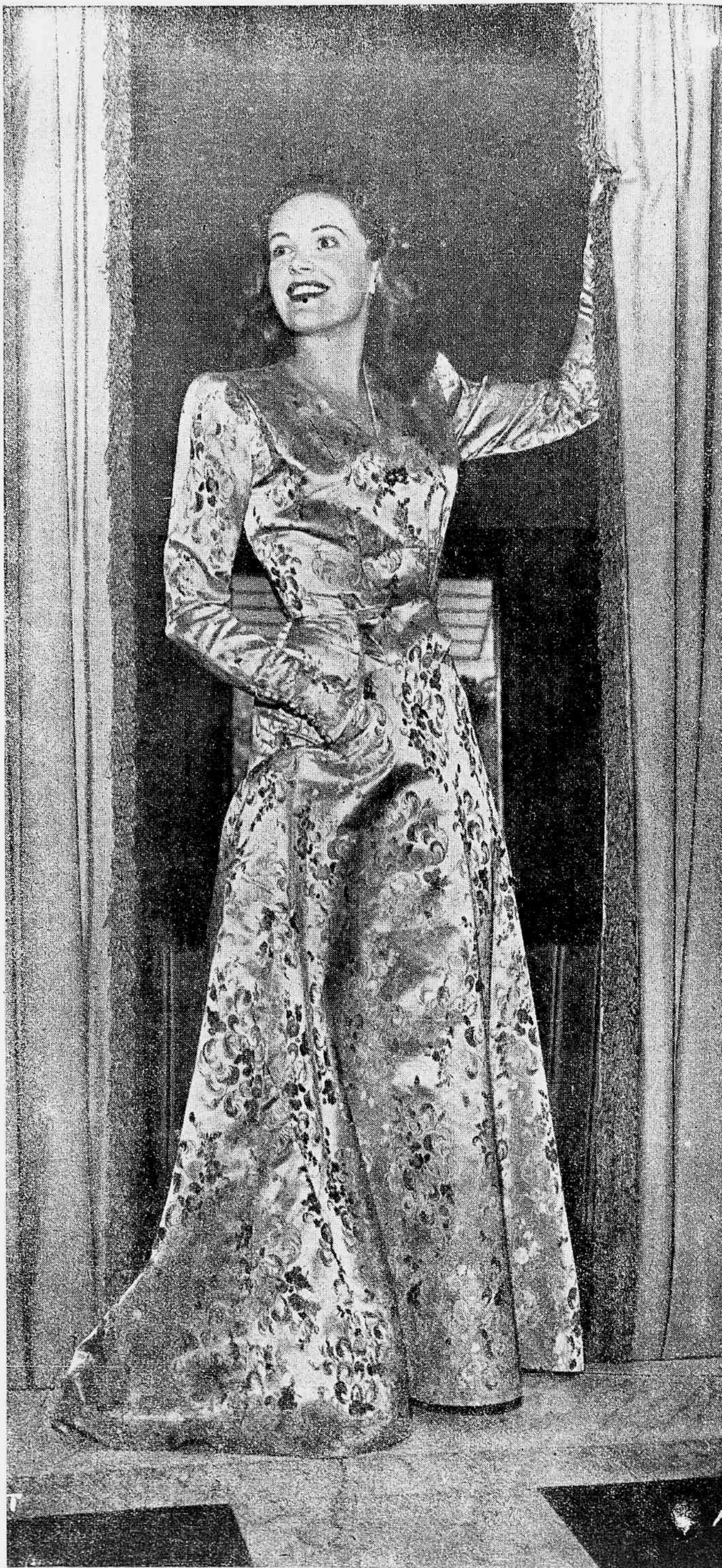
Edward Tomlinson, notável escritor, comentarista de rádio e conferencista dos Estados Unidos, completou meio milhão de milhas de viagem em volta da América Latina em "clippers" da Pan American World Airways. Tomlinson, que faz pelo menos duas viagens de "clipper" por ano às Américas Latina e Central e às Caraíbas para colher material para seus "broadcasts", conferências e artigos de revistas, é considerado o passageiro n.º 1 da Pan American Airways, em termos de milhas voadas.

A Panair do Brasil está ajudando a mitigar a falta de carne no Rio de Janeiro. Segundo informou aquela empresa, seus aviões estão transportando semanalmente cerca de 1.300 quilos de carne de Barreiras para esta capital.

O Comando do Material Aéreo dos Estados Unidos anunciou o arrendamento imediato de um número substancial de aviões de carga "C-46-P" a linhas aéreas comerciais. O "C-46-P" foi o último modelo que o Comando da Curtiss entregou à Força Aérea Americana na fase de encerramento da guerra.

As provas com a Asa Voadora "XB-35", da Northrop Aircraft, há muito tempo retardadas devido a defeitos na hélice, foram reiniciadas com a hélice de rotação singela de quatro pás recentemente instalada na mesma. Está sendo completado um "test" de 10 horas para provar a nova combinação de engrenagem da redução da hélice. As primeiras notícias indicam resultados mecânicos satisfatórios. Outra "XB-35" está sendo adaptada com o novo aparelho de propulsão e espera-se vê-la voar num futuro próximo.

(Noticiário compilado por E. de OLIVEIRA, especialmente para REVISTA DA SEMANA)



ELEGANCIA NO LAR



PARA a sua elegância em casa, Hollywood nos envia duas lindas sugestões que aqui vemos. À esquerda, a "estrela" inglesa Phyllis Calvert, da Universal, num lindíssimo "robe" em tecido adamascado em ouro. À direita: Gail Russell, a morena bonita da Paramount, com uma sugestão em musseline ambar. Fitas e bordados em azul claro.

O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

DIGAM O QUE DISSEREM

Digam o que disserem, pensem o que pensarem os idealistas, o brilho e o poder (vis bens deste mundo) são como uma auréola. Ilumina o que se ama e quase obriga a amar o que não se ama (Marie Bashkirtseff aos quinze anos).

VISTA DE BERLIM

Do diário de Maria Bashkirtseff (quinze anos): "Berlim parece um quadro de relógio, onde, a horas fixas, militares saem da caserna, barqueiros remam, senhoras encapotadas passeiam, levando consigo crianças feias".

INQUIETAÇÃO

Do diário de Marie (dezessete anos) — Impossível. Que palavra horrível, esmagadora, pavorosa! Morrer, meu Deus! Morrer! Sem nada deixar de mim. Morrer como um cachorro. Como 100 mil mulheres cujos nomes estão apenas gravados nas sepulturas? Deus quer que renuncie a tudo e me consagre à arte. Mas, e se não puder ser mais que uma das tantas mediocridades que atravancam o mundo artístico?"

POLÍTICA

Gostaria de falar na minha inquietação. Mas, num assunto tão importante, quem sou eu para dizer o que quer que seja? Detesto paixões inúteis. Falaria sobre a nossa guerra (1877) se pudesse fazer por ela alguma coisa. Limite-me a admirar, apesar de tudo, a família imperial, o nosso caro e pobre imperador, (idem).

A MAIOR GLÓRIA

Há uma coisa realmente bela e imutável: — o aniquilamento da mulher, diante da superioridade do homem amado. Deve ser a maior glória do amor próprio, para uma mulher superior. (idem).

AGONIA

"Até agora, sempre me dirigi a Deus, mas, como nunca quis ouvir-me, quase não creio mais. Só aqueles que experimentam tal sentimento podem calcular-lhe o horror. Não que eu queira pregar religião por virtude, mas, Deus é uma coisa bem cômoda. Quando não temos mais a quem nos dirigir, quando esgotamos todos os recursos, ainda nos resta ele. Exista ou não, é preciso acreditar nele ou então ser perfeitamente felizes para não precisarmos dele. Mas, na tristeza, na infelicidade, em todos os momentos desagradáveis, é melhor morrer do que não crer. Imaginem pois, o que deve sentir quem o invoca em último recurso e já não pode crer na sua existência!" (Marie Bashkirtseff aos dezoito anos)

O INFERNO

De Katherine Mansfield a seu marido, ao chegar a Paris em 1918: — "Pensei que desta vez a França ia me deixar desiludida. Pela primeira vez julgo compreender o amor que sinto por ela e o porque deste amor. E' porque acontece o que acontecer, eu nunca fico indiferente. Sinto que a indiferença é estranha à minha maneira de ser. Viver indiferente é o único inferno que conheço verdadeiramente."

MUITA DISTANCIA

"Acabei de ler a carta em que me falam da echarpe. Parece-me ver a vendedora perguntando-te se essa cor ficaria bem. E tu fazendo esforços para recordar se eu era loura, morena ou se teria os cabelos castanhos! Tenho a certeza de que vou gostar da echarpe". (Carta de Katherine Mansfield a seu marido na Inglaterra).

AR DE FAMÍLIA

Tenho aqui na minha frente um retrato seu — onde se mostra bem ornamentado com um par de óculos. Espero que não sejas obrigado a trazê-los sempre. E' dono de um par de olhos muito bonitos. Uns olhos raros, expressivos, originais. Olhos que deveriam pertencer a uma pessoa nascida num cruzeiro dos pais pelos mares do sul. Em todo caso, se realmente se viu forçado a por umas vidraças, saiba que o mesmo aconteceu a mim. Um dos meus olhos já não vê como via. Tenciono usar uns óculos de aros de tartaruga, bem grandes. Comporemos um belo trio! Faça um desenho, peço-lhe! Cada qual à sua janela, tendo sido interrompido no trabalho para ver quem avança pelas ruas do jardim. Três rostos, três janelas e três olhos prodigiosos! O visitante desmala sobre os canteiros de peonias cor de rosa..." (De Katherine Mansfield a seu marido).

(Seleção de L. B., especial para REVISTA DA SEMANA).



Os legumes não deverão nunca faltar na sua mesa. Para vocês adultos ou para as crianças, eles representam um excelente condutor de vitaminas e calorías. E' necessário conhecê-los e saber escolhê-los. Muita gente se recusa a comer legumes por achá-los "sem graça"; no entanto, tudo depende da sua preparação. Um prato de cenouras, por exemplo, pode ser um prato deliciosíssimo si for preparado convenientemente. O mesmo acontece aos demais legumes. Existem dezenas de maneiras de torná-los atraentes e apetitosos, o que é importante, pois é sabido que a aparência de um prato influi muito no nosso apetite. Hoje, ofereço a vocês alguns pratos feitos com legumes, os quais, naturalmente, servirão para eliminar a sua repulsa.

CENOURAS "SAUTES"

Ingredientes: 500 grs. de cenouras grandes; 1 colher, das de sopa, de manteiga; 1 colher, das de chá, de açúcar, sal.

Preparação: Lavam-se as cenouras, raspam-se e cozinham-se em água a ferver com o açúcar e um pouco de sal. Em seguida, escorrem-se, cortam-se em rodela e fritam-se na manteiga bem quente.

PICADINHOS DE QUIABOS COM CAMARÕES

Ingredientes: 12 quiabos, 250 grs. de camarões, sal.

Preparação: Tratam-se os camarões e ensopam-se. A parte, lavam-se os quiabos, atiram-se as extremidades, aferventam-se, cortam-se em pedacinhos e juntam-se aos camarões ensopados. Leva-se tudo ao fogo, tempera-se com sal e deixa-se ferver até os quiabos ficarem tenros.

VAGENS COM MOLHO DE TOMATES

Ingredientes: 500 grs. de vagens; molho de tomates; sal.

Preparação: Quebram-se as extremidades das vagens, retiram-se os fios e levam-se a cozinhar em água a ferver com sal. Depois escorrem-se, cortam-se em tiras finas, põem-se numa caçarola, junta-se-lhes o molho de tomates e leva-se ao fogo até ferver. Em seguida retira-se e serve-se.

ERVILHAS COM OVOS

Ingredientes: 500 grs. de ervilhas; 100 grs. de manteiga; 2 ovos; 1 cebola; 1 tomate; sal, salsa.

Preparação: Tratam-se as ervilhas e ensopam-se, com cebola, tomate, salsa picadinha e uma pitada de sal. Antes de retirar do fogo, juntam-se os ovos batidos, com uma pitada de sal. Tapa-se novamente a caçarola e um minuto depois retira-se a tampa. Mexe-se tudo devagar até os ovos ficarem cozidos e bem misturados com as ervilhas.

PUDIM DE ABÓBORA

Ingredientes: 200 grs. de açúcar Pérola; 600 grs. de abóbora amarela; 50 grs. de manteiga; 40 grs. de farinha de trigo; 1 colher, das de café, de sal; 5 ovos.

Preparação: Descasca-se a abóbora, cozinha-se em água a ferver com o sal indicado e depois escore-se e passa-se por uma peneira bem fina. Juntam-se-lhe então o açúcar pérola com a manteiga, a farinha e os ovos batidos, separadas as gemas e as claras. Mistura-se tudo muito bem, cõa-se numa forma untada com manteiga e assa-se em forno regularmente quente.

As patifarias de Bindle

(Cont. da pág. 56)

noite prometendo voltar assim necessitado Ponto Avise ele estamos prontos Ponto Novo argumento magnífico reman- ce comércio indústria americanos Ponto Creio Bindle abafaremos Zola Pasteur Edison Lincoln outras biografias filma- das Ponto Seu pavilhão Imperial Bindle excelente idéia Ponto Parabens — J. K. Hoffheimer.

★

WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial — Holly- wood — 5-5-47.

Não posso entender seu telegrama via- gem Bindle Nova York negócio urgente Ponto Escritório dele nada sabe respeito Ponto Garantem ele ainda Hollywood Ponto Investigue imediatamente Ponto — L. E. Buzzard.

★

WESTERN UNION

L. E. Buzzard — Imperial Radío — Nova York, N.Y. — 5-5-47.

Verifique! Aeroporto Glendale Bindle voou Seattle não Nova York Ponto Não compreendo nem gosto Ponto Abraços — J. K. Hoffheimer.

★

Telegrama da «Associated Press», de 5-5-47:

Seattle, 5-5-47 (A.P.) — Jonathan Bin- die, presidente da Cia. de Bombons Su- per, arrebatou o crânio num hotel desta cidade, após voar de Hollywood, ontem. Cinco minutos depois do suicídio chega- ram alguns agentes do F.B.I. com um mandado de prisão contra Bindle, em relação a uma gigantesca fraude stru- buida a ele. Espera-se acontecimentos sensacionais. A ex-secretária de Bindle, srta. Kathleen Shane, que deve estar em Hollywood, será interrogada pelas auto- ridades.

★

WESTERN UNION

R. L. McCarthy — Imperial — Holly- wood — 6-5-47.

Poderá você através seu amigo Polk- ington abafar um pouco escândalo Bin- die Interrogação Responda imediatamente Ponto — L. E. Buzzard.

★

WESTERN UNION

L. E. Buzzard — Imperial Radío — Nova York, N.Y. — 6-5-47.

Não — R. L. McCarthy.

★

WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial — Holly- wood — 7-5-47.

Verdadeira avalanche pedidos exibido- res filme Bindle programado e vendido Ponto Que acha você Interrogação — L. E. Buzzard.

★

WESTERN UNION

L. E. Buzzard — Imperial Radío — Nova York, N.Y. — 8-5-47.

Levaremos avante filme Bindle des- peito triste acontecimento Ponto Começa- remos filmagem segunda-feira Ponto Au- menti verba quatro milhões dólares Ponto Espero seja maior filme todos os tempos Ponto Abraços — J. K. Hoff- heimer.

★

Do «Daily Mirror», de Nova York — 9-5-47:

Hollywood, 9-5-47 (A.P.) — Kathleen Shane, a encantadora e ruiva secretária particular do falecido Jonathan Bindle, foi hoje interrogada durante três horas por agentes do governo. Kathleen Shane, agora sob contrato com a Imperial Fil- mes, foi assistida por Roger L. McCart- hy, diretor da companhia e, segundo se verificou, nada sabia das falcatuas de Bindle. (Fotos nas páginas 1, 4, 5, 6 e 7.)

★

WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial — Holly- wood — 10-5-47.

Você deve estar louco Ponto Bindle maior patife todos os tempos não pode servir exemplo mocidade americana como por nossa propaganda Ponto Todos pro- jetos vida dele devem ser arquivados Ponto Substitua pequena Shane por atriz cartaz Ponto Prossiga filmagem Jeepers Creepers Ponto — L. E. Buzzard

(Vis aérea)

IMPERIAL FILMES

Estúdios

11 de maio de 1947.

Sr. L. E. Buzzard, presidente da Im- perial Filmes — Edifício Radio — Nova York, N.Y.

Caro L. E.:

Eu gostaria que você sossegasse um pouco. Está tudo perfeitamente contro- lado. Passei os últimos três dias e 3 noites trabalhando no entrecabo Bindle com sete ou oito dos nossos melhores redatores. O filme terá o título de «As Patifarias de Bindle», e constituirá a maior exposição de canálhices e ladroei- ras jamais vista em qualquer lugar. Fará época... será uma coisa tremenda, fabulosa...

E além disso, uma vez que Bindle está morto e comprovado ladrão, passa automaticamente ao domínio público, de modo que podemos basear-nos na histó- ria da vida dele. A srta. Shane forne- cerá os detalhes.

Já interrompi a filmagem de «Jeepers Creepers», e vou usar a sequência dan- çante já filmada com a pequena Shane para uma cena de night-club de «As Patifarias de Bindle». Garanto que será um sucesso.

Faremos tremenda propaganda da Sha- ne como «A pequena que conheceu o ver- dadeiro Bindle». Será uma coisa louca... Abraços do J. K. Hoffheimer.

★

Do «Hollywood Reporter», de 25 de junho de 1947:

«AS PATIFARIAS DE BINDLE»... UMA SENSACÃO — Uma platéia espe- cial aplaudiu de pé durante dez minutos a «primeira», realizada à noite passada, da nova e colossal realização da Impe- rial, «As Patifarias de Bindle».

Sob a soberba, exata e criteriosa mão do mestre Jerry Hoffheimer, o diretor Kemble e um seleto elenco acabam de contribuir para a história do cinema. Fazem emergir das profundezas da frau- de e da desonestidade um sermão de americanismo, um documento que todos os homens, mulheres e crianças não po- dem nem devem deixar de assistir.

O filme que retrata a verdadeira vida do falecido Bindle está repleto de situa- ções verdadeiramente humanas e dramá- ticas. Salientam-se as cenas do salva- mento da criança da árvore de Natal incendiada e a das «Fortalezas Voadoras».

E surge ainda uma nova «estréia». A encantadora Kathleen Shane (Sra. P. L. McCarthy) dá ao seu papel, da leal se- cretária (papel que ela desempenhou na vida real), uma sinceridade bela e to- cante...

★

IMPERIAL FILMES

Estúdios

Comunicação Interna

De: J. K. Hoffheimer

Para: Todos os Interessados

Data: 27-6-47

Ref.: Bindle (Biografia)

A «primeira mundial» de «As Patifa- rias de Bindle» será realizada no Carthay Circle no dia 9 de julho. Queremos que seja o maior lançamento até hoje feito em Hollywood. As entradas custarão 15 dólares, imposto à parte, somente para essa grande noite. Grande quantidade delas será reservada para o pessoal do estúdio.

Espero que toda a turma da Imperial, «astros», diretores, altos funcionários, es- critores, esteja presente a essa estréia. — J. K. Hoffheimer.

— FIM —

Noticias avulsas

CONVENÇÃO DE CONTROLE AUTOMÁTICO

As possibilidades industriais do con- trôle automático constituirão o assunto

principal a ser discutido por uma con- venção que será instalada em Londres segunda-feira próxima e que durará qua- tro dias.

Durante a guerra adquiriu grande im- portância o desenvolvimento do contrôle automático alcançado pelas três forças armadas da Grã-Bretanha. O contrôle automático foi empregado, por exemplo, nos faróis, na estabilização giroscópica de canhões navais e de tanques e visores de bombas, etc. A maior parte das bombas voadoras lançadas sobre a In- glaterra foi abatida por canhões contro- lados automaticamente pelo radar.

O rápido progresso obtido na Grã-Bre- tanha nos projetos de sistemas de con- trôle automático tornou possível a uti- lização de pessoal não especializado e é fácil perceber as vantagens econômicas que tal fato acarretou para as indús- trias. Em todos os ramos da indústria britânica vem sendo aplicado o contrôle automático.

A convenção foi organizada pelo Con- selho do Instituto de Engenheiros Ele- tricitistas e será aberta pelo ministro dos Abastecimentos, John Wilmot.

BÚSSOLA GIROSCÓPICA

Na Feira das Indústrias Britânicas está exposta uma bússola giroscópica que utiliza a rotação da terra e se diferen- cia de todos os demais aparelhos de sua classe pela absoluta independência no que diz respeito ao fornecimento de energia, sistema de contrôle, elemento indicador e quadrante.

Todo esse equipamento está contido numa bitácula que tem o diâmetro de 585mm, podendo funcionar com a bitá- cula fechada durante muito tempo sem se tornar necessária qualquer atenção.

A referida bússola foi projetada para ser instalada na casa do leme de um navio e conta com uma rosa dos ventos ampliada em frente do piloto, além de uma em tamanho natural do outro lado da bitácula para uso do oficial de dia. A nova bússola giroscópica satisfaz as necessidades dos proprietários e pilotos dos navios de tamanho reduzido, como navios de pesca e iates, onde há pouco espaço para a instalação de equipagens complicadas. Uma outra de suas grandes vantagens é que não precisa ser mane- jada constantemente por pessoa dotada de conhecimentos especiais.

INSTRUMENTO QUE GARANTE

A PUREZA DO LEITE

Frequentemente a imprensa britânica se tem ocupado das medidas adotadas para garantir a pureza dos fornecimentos de leite. Na Feira das Indústrias Bri- tânicas está exposto um instrumento de manufatura nacional que garante a per- feita pasteurização do leite engarrafado.

Trata-se de um engenhoso aparelho de contrôle acionado por eletricidade e ar comprimido. E' tão sensível que registra as mudanças de temperatura de menos de meio grau Fahrenheit e atua sobre uma válvula que fecha a saída do líquido para dentro das garrafas e o envia no- vamente ao depósito para ser outra vez pasteurizado.

Se a temperatura do leite é demasia- damente baixa, acende-se uma luz sobre o aparelho, até que o líquido volte a alcançar a temperatura necessária, acen- dendo-se, então, automaticamente, uma luz verde.

INDÚSTRIA DE PRODUTOS QUÍMICOS

O ramo de ação da investigação e da manufatura da indústria de produtos quí- micos está bem salientado na Feira das Indústrias Britânicas, aberta simultanea- mente em Londres e Birmingham, de 5 a 16 de maio, havendo uma empresa que fabrica nada menos de 12.000 produtos diversos. Esses produtos se aplicam em cada um dos aspectos da vida civilizada e contribuem para a alimentação, ves- tuário, alojamento e saúde da comuni- dade. A mesma empresa conta também com instalações na seção de indústrias pesadas da Feira, que funciona em Bir- mingham.

Os visitantes da Feira têm tido oca- sião de ver, na seção de produtos quí- micos instalada no Olympia de Londres, algumas das mais importantes descobertas feitas nos laboratórios da Grã-Bre- tanha durante os últimos anos.

UMA JUSTA HOMENAGEM

O BANCO DO COMÉRCIO DE CAFÉ INAUGURA O RETRATO DE DOMINGOS MARQUES JUNIOR, SEU FUNDADOR



— O sr. Linandro Dias agradece, em nome da família do homenageado, a tocante manifestação. No grupo estão o professor Luiz Vitória e o sr. Orbélio de Oliveira, que discursaram sobre a personalidade do extinto. A esquerda — Pessoas da família de Domingos Marques Junior ouvindo o discurso em que o banqueiro Orbélio de Oliveira historiou a sua grande realização; o Banco do Comércio de Café.

★

As homenagens póstumas têm a virtude de reviver os exemplos dignificantes, de exaltar os méritos superiores de quem não mais existindo, deixou um rasto luminoso na sua passagem pela terra, guardados indelevelmente na memória dos que foram por ele a obra dos homens de bem não se apaga, é como que a continuação da própria existência. E se é certo que, para bem vivermos, nos devemos inspirar nos salutaros princípios da moral e da razão, não é menos certo que vamos buscar essa inspiração naqueles exemplos de operosidade, de ação contínua e equilibrada, de retidão que os mortos nos oferecem como um legado de infinita preciosidade. Recordar os que partiram do nosso convívio, perpetuar-lhes sob qualquer forma a lembrança da sua bemfazeja passagem entre os homens, é manter viva a chama de um ideal que não se deve extinguir.

Foi o que aconteceu no dia 15 do corrente, quando se encheram as dependências do Banco do Comércio de Café, de amigos, parentes e admiradores do que em vida se chamou Domingos Marques Junior, fundador do conceituado estabelecimento de crédito. Naquela dia, num justo preito de admiração, respeito e saudade ao pranteado morto, foi o seu retrato inaugurado, destinado a ficar ali como um símbolo de amor ao trabalho incansável e honesto, que foram as verdadeiras características de sua vida terrena. A Domingos Marques Junior deve o Banco do Comércio de Café a situação de invejável prosperidade que ostenta. Fundando a antiga Casa Bancária Marques Junior, transformou-a em fins de 1943 na atual sociedade bancária, elevando-lhe o capital e imprimindo-lhe rápido desenvolvimento, mercê de uma segura orientação. Não quis, porém, o destino que Domingos Marques Junior dirigisse por muito tempo o Banco que fundara. Não obstante gravemente enfermo, até o fim teve forças para levar a cabo a sua missão, falecendo justamente no dia em que era eleito o seu substituto. Imprimindo aos negócios do Banco ritmo uniforme, aplicou sempre seu capital em operações garantidas a prazo curto, de fácil recuperação, baseadas no critério da maior distribuição possível, o que deu ao estabelecimento a magnífica situação econômica e financeira que hoje desfruta, apesar da atual política de deflação. Pai amantíssimo, amigo sincero e homem de larga visão e tirocinio, foram estas as qualidades do homenageado, tão bem exaltadas nos discursos proferidos pelo banqueiro dr. Orbélio de Oliveira, ex-diretor daquele Banco, e pelo professor Luiz Vitória, que tiveram na palavra do dr. Linandro Dias, em nome da família do extinto, um comovido agradecimento.

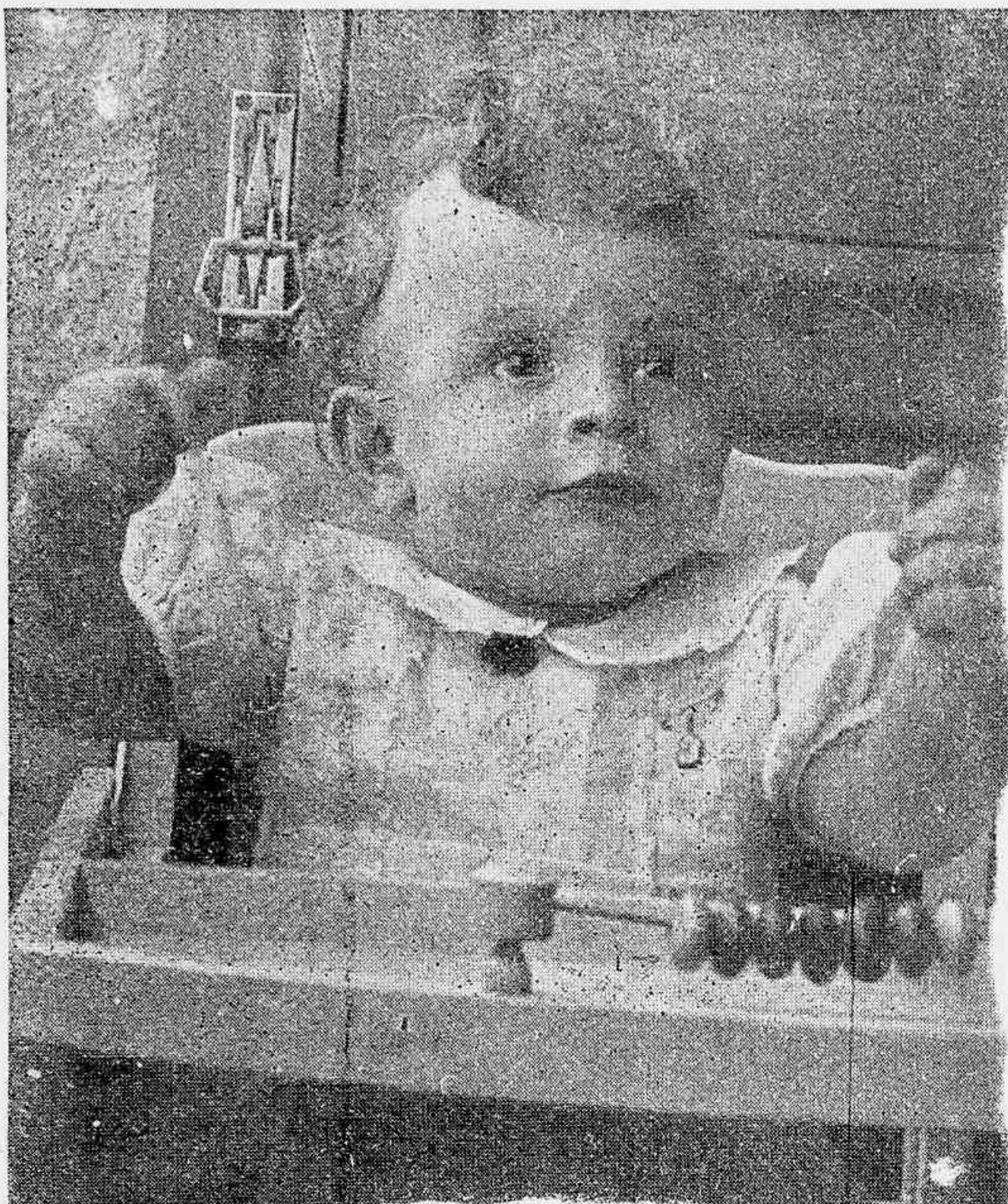
Sendo o dia 15 data do aniversário natalício de Domingos Marques Junior, foi rezada, antes da inauguração do seu retrato, missa em sufrágio de sua alma, na Igreja da Candelária. A ambas solenidades compareceram também destacados elementos dos nossos meios financeiros e do comércio de café da nossa Capital.

★

A esquerda — Os srs. Amador Craveiro, diretor-gerente, e Oswaldo Marques, diretor-secretário do Banco do Comércio de Café, cercados pelos funcionários do vitorioso estabelecimento, após a inauguração do retrato do seu fundador, Domingos Marques Junior.

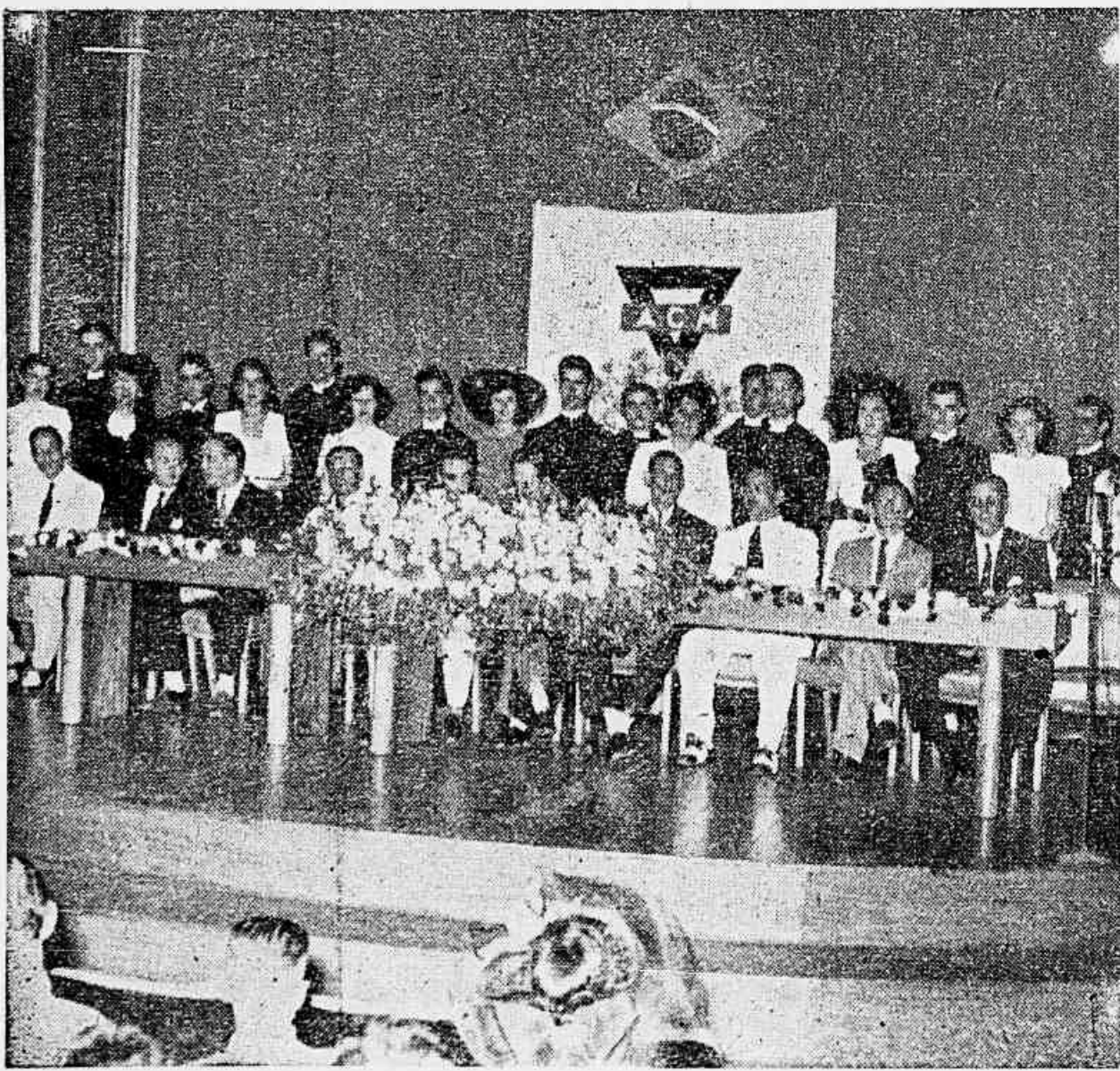


VIDA INFANTIL



O robusto garoto JOSE AUGUSTO, filho do casal ALOÍSIO GADELHA E MELO, alto funcionário do Tesouro Nacional e CACERY GADELHA E MELO, no dia do seu 1.º aniversário.

Colação de grau



Realizou-se no dia 16 de Abril, no Salão Nobre da Associação Brasileira de Imprensa, a Solenidade de Colação de Grau dos Bacharelandos de 1947 na FACULDADE DE ECONOMIA DO RIO DE JANEIRO, que funciona na Associação Cristã de Moços. O clichê acima reproduz um aspecto da solenidade.

BUSCANDO NOVOS CAMINHOS

(Continuação da pág. 22)

Agradecida, reproduziu a sua atitude habitual: bijou-me por detrás da orelha. Mas agora, agora que já vai uma semana que Gisela morreu, estou achando a rua defeituosa, mutilada, incompleta. A rua está mais triste do que nunca e a chaminé da padaria nunca me pareceu fumegar tanto. Deve ser impressão minha, mas as crianças não parecem mais pular, de volta da escola, nem o casal do 2.º andar do 68 já me parece tão feliz quanto o fora.

Hoje de manhã, quando acabei de beber o café, mamãe, sem me olhar, disse:

— Filho, você é homem, tem de reagir...

Eu circundava a tampa do açucareiro com a ponta do polegar, absorto.

— Seus trinta anos fazem-no capaz de reagir. Que se vai fazer? E' o destino...

Suspirei fundo e disse:

— Gisela era tão boazinha, tão perfeita...

Eu acho que mamãe começou a chorar, porque foi para o quarto e de lá não saiu antes de dez minutos. Mas voltou com resolução firme:

— Meu filho, você não pode continuar assim.

Lá fora apertaram uma buzina.

— Você precisa pensar em seu futuro.

Mamãe nunca soube convencer ninguém. Ela se descontrola e interrompe a sequência do próprio raciocínio:

— Afinal, que pretende fazer? Já sabemos que era boazinha, que era um anjo... E agora?

— Mamãe, por favor, não insista neste caso.

— Mas você precisa tomar uma resolução. Não pode continuar assim. Afinal, já se despediu da loja... e agora, como vai se arranjar?

Levantei-me, vim para a sacada. Havia em tudo um grande silêncio. Um peixeiro vendia camarões azulados a uma senhora.

Mamãe se aproximou de mim, segurou-me pelo braço e disse, chorando:

— Acho que deve partir. Sair de casa. Viajar. Conhecer outros lugares... Não é o que lhe convém? Não vejo outra solução.

— Mas não posso. Eu gosto daqui. Eu gosto de minha rua. Sentiria muitas saudades...

Mamãe deitou a fronte sobre o meu braço e falou chorando:

— Eu também; vou sentir muitas saudades de você.

★

Afinal aceitei. Mamãe foi providenciar dinheiro para mim. Pregou-me uns botões e passou a ferro duas camisas que foram para lavar.

— Não sei como vou deixá-lo partir. Você não tem juízo... Não sabe se cuidar... Seu pai era assim também.

E chora.

— Quando você disse que se ia casar, eu pensei: "Agora morro sossegada porque terá quem cuide dele..."

Parece que foi ontem. Depois do almoço de domingo, eu disse a mamãe:

— Vou mostrar-lhe uma pessoa.

— Quem?

— Você vai trazê-la agora?

Fui para meu quarto, vesti-me e, já pronto para sair, disse-lhe teatralmente:

— A sua futura nora, a que vai ser minha mulher...

E, pelo canto dos olhos, cheio de felicidade, observava a surpresa de mamãe:

— Filho!

— Isso mesmo.

Mamãe agarrou-se a mim e abraçou-me pelo pescoço.

— Você vai trazê-la agora?

— Daqui a meia hora.

— Mas espere que eu me apronte.

— Não precisa. Ela não é de luxo.

Em pouco tempo voltei trazendo Gisela. Estava muito vermelha em seu vestido azul claro. Sentei-a aqui na sala de jantar, próximo à sacada.

— Mamãe!

Tive a resposta do interior de um quarto. "Já vou, filho". Mamãe se apressava. Daí a pouco, saía de lá, muito bem penteada, com o vestido marrom (o melhor).

Gisela se levantou e mamãe, depois de examiná-la um pouco, abraçou-a com

carinho. E logo, de uma coisa fiquei certo: Gisela entrou-lhe no coração.

Três meses depois nos casamos. Foi um casamento pobre, quanto pobres somos nós. A igreja não tinha mais de vinte pessoas, inclusive o padre e o sacristão. Eu, em pé em frente ao altar, fitava a imagem da Virgem Maria toda de branco, olhando para nós, com os braços abertos, em meio a uma floresta de copos-de-leite de cêra. Lá no fundo, um grande vitral representando uma cena bíblica, que não pude identificar. Mais para a frente, uma longa fila de velinhas brancas com laços de setim azul. Ao meu lado, Gisela, muito quieta, com os dedos apertados nas luvas (que ficaram pequenas) e com uns cravos que se esmigalhavam sob o seu braço esquerdo. Eu não olhava para ela. Nem olhava para o padre que falava em latim, em frente a nós. Só uma coisa nesse momento importante de minha vida ocupava-me a atenção: o vitral multicolorido, que era o fundo do altar. Que representava aquela cena? Eu não sabia. O desenho era bonito e as cores lindas, r alçadas pela luz do sol que batia nele. Mostrava um santo vestido de branco, saindo de uma casa pobre,

em cuja porta ficara uma mulher chela de devoção. O santo tinha os pés finos e compridos com as pontas dos dedos incrivelmente quadradas. Os cabelos atingiam os ombros bem feitos e as mãos formavam duas conchas. A barra da túnica era desenhada de púrpura e se arrastava pela relva de reflexo esmeraldino. Por trás do santo, um grande anjo, com longas asas esgarçadas. Fiquei pensando que se em pequeno eu tivesse frequentado o catecismo junto com o primo José, ali, naquele momento, eu saberia o que representava a cena. Enquanto eu era ignorante em Religião, o José conhecia todos os santos, e sabia o que cada um deles protegia.

Bateram-me no ombro e disseram sussurrando:

— As alianças.

Ah, sim! Rapidamente tirei uma caixinha do bolso da calça e dei a redeir as alianças. Gisela, por sua vez, teve de tirar a luva da mão esquerda. Foi uma luta. A luva não saía. Mamãe tomou-lhe dos braços o ramo de cravos brancos para lhe facilitar e foi com muito custo que conseguiu libertar a mão. Coloquei-lhe no dedo a aliança e em pouco beijava-a no rosto.

Parece que isso foi ontem. No entanto faz seis meses. Foi um tempo maravilhoso. Vivíamos felizes a mais não poder, mais mesmo que o casal do 2.º andar do 68.

Mas Gisela morreu... e nada mais me consola, nem mesmo minha rua, nem mesmo minha mãe.

No almoço mamãe disse:

— O mundo é grande e você é jovem. Quando a dor cicatrizar, volte para junto de mim.

Antes mesmo eu já pensara nisso, mas tentava me enganar, não queria sair daqui.

— Não sei para onde ir, não tenho um caminho.

Mamãe meneou a cabeça:

— O teu caminho é o que está pela frente.

Mamãe entra na sala de jantar, pousa uma valise no chão e não diz nada.

Já sei que está tudo pronto e não devo prolongar a despedida.

— Magnífica tarde! digo eu.

O sol é vermelho e faz da terra um fruto sazonado.

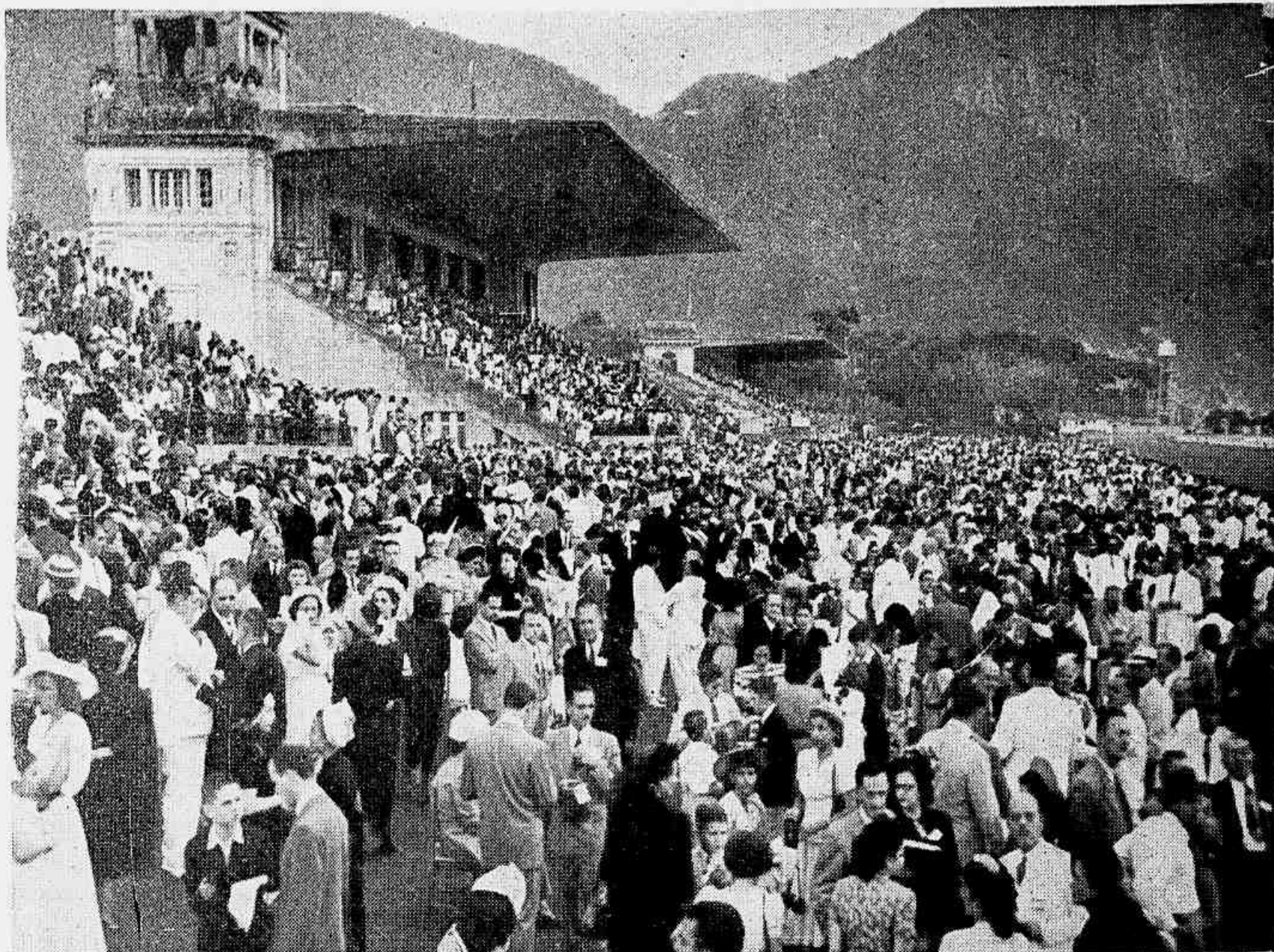
Lá em baixo, vozes desafinadas de meninas entoam uma ciranda monótona.

Levanto-me. Apanho meu chapéu do cabide, ando dois passos e paro em frente a mamãe. Há duas lágrimas que teimam em cair, porém ela se esforça por parecer forte. Aperta meus braços e passado doloroso.

Levanto a maleta do chão e saio depressa da sala. Desço as escadas saltando degraus como se fugisse de um passado doloroso.

Alcanço a rua. Ando alguns passos... mas desde logo prevejo que nunca poderei me desfazer do passado porque paro e me volto. Vejo mamãe dando-me adeus, da sacada.

Sacudo o chapéu no ar e saio como um sonâmbulo pela rua agora...



O JOCKEY CLUB AOS ROTARIANOS DE TODO O MUNDO

Dentre as numerosas homenagens prestadas pela sociedade brasileira aos seis milhares de rotarianos que de todos os quadrantes do mundo acorreram à nossa Capital para a grande convenção rotariana transcorrida tão brilhantemente, figurou com destaque a recepção oferecida pela nossa entidade turfista no Hipódromo da Gávea, proporcionando aos ilustres hóspedes uma tarde magnífica no monumental praça de corridas, que é um dos belos ornamentos do Rio. Pelas tribunas, "pelouse" e jardins desfilaram as mais legítimas expressões da elegância internacional, da inteligência e da cultura dos países amigos que tivemos a honra de hospedar. Esta página mostra alguns aspectos da soberba reunião do dia 16, na qual mais uma vez se revelou a tradicional hospitalidade do Jockey Club Brasileiro, sempre evidenciada nos grandes momentos da metrópole, como esse que acabamos de viver com a realização do magnífico congresso rotariano. No alto da página, à esquerda, vê-se a figura simpática de mister Hendrick Guernsey, presidente do Rotary Internacional.



O espólio do sr. Cipriano

(Continuação da pág. 37)

As massas são fáceis de impressionar. O alvitre modificou as opiniões.

— E' assim, é assim.

— Pobre criatura!

— Que vale tê-lo, se se não sabe aonde?

Por este tê-lo entendia-se o dinheiro; é, de fato, o substantivo que mais complexas elipses suporta; tão presente o trazem na idéia que não necessita estar nas orações antecedentes para ser subentendido.

— Sim, sim, ela tem razão, é pobre, é...

O regedor, enfarinhado nas praxes constitucionais, não era homem que fosse de encontro à opinião dos fregueses, e, portanto, depois de concentrar por algum tempo o espírito, operação que nem por isso lhe aumentou demasiado a energia, passou o seguinte atestado, modelo de diplomacia e exatidão ortográfica:

«Eu Benito maria do portal, regedor de esta freguesia atesto im como, maquilina, rosa, martins, solteira, de esta Cidade, não tem, aberes para fazer, as despesas do intero de seu irmon cepreano cujo consta ter dinheiro. Mas o qué certo é que por morte se não incontrou i se é berdadeiro o dito do bulgo o deber, nalgum iscondrijo, que ainda se não incherrou. E por ser berdade o que Acpura, atesto e mo disserem pessoas diganas para mim de todo o creto, paei esta que juro.

Dada em esta Cidade a 12 de Janeiro de...

Bento maria do portal.»

Bento Maria era decididamente o funcionário público de mais expediente e de mais arrojadas medidas que existia então na cidade.

Depois de mais algumas dificuldades e tropeços, sempre se conseguiu enterrar à ordem da junta de paróquia o velho Cipriano, o qual de outra maneira bem teria de ficar fora do seio da terra, por não haver deixado dinheiro.

Todos estes acontecimentos, longe de desvanecerem os boatos das ocultas e sonhadas riquezas de Cipriano, os aumentaram, e deram lugar a duas versões diferentes.

Uns, mas eram a minoria, lançavam em rosto à pobre Maquelina o mesmo que haviam imputado ao irmão; outros, porém, viam nela uma vítima, ainda além da campa, da sórdida avariza do incorrigível octogenário.

Só Maquelina é que rejeitava uma e outra crença. Sabia-se inocente e não se acreditava vítima. E, lutando com a

idade avançada, tirava forças da fraqueza e ia provendo conforme podia ao seu sustento quotidiano.

Não pôde, porém, resistir inteiramente às insinuações dos que falavam em tesouros enterrados, e as portas da casa abriram-se de par em par a uma junta de inquérito, presidida pelo regedor, a qual, pelos mais escusos recantos e a grande profundidade no quintal, procurou o decantado tesouro, sem no fim colher os frutos de tantos esforços.

E as coisas conservaram-se por muito tempo neste pouco agradável statu quo.

Um dia, porém, pioraram, longe de se desanuiarem, as circunstâncias de Maquelina.

Um sobrinho seu, filho duma irmã que morrera jovem, voltou do Brasil e, contra o que era de esperar, vinha como partira, isto é: com a riqueza de Job na desgraça.

A história deste rapaz é uma história longa e curiosa, que desta vez não contarei ao leitor.

U'a manhã, pois, quando Maquelina estava meditando em não sei que medida de economia doméstica, importantíssima para a melhor direcção de suas mesquinhas finanças, entrou-lhe pela porta dentro um rapaz magro, espigado, de fisionomia denunciadora de sofrimentos, o qual lhe estendia as mãos, dizendo:

— Bons dias, madrinha, então não me conhece?

— Santa Maria! Querem ver que... És tu, Agostinho?

— Eu, eu mesmo.

A boa Maquelina saltou-lhe ao pescoço e devorou-o de beijos.

O rapaz viu-se em talas e com ameaças de asfixia.

Depois veio um pensamento à tia Maquelina, pensamento um pouco interesseiro. É verdade, mas desculpem-na, e não na principiem já por isso a olhar com maus olhos; todos como ela o teriam, e, o que pior é, a poucos viria apenas em segundo lugar e só muito após dos espontâneos impulsos de uma afeição desinteressada: «o rapaz vinha do Brasil... e o Brasil sempre é o Brasil», foi a idéia que lhe voou pelo espírito.

— Então — disse ela, movida por essa idéia — vens... rico!

Agostinho voltou os bolsos do avesso por única resposta.

Maquelina juntou as mãos e não deu palavra.

E para qué? Queriam ainda, de parte a parte, mímica mais expressiva!

— Vim para não morrer de fome.

Aqui benzeu-se a boa tia.

— Embarquei como moço de navio por não ter dinheiro para a passagem.

Neste ponto persignou-se.

— E agora venho pedir-lhe — continuou o sobrinho — que me receba em casa até... até... arranjar modo de vida.

Maquelina, quando, junto da pia baptismal do pequeno Agostinho, se declarara madrinha, à face da igreja, do filho querido de sua irmã, tinha já concebido uma alta idéa da missão que desde aquêl momento ia adotar por sua e para com o recém-nascido, que sustentava nos braços; nem foram para ela simples palavras de formalidade as que em tom de prédica ouvira ao pároco sobre os seus deveres futuros. «Na falta dos pais, dissera ele, aos padrinhos compete a vigilância e a educação das crianças que sob a sua protecção entraram no grémio da igreja católica». Ora, os pais de Agostinho lá se tinham já partido para melhor morada, e Maquelina, que, eminentemente escrupulosa em negócios de consciência, se julgava por ela obrigada a cumprir até às últimas extremidades os seus deveres de cristã, tinha de mais a mais um coração farto para afeições e sentimento.

Fechou pois os olhos aos sacrifícios futuros e aceitou a companhia do afilhado.

— Ele me ajudará também — dizia consigo mesmo a boa mulher, como se quisesse colorir com um pensamento egoísta o impulso que lhe viera directamente do coração!

Nós temos destas coisas.

Mas o certo é que, apesar da melhor vontade, em pouco podia Agostinho auxiliar a madrinha.

Auxiliar de que maneira?

Emprego não o pôde ele obter. Naquela cidade, como em muitas outras terras do reino, não se vêem com bons olhos os infelizes que voltam do Brasil pobres. Lá parece uma prova de pouco espírito e de nenhuma aptidão a essa boa gente um semelhante successo. O Brasil é, para ela, como o campo de batalha. Ou volta-se de lá vitorioso, ou morre-se combatendo. Fugir é de covardes.

E ora aí têm os leitores a razão por que dois meses depois da chegada de Agostinho era ainda Maquelina quem só provia às despesas da casa, as quais, como era de supor, tinham aumentado, desenvolvendo a pobre velha esforços sublimes para um duplo resultado: obter meios de subsistência e ocultar ao sobrinho os imensos sacrifícios a que para isso se sujeitava.

Mas Agostinho suspeitava-os affligia-se.

Um dia falou à madrinha nas vezes que corriam ainda sobre as riquezas do defunto. Maquelina sorriu tristemente, respondendo:

— Pois procura-as.

Agostinho deitou-se à obra com alma,

revolveu de novo o quintal a mais de um metro de profundidade, despregou as tábuas do soalho, sondou as paredes, trepou aos mais altos escaninhos da casa... Tudo inútil.

Disse adeus ainda a essa ilusão. O que valeu foi estar já acostumado a despedir-se delas. A primeira vez custa mais.

No entanto, os esforços e vigílias de Maquelina arruinaram-lhe a saúde. Lutou braço a braço com a doença como lutara com a fome. Lutas heróicas que passam ignoradas, enquanto tantas outras, muito menos merecedoras das honras da epopéia, são extremamente celebradas em oitava rima.

Afinal caiu vencida no leito, e então é que o futuro se lhe mostrou carregado.

A pobre mulher não se iludia nem sobre a gravidade da sua moléstia, nem sobre as consequências da sua morte.

Que seria de Agostinho? Agostinho, a quem ela amava já como se amam os entes fracos que vieram procurar a nossa protecção, com esse amor bem mais intenso mesmo do que o votado aos séres que nos protegem.

Porque o primeiro lisonjeia o nosso orgulho e o segundo, esse, revela a nossa inferioridade.

Coisas humanas.

O futuro de Agostinho era a idéa regra de Maquelina: como ela ficaria contente por morrer se não fóra isso! Mas agora custava-lhe; esta lembrança aumentava-lhe a doença. Que diria ela à irmã, quando no Céu lhe pedisse novas do filho? Que o deixara na miséria? E era isso de boa madrinha?

E estes pensamentos e apreensões então tudo quanto tinha havido de heróica abnegação no procedimento da tia.

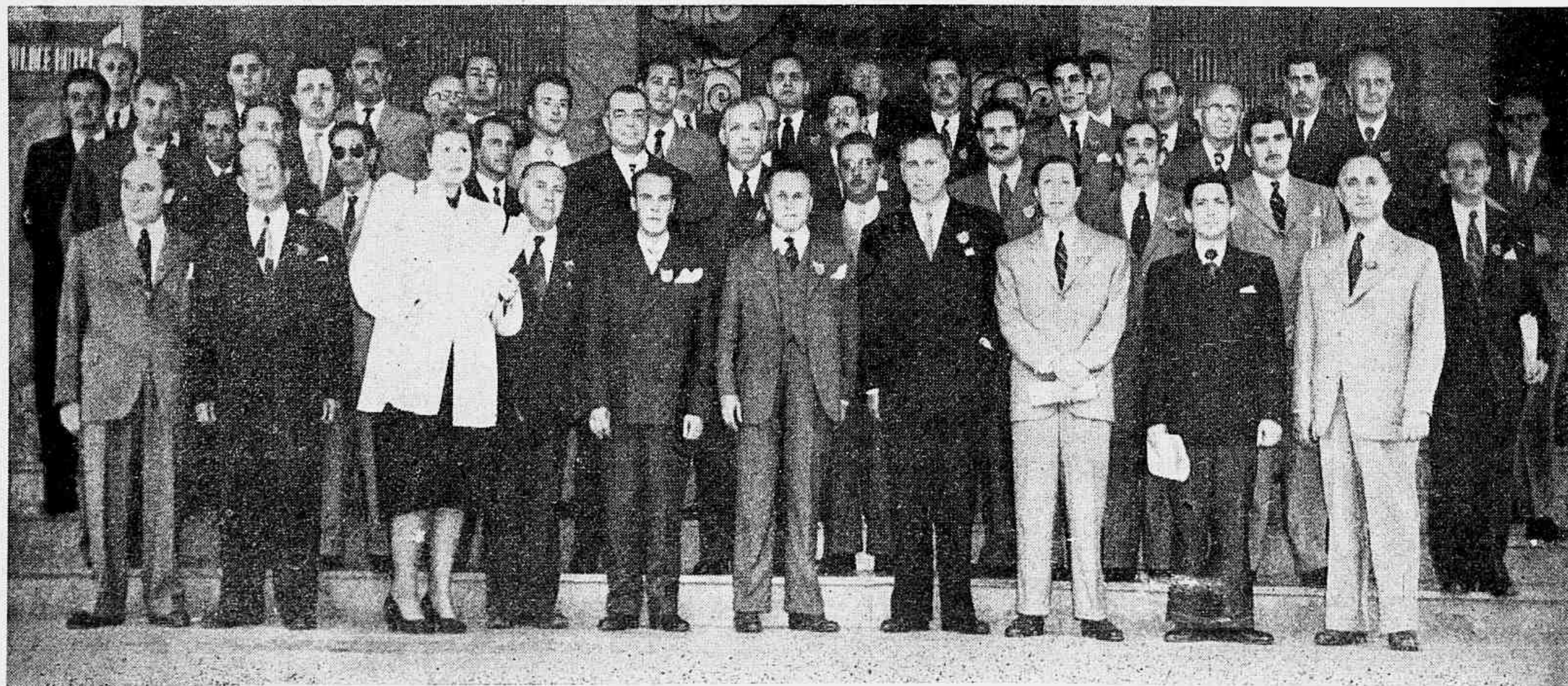
O seu coração de homem teve um movimento pelo qual procurou libertar-se da espécie de colapso em que infortúnios continuados o haviam lançado. Agostinho curvara a cabeça sob a corrente de desgraças que sem interrupção haviam sucedido na sua vida; agora tentava elevá-la em um último esforço.

— E' preciso tentar fortuna — dizia ele consigo. — Amanhã de manhã sairei a pedir trabalho, a tudo me quero sujeitar, a tudo.

E adormeceu com este pensamento, sonhando-se daí a pouco em uma mina de ouro, onde, ao fim de muita fadiga, só conseguiu extrair enormes pedras de carvão.

O leitor pode imaginar toda a agradável volutuosidade de semelhante sonho.

Pela manhã ergueu-se disposto a realizar o projeto da véspera; mas foi encontrar a tia em um estado tão assustador que não teve ânimo para abandoná-la.



CONFERENCIA LATINO-AMERICANA DE FLORESTAS E PRODUTOS FLORESTAIS — De 19 a 30 de abril último esteve reunida em Teresópolis a Conferência Latino-Americana de Florestas e Produtos Florestais, a qual compareceram os delegados da Bolívia, Colômbia, França, Honduras, Países Baixos, Paraguai, Uruguai, Portugal, Canadá, Venezuela, República Dominicana, Peru, Panamá, México, Guatemala, Estados Unidos, Brasil, bem como das Nações Unidas, da União Pan-Americana, da Organização Internacional do Trabalho, da Unesco e do Instituto Florestal. O importante conclave, promovido pela Food and Agriculture Organization da ONU, foi presidido pelo dr. Virgílio Gualberto, presidente do Instituto Nacional do Pinho. Como Presidente de Honra foi aclamado o ministro da Agricultura, dr. Daniel Serapião de Carvalho. A fotografia acima foi feita no dia da inauguração do certame, vendo-se o sr. Daniel de Carvalho, tendo à sua direita o sr. Virgílio Gualberto, cercados pelos senhores congressistas.

A presença do medo

(Cont. da pág. 19)

Clotilde não respondeu. Constança procurou sacudi-la e estremeceu ao tocá-la. Estava de uma frialdade de morta.

Alucinada, acendeu a lamparina. Iluminou o rosto da irmã e soltou um grito. Clotilde tinha morrido. Mas, seus olhos lhe pareceram muito brilhantes e fitavam-na tão fixamente, que Constança julgou-a apenas sem fala. Quis despertá-la, chamando-a. Como, porém, não lhe notasse nenhum sinal de vida, a não ser o olhar ferindo-a na semi-escurecida do quarto, precipitou-se no corredor.

O silvo aumentou nos seus ouvidos. Ao entrar na sala, louca de aflição, desgredada e apavorada, não a encontrou deserta e escura como esperava. Brasilina estava sentada à mesa e o lampião, à frente, espalhava a claridade de uma luz verde e velada, aumentando assustadoramente as sombras.

Constança correu para a antiga empregada da casa, ia dizer-lhe alguma coisa, mas parou boquiaberta. Brasilina passara por uma tétrica transformação. Tornara-se de uma cor acinzentada, encovara-se-lhe a face, crescera-lhe o grosso nariz, tinha os lábios descoloridos e os olhos morteiros. Sua pele apresentava consistência e reflexos de verniz.

— Brasilina, Brasilina, o que foi...

O rosto da negra cresceu para ela. Com um movimento de olhos fez-lhe voltar-se para o canto de onde vinha o estranho silvo.

Constança logo reconheceu o pai. Estava de costas e parecia não ter notado sua presença. Ela aproximou-se, esperando encontrar nele a salvação daquele medonho pesadelo. O pai virou-se. Ela recuou assombrada.

O pai não era o mesmo. Seu rosto perdera as antigas formas, e no lugar da boca abria-se um buraco disforme e esponjoso, por onde saía a expiração estridente.

Constança quis fugir da medonha aparição e, ao voltar-se, deparou com a reconhecida figura da mãe. Carilhe nos braços, soluçando. Sentiu d. Madalena acariciar-lhe o braço, ao mesmo tempo que uma descordada tremedeira percorreu-lhe todo o corpo. As mãos da mãe estavam geladas como as de Clotilde. Levantou os olhos e encontrou no rosto dela uma massa amorfa, sangrante e pustulenta, com vermes pastando na podridão.

Procurou libertar-se daquele abraço, mas rodaram-na as fantasmagóricas figuras do pai e de Brasilina. Apresionaram-na num círculo diminuído de contatos gélidos e pegajosos, fitando-a imóveis, até que Clotilde chegou à sala.

A irmã trazia no olhar aquela mesma expressão dura e fixa. Movia-se com lentidão. Ao vê-la aproximando-se do grupo, Constança gritou-lhe com as forças de que pôde dispor:

— Tide, Tide, você está morta! Volta para o leito!

Clotilde acerceu-se do grupo e murmurou:

— E' a noite, Constança!

D. Madalena e Brasilina repetiram em côro:

— E' a noite, Constança!

O pai continuava silvando. Constança sentia agora o seu hálito de carne decomposta.

— A noite para você é um denso nevoeiro de cemitério, Constança! — continuou Clotilde. — Você a fez assim, porque estampa nos olhos mil temores infundados e a podridão de mil aparições que não conheceu. Veja, Constança, a sua noite é terrível. Há nela gritos lancinantes e chamas do inferno que criou. Você é prisioneira da noite. Há os que a sentem sempre como sendo de plenilúnio, por mais negra que seja. Isto depende de cada um de nós. Você a fez terrível, cometeu o erro de colocar nela vivos de estranhos animais invisíveis e vultos sombrios de almas penadas. Agora seu corpo e sua alma pertencem a ela.

Ouviu-se de novo o refrão das vozes de d. Madalena e Brasilina, repetindo as últimas palavras de Clotilde. Constança sentiu cinco garras de aço apertarem-lhe a garganta; o pai parecia sufocá-la. Do rosto da mãe saíam germes e passeavam-lhe na cabeça e entravam-lhe na boca.

O relógio bateu três vezes. Constança ouviu assustada arrefecer o longo silvo do pai e, meio desfalecida, viu as quatro horrendas figuras desaparecerem aos seus pés num amontoado de membros desgarrados e apodrecidos. Atordoada, procurou a porta e saiu para a noite. A ventania passara e levava consigo as nuvens de chuva. O céu estava claro, de um azul translúcido.

Constança pensou em que a noite estava por terminar. Não tardaria a amanhecer. Vagou através da plantação de milho e ganhou a estrada. Doía-lhe a garganta e não conseguia livrar-se dos germes que lhe passeavam no rosto e entravam-lhe na boca.

Com as forças que lhe restavam foi até ao riacho e banhou a testa. Depois, caiu de costas na terra úmida.

Clotilde acordou com a claridade da manhã. Levantou-se e olhou a cama de Constança. Estava vazia. Pareceu-lhe ter escutado algum rumor à noite. Na certa tinha sido a irmã, chamando-a. Alegrou-se por não ter se acordado, e dirigiu-se à sala. D. Madalena servia café ao pai.

— Constança já levantou?

— Já, sim senhora.

— Olha onde está para ajudar-me a fazer uns doces de figos.

Clotilde foi ao quintal e gritou a irmã. Como não obtivesse resposta, foi à cozinha e perguntou a Brasilina:

— Você viu Constança, só Brasilina?

— Num vi, não, néga. Uai, gente, pois ela intão já se levantou?

D. Madalena aborreceu-se.

— Onde terá ido aquela menina?

Eram oito horas da manhã quando, já apreensivos e assustados, receberam notícias de Constança. Chico Tabira, morador nas vizinhanças, chegou ofegante e alarmado. Encontrou-os reunidos na sala.

— D. Madalena, acunteceu alguma coisa com a sua fia. Ela tá caída na beira do riacho — disse ele com a voz entrecortada pela respiração descompassada.

O pai, d. Madalena, Clotilde e Brasilina encontraram-



LYTOPHAN

na morta. Estava na mesma posição em que caíra. Tinha no rosto uma expressão de terror, cinco marcas profundas e negras na garganta, e um punhado de vermes passeavam-lhe no nariz e na boca.

— Não tem de ser! — disse consigo Agostinho, a quem a desgraça quase tornara fatalista.

Maquelina mostrava-se de fato em risco iminente.

O facultativo de partido veio vê-la; pois Maquelina havia enfim conseguido entrar no quadro dos pobres.

Tomou-lhe um pulso, depois o outro; deu-lhe três pancadas do lado direito do tórax, igual número do esquerdo; pousou-lhe o ouvido sobre as descarnadas costelas e, como se escutasse lá dentro os passos da morte, ergueu-se e fez um gesto de descontentamento visível.

Receitou um chá de altéia e saiu.

Agostinho esperava-o à porta.

— Então?

— O médico puxou pelo relógio, ao qual principiou a dar corda, dizendo, com indiferença profissional:

— Como aquela máquina se não dá corda como a esta, pára dentro em poucas horas.

Agostinho sentiu subirem-lhe as lágrimas aos olhos.

O médico voltou-se ainda de novo para dizer:

— Eu escuso de cá voltar, agora o padre.

Estas palavras, ditas em tom mais alto e da maneira mais natural possível, como as sabem dizer alguns adeptos da ciência hipocrática, que se jactam de fortes, chegaram aos ouvidos de Maquelina, que juntou as mãos e, erguendo os olhos ao céu, disse com voz débil:

— Aqui está a serva do Senhor, cumprando-se em mim a sua santíssima vontade.

Quando Agostinho entrou no quarto, encontrou-a resignada.

Nessa mesma tarde confessou-se e sacramentou-se aquela pobre de Cristo.

Na cidade dizia-se:

— Coitada! O irmão matou-a. Morre de fome e fadiga e com dinheiro em casa.

Era forte cisma a do povo.

Mas há dessas teimas.

Ao pé da noite pediu Maquelina um chá para mitigar a sede. Naquele dia não se acendera o lume em casa. Agostinho esquecera-se de comer, e se se lembrasse, não sei bem o que teria sucedido.

Melhor foi que se não lembrasse.

Agostinho correu à cozinha, reuniu a custo alguns cavacos já meio queimados para acender o lume e voltou à sala.

Maquelina dava-lhe instruções da cama.

— Ainda achaste lenha?

— Achei, sim, madrinha.

— Bem; ora agora... Essa lamparina está acesa ainda?

— Está, madrinha, está, pois não vê?

— Não, filho, já a não vejo.

Havia neste já uma significação que comoveu Agostinho.

Ela continuava:

— Encontraste a carqueja?... mas...

— Não, madrinha... mas...

— Valha-me Deus — disse ela, lutando já com dificuldades para se fazer ouvir. — Olha, sabes, aí... na gaveta do toucador... está uma papelada de que... às vezes me sirvo para economizar. Acende alguma na... lamparina e... Aí! — terminou ela com um suspiro, que o longo esforço que tinha feito para falar lhe tornara necessário; e depois, em voz baixa, acrescentou:

— Louvado seja o Senhor, a que estado eu cheguei!

Agostinho abriu a gaveta.

— Aí — continuou Maquelina com voz sumida e trêmula.

— Achaste? Bem... ora agora...

Agostinho inflamou à chama escassa da lamparina um dos papéis que tirara do velho toucador da tia.

— Isso — disse esta, satisfeita por se ver compreendida.

As sombras indistintas que reinavam no aposento sucedeu a claridade da labareda, mas foi de pouca duração. Ainda não teria ardido metade do papel, já Agostinho, soltando um grito inexprimível, o atirava ao chão, abafava-o com os pés, precipitando ao mesmo tempo, pela vivacidade do movimento, a lamparina, que se fez em pedaços.

A escuridade tornou-se completa.

— Que foi, santo nome de Jesus! Que foi, Agostinho? — dizia assustada Maquelina, erguendo-se a meio corpo.

— Que papéis eram estes, minha madrinha?

— Eu sei lá, filho; mas que foi? Valha-me o Senhor.

— Uma luz, uma luz! — bradou Agostinho fora de si; e saiu repentinamente da casa, atravessou a rua, enfiou pela primeira porta que encontrou aberta, galgou um lance de escadas, penetrou em um quarto onde trabalhavam pacificamente algumas mulheres, apoderou-se da luz que viu no meio da mesa, em volta da qual elas se formavam em círculo, e, sem dar uma única palavra, saiu arrebatado, deixando em completa estupefação as circunstantes, que só passados minutos voltaram a si, para correrem atrás do mancebo, que parecia um possesso.

Agostinho entrou de novo no quarto da tia moribunda, aproximou-se do lugar onde deixara os restos do papel meio consumido, apanhou-o, examinou-o com escrupulosa atenção, depois correu à gaveta do toucador, sujeitou a igual e ames os papéis semelhantes que aí estavam a monte.

— Por amor de Deus, madrinha... mas... donde vieram estes papéis? — exclamou ele, ao passo que um por um os passava em revista.

Maquelina, apoiada no braço convulso e com os olhos espantados, olhava para o sobrinho estupefata.

— Eram do mano, ó Senhor o tenha em glória; guardava-os naquela arca; ele sempre me disse que de nada valiam, e agora, que me via precisada, lá-os queimando, para...

— Mas, valha-nos a Virgem! Era uma riqueza inteira que queimava assim! — Que dizes tu, filho?

Os combustíveis da tia Maquelina eram nem mais nem menos que boas e excelentes notas de banco, às quais o velho Cipriano reduzira os seus haveres, porque o amedrontava o tinir do dinheiro metálico, como chamariz de ladrões; enquanto que, por outro lado, nunca se pudera resignar a separar-se do seu querido capital, em cuja contemplação enboreava aquela doce volutuosidade só dos avarentos conhecedora.

Quando se procedeu a investigações em casa de Maquelina para descobrir o tesouro oculto, esqueceram-se, como quase sempre acontece, de examinar os lugares por onde deviam ter principiado; enquanto profundavam a terra e escavavam as paredes, ninguém se lembrou de abrir a pequena gaveta, que nem chave tinha sequer, e onde Maquelina alojara toda a riqueza. Mas quem o podia supor!

O instinto do povo não o enganara desta vez.

Cipriano era de fato rico. Viveu uma vida de privações, praticou um negócio de alta usura debaixo das maiores cautelas e mistério impenetrável; aí está explicada a sua riqueza.

E' receita infalível para chegar ao mesmo resultado; as pessoas a quem não nausearem os ingredientes adotem-na, porque não falha.

Desconfiando de todos, da própria irmã desconfiava, e dava-lhe por isso



Fume! Mantenha porém, seus dentes livres das anti-estéticas Manchas de Nicotina!

O Creme Dental Nicotan (fórmula original americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas da nicotina acumulada nos interstícios dos dentes e causadas pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Não ataca o esmalte. Não contém pedra pómei nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas.

NICOTAN

CREME DENTAL ESPECIAL PARA FUMANTES

Dr. José de Albuquerque

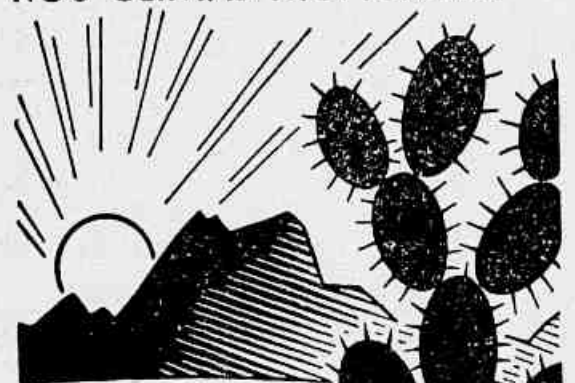
Membro efetivo da Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
R. Rosario, 98 — Rio de Janeiro

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

NOS CLIMAS TROPICAIS...



...AS PELES DELICADAS PEDEM
A Polvilho Antisséptico
GRANADO

BROTUEJAS
ASSADURAS
FRIEIRAS
SUORES FÉTIDOS

CTARQUINO

Senhoras!
e
Natureza Falha
MENAGOL
REGULA

a entender que de nenhuma importância eram os papéis que ela às vezes por acaso chegara a descobrir.

Maqueline era ignorante, e nem imaginava sequer que se pudesse ter uma riqueza em papéis. Na sua inteligência, como na das crianças, a idéia de riqueza andava associada à de muito dinheiro em ouro e prata: gavetas, cómodas, caixas e burras cheias dele; e por isso ia queimando agora lentamente aquele tesouro que o irmão acumulara; e isto com o fim de poupar carqueja!

Cleopatra, brindando os amantes com soluções de pérolas preciosas, não conseguiu ser mais magnífica.

Era um passatempo de milionário o de Maqueline.

Se Deus lhe prolongasse a vida, até onde iria aquela monstruosa combustão? que soma enorme seria aniquilada!

E ainda assim quanto não consumiria! Nunca se pôde calcular.

Há o que quer que é de sublime neste quadro. Uma mulher velha, caquética, esmorecida, agonizante, tendo ao alcance do braço uma riqueza, como ela nem sequer concebera nos seus mais ambiciosos sonhos, e queimando-a!

A notícia inesperada que recebia agora imprimiu àquela existência o derradeiro abalo. A alma, já quase desapegada do corpo, abandonou-a de todo e partiu.

A meia-noite morreu a santa criatura, contente, porque deixaria rico o sobrinho e afilhado, único parente que possuía na terra.

Ainda assim, quando se divulgou a notícia, o que, graças à comunicabilidade das mulheres a quem Agostinho usurpara a luz, e que foram as primeiras a sabê-la, se não fez esperar muito, houve quem se penteasse como herdeiro.

Fará rir se expusesse aqui os fundamentos das pretensões desta gente, e eu não quero fazer rir o leitor, a quem peço antes uma lágrima para a memória de Maqueline.

Não seguiremos agora a história de Agostinho, que se modela pela de todos os homens ricos.

Apenas direi que por suas especulações comerciais conseguiu multiplicar o capital tão inesperadamente herdado e hoje é milionário.

Vejam o instinto do povo!

Aida Valli fugiu de casa

(Cont. da pág. 16)

Qualquer amador de teatro conhece. Deixaram então dar à nova «estrelinha» o papel de «ingênua», e também resolveu-se basear a filmagem das cenas dela nos «close-ups», pois se Aida ainda não sabia nem andar nem sentar-se com bastante desembaraço, o rosto dela, no entanto, conseguia exprimir qualquer coisa.

O sucesso de Aida Valli como «ingênua» foi enorme. Max Neufeld, antigo auxiliar de Lubitsch, especializado na comédia e na opereta, gêneros típicos da sua terra (ele nasceu em Viena), conseguiu melhorar a técnica e o «métier» de Aida. Não teve que trabalhar muito. No segundo filme, a atriz já não precisava mais de muito cuidado, tendo assimilado perfeitamente o estilo e o ritmo característicos da comédia. «Mille lire il mese», «Assenza ingiustificata», «Taverna rossa» foram os filmes que colocaram Aida Valli no primeiro plano entre os ídolos do público italiano. Houve verdadeira crise epidêmica de entusiasmo masculino em torno dessa «estrela», que parecia simbolizar tudo quanto é vivacidade, alegria, otimismo. O diabo foi quando a atriz começou a cansar-se de repetir sempre o mesmo repertório de gestos, de olhares e de sorrisos, ficando como uma linda bonequinha nas mãos hábeis de Neufeld.

Agora ela já estava perto da verdadeira maturidade artística, que lhe se apresentava especialmente como interpretação de papéis dramáticos. Custou muito a obter essa oportunidade. A produção cinematográfica oferecia-lhe dinheiro, glória, facilidades, tudo. Ninguém, porém, pensava em atender a seus desejos de mudar de rumo.

Foi Mario Soldati, diretor de gosto literário muito requintado, quem deu a Aida Valli uma grande oportunidade. Ela foi escolhida para interpretar o pa-

pel central de «Piccolo mondo antico», adaptação cinematográfica de um famoso romance histórico-realista do século XIX, de autoria de Antonio Fogazzaro. «Piccolo mondo antico» ficou sendo a grande afirmação do diretor e da intérprete, especialmente por causa de umas cenas de impressionante força dramática, quando Aida, depois da morte de sua filha, cai nas mãos de um grupo de espíritos, que exploram sua tragédia de mãe.

Desde então a carreira de Aida Valli continuou na linha do drama, tendo ela interpretado muitas grandes figuras da literatura européia, como Manon Lescaut, Eugénie Grandet e Vanina Vanini. Mas seus desempenhos mais originais não foram estes e sim os de mulher dos nossos dias — sempre em papéis dramáticos — pois o físico e a arte de Aida são tipicamente modernos.

Especialmente numa série de filmes dirigidos por Mario Mattoli, e que se intitulou «Os filmes que falam ao coração», teve Aida Valli a oportunidade de impor toda sua arte simples, melancólica, terna. Os filmes são bastante folhetinescos; mas a atriz é extraordinária.

Não sei se por causa desses desempenhos, ou simplesmente por motivo da excepcional fotogenia da atriz, David O. Selznick escolheu Aida para trabalhar em Hollywood. Para dizer a verdade, os italianos esperam o primeiro filme americano de Aida Valli com certa apreensão. Eles têm medo de assistir a uma volta tardia aos velhos moldes de Neufeld, ou — o que seria ainda pior — a uma completa deformação e «glamurização» da «estrela», capaz, talvez, de tornar a atriz inaproveitável pelo próprio cinema americano, já muito rico de «Gildas» para precisar de uma a mais. Oxalá não aconteça com Aida o que aconteceu com Isa Miranda, que voltou à sua pátria declarando que em Hollywood ela havia, apenas, perdido os melhores anos de sua vida.

A vida de Reynolds

(Cont. da pág. 28)

ney, realizando assim «um casamento perfeito entre duas artes mais importantes — a pintura e a literaturas».

Os dois se encontraram, sorriram, trocaram cumprimentos, mas não se uniram — nem legalmente, nem de outra maneira. E por uma razão muito simples. Fanny Burney tinha vinte e seis anos e Joshua Reynolds cinquenta e cinco. Por mais que Fanny desejasse murmurar ternas palavras em seu ouvido, não poderia ter feito. Porque Reynolds estava quase totalmente surdo naquela época. Era obrigado a usar trombeta acústica quando falavam com ele. Além disso, Fanny não sentia atração por Reynolds como um amante. Temos sua própria narrativa para prová-lo. Quando sua irmã insinuou um possível casamento entre os dois, Fanny mandou-lhe e talvez, também, maior artista, se rida maninha», escreveu ela, «podes ter semelhante idéia em relação a Joshua Reynolds e mim. Um homem que já teve dois ataques de paralisia! (Reynolds havia sofrido dois ataques de paralisia). Que miséria não sofreria eu, mesmo se fosse apenas sua sobrinha, com o terror de uma repetição desses ataques!».

Reynolds poderia ter sido mais feliz e talvez, também, maior artista, se fosse um homem mais amoroso. Mas o Romance e Reynolds nunca se tornaram íntimos. Aquêles seus biógrafos que, ou por sentimentalismo ou por malícia, têm procurado transformá-lo num Don Juan, conseguem apenas construir uma estrutura fantasma, sem fundamentos concretos. Reynolds era um experiente frequentador de salões, mas não era entendido em boudoir.

IV

Reynolds tornara-se um dos homens mais ricos de Londres. Gostava de ostentar sua riqueza. Mudou-se para uma imponente mansão, comprou u'a magnífica carruagem dourada, as librés de seus criados eram agaloadas de prata, e oferecia festas generosas e — é preciso confessar — um tanto vulgares, ao seu sempre crescente número de amigos. Sua prosperidade chegara com rapidez excessiva. Não tivera oportunidade de trei-

nar-se no mais difícil dos dons sociais — a preparação refinada da riqueza supérflua. Sofreu da inevitável rusticidade do novo rico.

Entretanto, apesar de sua falta de finura exterior, seu caráter era puro no íntimo. Sua bolsa estava sempre aberta às necessidades de seus companheiros. E seu espírito estava igualmente aberto às idéias expressadas pelo mais instruído de seus amigos. Havendo descurado de sua instrução, na mocidade, e incapaz agora, nos dias atarefados de seus compromissos profissionais, de dispensar muito tempo para a leitura, transformava suas atividades sociais numa escola não oficial de aprendizado. Rodeava-se de estadistas dominantes, eruditos e escritores em moda — Edmund Burke, Goldsmith, Sterne, Sheridan, Garrick e Johnson. Reynolds prezava especialmente a amizade de Samuel Johnson. «Este homem», disse ele, «preparou meu espírito para pensar com justeza. As observações que fez sobre a poesia, sobre a vida, sobre tudo que nos diz respeito, apliquei à minha arte, com o sucesso que outros devem julgar».

Quanto a Oliver Goldsmith, Reynolds olhava-o quase com a ternura de um irmão. E Goldsmith devolvia-lhe esta ternura na mesma medida. Foi a Reynolds que dedicou seu poema favorito — «A aldeia desertada». «A única dedicatória que até hoje fiz», escreveu Goldsmith, «foi a meu irmão, porque o amava mais do que a todos os homens. Desde que ele está morto, permita-me dedicá-lo este poema».

E Reynolds retribuiu essa comovente homenagem com outra igualmente comovedora — um retrato de Goldsmith. E' este o único quadro de Reynolds em que o assunto é realisticamente pintado, sem nenhuma tentativa de embelezamento. E devido a esta imparcialidade nada lisonjeira, o retrato de Goldsmith é um dos mais belos quadros de toda a galeria das obras-primas de Reynolds. E' um rosto em que há pouco de vaidade, muita ternura e uma infinita compaixão — um rosto de um homem que lutou com a necessidade, a fome e o desamparo, de um poeta que aprendeu a ter simpatia através do sofrimento e que, no meio de suas próprias aflições, está pronto a dar seu último xelim ao amigo necessitado — pobre, perdulário, louco, esclarecido, infantil, nobre e inspirado. Noll Goldsmith, o tolo que falhou na tarefa de criar uma vida, o gênio que ensinou à humanidade a arte de viver.

Tais eram alguns dos homens em cuja companhia Reynolds passou suas melhores horas de folga. Divertia-se em sua casa, viajava com eles às várias partes da Inglaterra e ao Continente, ajudava-os em suas dificuldades financeiras e deles absorvia o espírito e a sabedoria nos famosos encontros do «Monday Night Club». Reynolds era gregário por excelência. Gostava de aquecer-se ao calor da amizade humana. Além da sua qualidade de membro do «Monday Night Club», era o chefe das atividades da Sociedade dos Dilettantes, organização de aristocratas unidos no gosto pela «boa arte, boa amizade e boa vida». Entre os mais magníficos quadros de Reynolds estão seus dois grupos de retratos dos membros desta sociedade. Esses membros foram representados por Reynolds gozando ociosamente de seu vinho e sua sobremesa, e trocando idéias sobre vasos clássicos, pedras preciosas, manuscritos medievais e quadros famosos. Como condição prévia às três exigências clássicas da Sociedade dos Dilettantes, havia, conforme podemos verificar prontamente pelos retratos, um quarto requisito — bom nascimento. A aristocracia de caráter, tanto quanto a aristocracia de nascimento, está estampada nos rostos dos membros. O objetivo e o dever de Reynolds, como devemos estar lembrados, era «descobrir unicamente as perfeições daqueles que retratava».

Mas Reynolds tinha outro objetivo e outro dever — cultivar a arte de seus companheiros. Cultivar a arte e encorajar os artistas. Com este propósito, foi tanto o fundador, como o presidente perpétuo da Real Academia de Belas Artes. Graças a esta instituição, Londres pela primeira vez em sua história tornou-se, reconhecidamente, uma das capitais artísticas do mundo. Como presi-

dente, Reynolds deveria pronunciar uma série de conferências sobre o progresso, a técnica e o futuro da pintura. Nessas conferências, ainda que bastante interessantes, Reynolds, o professor, contradiz Reynolds, o artista. Fala eloquentemente e pinta simplesmente. Advoga o melodramático e produz o dramático. Reynolds trabalhava melhor do que ensinava. Aquêles que o observavam em seu estúdio assimilavam uma excelente técnica, mas aquêles que o ouviam em suas conferências adquiriam apenas uma teoria falsa. Para citar Ruskin mais uma vez, «Reynolds parecia ter nascido para ensinar todos os erros com seus preceitos e toda a excelência com seu exemplo».

V

Até o fim de sua vida, Reynolds foi mais um estudante que um professor. Estava sempre experimentando efeitos de cores — frequentemente à custa de seus retratos. Sua única fraqueza era a grande inabilidade em descobrir o segredo das cores permanentes. E quando pintou seus primeiros quadros, estes poderiam suportar comparação com os melhores trabalhos de Velasquez, Tintoretto e Rubens. Agora, entretanto, muitas das cores estão enfraquecidas, o verniz está apagado e os rostos tornaram-se de tal maneira pálidos e sobrenaturais que os retratos, como os originais, não são mais que lembranças fantásticas de sua antiga glória em vida. Isso, entretanto, não acontece com todos os seus quadros. Num grande número de casos, suas experiências foram bem sucedidas, e as cores conservaram a vida e a frescura até os presentes dias. É interessante que, quanto mais velho ia ficando, mais hábil se tornava, não somente na mistura das cores, mas também na composição do desenho. Seus últimos anos não trouxeram diminuição a seu gênio. Sua arte nunca sofreu um declínio de inspiração. Ao contrário, como o bom vinho, melhorava com a idade. Apesar de ter a vista fraca e a mão enfraquecida, seus últimos quadros são os melhores.

VI

Seus últimos anos, como os primeiros períodos de sua vida, foram um curso monótono de sucessos tranquilos. Recebeu o grau de doutor em leis pela Universidade de Oxford, foi condecorado pelo rei Jorge III e — distinção que prezava mais do que qualquer outra — foi eleito prefeito de sua cidade natal, Plympton. «Todo homem», escreve Johnson, «quer ser respeitado em sua terra natal». A honra conferida a Reynolds, pelo povo de sua cidade, assinalou a realização de seu mais caro desejo.

E assim o vemos em sua velhice monótona mas alegre — um homenzinho de cinco pés e cinco polegadas, gordo, elegante, vivo, espirituoso e afável. Distraía os amigos íntimos num jantar. A mesa foi preparada para oito pessoas. Mas sete outros entraram inesperadamente, e Sir Joshua não é homem para despedir ninguém. Os criados tentaram reuni-los todos no apertado espaço ao redor da mesa festiva. Não há formalidade nos jantares de Sir Joshua. Todo mundo pede o que quer — pão, vinho, cerveja, sobremesa. Há uma agitação de conversa animada. E no meio de tudo isso, jovial, calmo, tranquilo, está sentado Sir Joshua, voltando a trombeta acústica ora para um, ora para outro de seus hóspedes. E esses hóspedes, tão à vontade nessa casa de seu hospedeiro nada convencional, são a nata da sociedade de Londres — lords, advogados, sacerdotes, médicos, pintores, estadistas, músicos e poetas.

VII

Sua resistência robusta começou a abandoná-lo, afinal. O primeiro aviso chegou em julho de 1789, aos 66 anos, quando sentiu uma leve perturbação no olho esquerdo. Duas semanas mais tarde, enquanto trabalhava num de seus retratos, a visão daquele olho tornou-se repentinamente velada. Dentro de dez semanas perdeu o uso de seu olho esquerdo.

Conservou-se em seu trabalho, entretanto, terminando alguns retratos que havia começado a pintar. A noite, continuava em sua vida social, mas de maneira mais moderada. Algumas vezes,

nos momentos de folga, divertia-se com um canário. Este pássaro era tão manso que se empoleirava em seu dedo. Reynolds falava com ele; e o canário, como se compreendesse, respondia com uma música de trinos. Um dia, voou pela janela. «Lá se vai minha juventude», disse Reynolds com um sorriso melancólico.

Mas continuou trabalhando. Em fins de 1790, pintava ainda. Em dezembro, pronunciou seu último discurso na Academia. Concluiu-o com um panegírico ao artista que adorara mais do que a todos os outros, durante toda sua vida. «Considero, não sem vaidade», disse ele, «que estes discursos trazem o testemunho de minha admiração a esse homem verdadeiramente divino, e desejaria que as últimas palavras que pronunciasse nesta Academia, e deste lugar, fossem o nome de Miguel Ângelo».

Durante o verão seguinte, deu ainda um longo passeio ocasional, sem nenhum sinal de cansaço. Mas em outubro desenvolveu-se um tumor sério em seu olho cego. O fim era agora uma questão de semanas. Veio na tarde de uma quinta-feira, em fevereiro de 1792.

Seu espírito permaneceu sereno até o fim. Porque ele sabia que o seu pincel imortalizara duas gerações de compatriotas seus.

(Do livro «Vidas de grandes pintores».)

OS VELHOS

(Cont. da pág 21)

— O homem, D. Francisco, é uma verdade triste. Os bons caem e esperam a chupar no dedo; os patifes ajudam-se mutuamente... e ao cabo, todos chegam à mesma conclusão. Eu creio num limbo para os bons e num inferno para os maus.

— Feliz do senhor, D. Pedro! Feliz do senhor que tem a consolação de acreditar num inferno.

— O meu maior prazer, depois destas conversas, é dormir como um justo. Gostaria de repousar para sempre com a esperança de encontrar à cabeceira da cama o meu copo de água açucarada, num dia que nunca chegasse... Dormir para sempre, embalado pela doce esperança!

— A minha única consolação, D. Pedro, é o pensamento puro, mas mesmo este, enquanto se vive, vai se sujando...

Assim, ainda que noutra forma, corriam aqueles velhos que arrefecidos pelo frio, olhavam para a vida com desdém, lá do cume gelado da sua solidão. Amavam a vida e gozavam a maldizer o mundo, sentindo-se eles, os vencidos, vencedores dele, o vencedor. Achavam tudo muito mau porque se julgavam bons e gozavam em crê-lo. Era, a deles, uma posição como outra qualquer. Acreditavam que o Sol é uma farsa, mas uma farsa que aquece, e a ele se aqueciam.

Saiam juntos e bem agasalhados e, ao se separarem, continuava cada qual por seu caminho o eterno monólogo. Todas as noites murmuravam ao separarem-se: «Miséria pura! Tudo está perdido!».

Um dia faltou D. Pedro ao café, e continuou a não aparecer, com grande alegria do cãozinho. Quando o dono deste soube que o pai tinha morrido,

murmurou: «Pobre senhor! Alguém desgosto que lhe deu a filha! Encontrará algum dia o copo d'água açucarada à cabeceira da cama?» E continuou o monólogo. O eco da sua alma tinha-se apagado. Quem era? De onde vinha? Como vivia? Nem o soube, nem o tentou saber; ficou só e não reconheceu a solidão.

Continua a ir ao cantinho do café do Ocidente. Os fregueses ouvem-no a falar sozinho e vêem-no a gesticular. Enquanto dá um torrão de açúcar ao cachorro que, de prazer, agita o rabinho terminado por um pom-pom, murmura: «Miséria pura, D. Pedro! Tudo está perdido!». E dizem os fregueses: «Pobre senhor! Desde que perdeu a outra tesoura, aquela cabeça não regula bem. Que desgosto teve! Compreende-se... na sua idade!».

O dono do cão sai sem se recordar do pai da filha e, sozinho, continua tesourando: «Miséria pura! Tudo está perdido!».

As patifarias de Bindle

(Conclusão do núm. ant.)

Agradeço-lhe imenso as adoráveis flores. Cordialmente, Kathleen Shane.

P. S. — Estou tão encantada com Hollywood! Sei que vou adorar a vida aqui! — K. S.

★

IMPERIAL FILMES

Estúdios

14 de abril de 1947.
Sr. Jonathan Bindle — Hotel Ambassador — Los Angeles, Califórnia.
Prezado sr. Bindle:

Além do que já lhe disse em nossa recente conversa telefônica, torno a lhe garantir que nada tive a ver com a demissão de sua secretária, srta. Shane. Os detalhes do contrato dela foram tratados em Nova York pelo sr. McCarthy, e eu, naturalmente, julguei que o senhor estivesse a par dos acontecimentos.

Sinto profundamente que tenham sido feridos os seus interesses e espero que isso não venha a alterar seus sentimentos em relação à nossa companhia.

Estou lhe mandando anexo um novo esboço, que, tenho certeza, está muito acima dos outros anteriormente apresentados. Peço-lhe a bondade de transmitir-me a sua opinião o mais cedo possível. — Sinceramente, J. K. Hoffheimer, vice-presidente da Imperial Filmes.

★

HOTEL AMBASSADOR

Los Angeles

15 de abril de 1947.
Sr. J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdios — Hollywood, Califórnia.
Caro sr. Hoffheimer:

O sr. Bindle já leu o manuscrito que o senhor lhe enviou, intitulado «A História de Bindle — Esboço de Gilbert Grips, Herbert Keeler, Beatrice Carraway e Donald Wade». Ele mandou-me informar-lhe que nunca viu coisa tão revoltante em toda a sua vida. Sinceramente, Victoria Purvis, secretária.

★

(Via aérea)

IMPERIAL FILMES

Estúdios

15 de abril de 1947.
R. L. McCarthy, vice-presidente da Imperial Filmes — Edifício Radio — Nova York, N.Y.

Caro R. L.:
Como você já deve ter percebido, eu não estou satisfeito com os acontecimentos referentes à «Biografia de Bindle». Sinto dizer que tenho encontrado o sr. Bindle decididamente disposto a não cooperar. Nós, afinal, preparamos um esplêndido esboço, um dos melhores até hoje feitos, e ele o rejeitou em toda a linha e até, deo confesso, com alguma brutalidade.

COLCHÃO DE MOLAS "BRASIL"



GARANTIDO POR 10 ANOS COM CERTIFICADO

VENDAS A PRAZO EM 10 PRESTAÇÕES

Exposição e informações com o Representante exclusivo

A. BLUM SOBRINHO

RUA DO CARMO, 6-10.º ANDAR
Salas 1.009/10 — Fone: 42-2455

RUGOL

O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

QUER CRESCER
OU EMAGRECER ENGORDAR?

Em qualquer idade, CRESCIMENTO (inclusive pernas) até 16 cm. ou EMAGRECIMENTO ou FORTALECIMENTO parcial ou completo do corpo, com garantidos aparelhos U. S. A. de terapia mecânica-ortopédica. PATENTES em 28 países. Sucesso imediato controlável. Referências médicos internacionais. PEÇA CATÁLOGO Ilustrado GRATIS, escrevendo para: R. BERN C. Postal 9219 - SÃO PAULO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os danos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sã volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alim & Freitas

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Era uma bela história e mesmo a srta. Shane, ex-secretária dele, que a leu a meu pedido, achou-a soberba. Aliás, ela parece ser uma adorável pequena, e eu até estou pensando em dar-lhe uma ponta num filme, uma vez que a temos de qualquer jeito sob contrato.

Espero que você venha logo a fim de dar um jeito em Bindle. Sinceramente, J. K. Hoffheimer, vice-presidente.

★
IMPERIAL FILMES
Estúdios

Comunicação Interna

De: J. K. Hoffheimer
Para: Herbert Keeler

Data: 16-4-47

Ref.: Bindle (Biografia)

Acabo de voltar de uma conferência com Bindle, de todo insatisfatória.

Gostei muito do último esboço, mas Bindle não. Por isso receio que tenhamos de fazer algumas modificações, que lhe peço a bondade de anotar:

a) A esposa e as quatro crianças devem sair. Chamei a atenção de Bindle para o casamento, que é uma das sólidas instituições americanas e com a qual ele precisa estar identificado, mas ele alega que nunca se casou e que

nunca teve filhos e que não admitirá inverdades na sua biografia. Fui forçado a ceder. Acerte isso com os redatores.

b) A cena da festa, em que Bindle salva a criança da árvore de Natal incendiada, deve ser retirada. Ele diz que nunca fez isso, que odeia crianças e que nunca foi a festas.

c) A pequena Clarice, a secretária que o adora secreta e respeitosamente e que o ajudou a triunfar, precisa sair. Ele insiste em que ninguém jamais o ajudou. E ainda que a sua última secretária acaba de abandoná-lo, o que ele sentiu bastante.

d) A emocionante cena em que Bindle aluga as deztoas «Fortalezas Voadoras», embora contra a vontade do Departamento de Estado, para atirar chocolates às crianças famintas da Europa, deve sair.

e) As cenas de abertura, que o mostram em criança com todo aquele gozado negócio dos seus pais, deve sair. Bindle diz que seus pais não foram palhaços. Diz que a mãe morreu quando ele ainda era de colo e que o pai sempre lhe foi um trambolho.

E' favor fazer as modificações com

toda a brevidade. Contrate mais redatores, se for necessário. — J. K. Hoffheimer, vice-presidente.

★
WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial Estúdios — Hollywood — 18-4-47.

Favor avisar quando será iniciada filmagem Bindle Ponto Mandei McCarthy Washington conferenciar senador Polkington magnífica idéia minha Ponto Polkington muito chegado administração pode arranjar que início filmagem seja considerado início semana Bindle Imperial Ponto Isso melhor que Clare Luca escrever entrecho Ponto Ainda mais ela tão atarefada atualmente nem considere seu pedido Ponto Abraços — L. E. Buzzard.

★
WESTERN UNION

L. E. Buzzard — Imperial Radio — Nova York, N.Y. — 19-4-47.

Impossível adiantar mesmo data aproximada Ponto Bindle não quer coobrar Ponto Enquanto isso mudel programa produções de modo «Jeepers Creepers» diante câmaras amanhã Ponto Gloria Varney não serve ingênua Ponto Sugestão McCarthy Washington vou lançar

Kathleen Shane lugar dela Ponto Essa pequena tem pinta Ponto Abraços — J. K. Hoffheimer.

★
HOTEL CONGRESS
Washington, D. C.

20 de abril de 1947.

Sr. L. E. Buzzard, presidente da Imperial Filmes — Edifício Radio — Nova York, N.Y.

Caro L. E.:

Receio que nossa idéia da «Semana Bindle-Imperial» seja irrealizável. Polkington fez o possível, mas hoje está mais difícil conseguir-se assim uma Semana Nacional.

Acabo de comunicar-me com Hoffheimer e ele parece aborrecido com o andamento do caso Bindle. Podiu-me que partisse imediatamente para lá e é o que farei dentro de algumas horas. Abraços, R. L. McCarthy.

★
WESTERN UNION

R. L. McCarthy — Imperial Hollywood — 26-4-47.

Você já está aí uma semana eu sem notícias Ponto Alguma anormalidade Interrogação E o filme Interrogação Não estou gostando Ponto Abraços — L. E. Buzzard.

★
WESTERN UNION

L. E. Buzzard — Imperial Radio — Nova York — 26-4-47.

Razão nenhuma aborrecimento Ponto Jeepers Creepers fabulosa Ponto Minha descoberta pequena Shane sensação Ponto Abraços — R. L. McCarthy.

★
WESTERN UNION

R. L. McCarthy — Imperial — Hollywood — 27-4-47.

Jeepers Creepers não interessa Ponto E o filme Bindle Interrogação Onde arda Hoffheimer Interrogação Que que ha Interrogação — L. E. Buzzard

★
WESTERN UNION

L. E. Buzzard — Imperial Radio — Nova York, N.Y. — 28-4-47

Hoffheimer Bindle diretor escritores reclusos Palm Springs Ponto Não podem ser alcançados Ponto Tratando Bindle história Ponto Ordenei aumento verba Jeepers Creepers Ponto Todos jornais sensação pequena Shane Ponto Abraços — R. L. McCarthy.

Do «Daily Variety», de 29 de abril de 1947:

BUZZARD EM HOLLYWOOD — L. E. Buzzard, o maioral da Imperial, voou hoje de Nova York a fim de conferenciar com o pessoal da companhia a respeito da «Biografia de Bindle». Dizem há vários dias que as coisas não estão andando bem. Após pequena estada de doze horas, o sr. Buzzard voltou a Manhattan. Antes de partir declarou à nossa reportagem: «Ao contrário do que andam espalhando, os detalhes para a filmagem da «Vida de Jonathan Bindle» estão praticamente concluídos. Este colossal filme, com milhares de figurantes, será o maior até agora filmado em nossos estúdios».

Do «Hollywood Reporter», de 30 de abril de 1947:

«Aquele lindíssima ruiva que esteve com R. L. McCarthy no Coconut Grove, à noite passada, é Kathleen Shane, antiga secretária de Jonathan Bindle, cuja vida será filmada pela Imperial. Ela está interpretando a ingênua de «Jeepers Creepers», e dizem que McCarthy não sai do set...»

★
WESTERN UNION

J. K. Hoffheimer — Imperial — Hollywood — 1-5-47.

Estou negociando construção gigantesco pavilhão vizinho edifício Cia. Bombons para exibição seis vezes dia biografia Bindle crianças americanas Ponto Propaganda colossal Ponto Auditório construído vidro luminoso será conhecido Imperial Bindle Palácio Ponto Espero esteja tudo resolvido filmagem começa em breve Ponto Mestre McCarthy Ponto Abraços — L. E. Buzzard.

★
WESTERN UNION

L. E. Buzzard — Imperial Radio — Nova York, N.Y. — 3-5-47.

Entrecho pronto mas Bindle ausente aprovação Ponto Vou Nova York ontem

(Cont. na pág. 48)



1003

"Absoluta..."

...e confiante em si mesma,

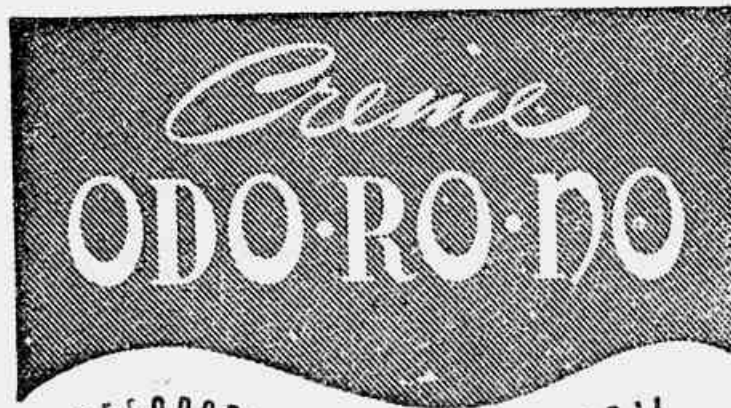
porque ODO-RO-NO detém a transpiração das axilas durante muito tempo!

Segura de que está acima de qualquer crítica, sua atração pessoal será mais intensa e completa! Não deixa que o desagradável odor das axilas diminua o prazer de sua presença. Proteja-se com ODO-RO-NO, cuja aplicação é rápida, fácil e simples. ODO-RO-NO não irrita a pele e se conserva perfeito, no pote, por muito tempo. Uma aplicação de ODO-RO-NO protege por três dias e sua acção é instantânea. Só ODO-RO-NO é capaz de manter a sua elegância e torná-la, sempre, a mulher dominadora e... "absoluta..."

Protegendo-a, ODO-RO-NO protege também os seus vestidos, evitando o odor das axilas.



Veja e compare! Cada pote de ODO-RO-NO contém muito mais creme que qualquer outra marca.



A MARCA DE MAIOR VENDA MUNDIAL

NA ESTEIRA DO "BRUXO VERMELHO"

Um folhetim-sintético-ilustrado de REVISTA DA SEMANA — Direitos adquiridos ao King Features Syndicate.

História de GARLAND ROARK — Desenhos de F. R. GRUGER



Ralls assistira e me livrou dos policiais...



— Talvez nos leve a um tribunal!



Com um seloço final o "Bruxo" afundou...

"Meu nome é Sam Rosen e sou co-proprietário da escuna 'Garota de Melbourne'. Talvez nunca tivesse feito sociedade com Ralls se Tilden King Carter não ficasse deente. Eu conseguia persuadir Carter a me levar de San Francisco e assim que chegamos a Sydney ele precisou ser operado de apendicite. Eu estava no bar pensando no que fazer quando dois tipos turbulentos puxaram briga comigo. Despejei três murros e liquidei o caso. Ralls, que presenciara o barulho, livrou-me dos guardas e convidou-me para ser seu sócio no 'Bruxo Vermelho', fazendo questão de adiantar o dinheiro que eu devia a Carter. Embarquei no 'Bruxo Vermelho' ao nascer do sol e em uma hora estávamos ao vento. O veleiro, fretado por um banco nessa viagem, parecia mais um barco misterioso, sob o comando de um homem desorientado. No entanto, seria impossível al-

quem deixar de notar o olhar vivo de Ralls, e o tino imposto pela ambição. Tomava regularmente tremas benéficas e aplicava o acoite nos pobres tripulantes. Nós dois, no entanto, entendiamos muito bem. Uma noite ele me chamou a sua câmara e trancou a porta. Depois de alguns tragos, explicou-se: — Olha, Rosen, estou cismando uma coisa que dará dinheiro. Será que te interessa tomar parte? — E eu: — Ora, amigo, nada como um dinheirinho honesto. — E a resposta dele foi quase violenta: — Dinheiro é dinheiro... mas a minha ideia pode nos levar a um tribunal. — O 'Bruxo Vermelho' pertencia a Batjak, firma holandesa de Java, e transportava um milhão de dólares em ouro. E a ideia de Ralls, em poucas palavras, era tirar o navio do rumo estabelecido, pô-lo a pique num local conhecido apenas por nós e algum dia voltar em busca do te-

souro quando voltasse a calma. Ripper Arrezo, outro tripulante, entrou no plano. Loring, imediato e único homem a temer da tripulação, foi atormentado até o último grau e afinal pôsto sem sentidos... Assim me tornei imediato. Durante vários dias manobramos a fim de confundir a tripulação até que somente nos dois conhecêssemos a nossa verdadeira posição. O epílogo veio naturalmente... Dentes rochosos penetraram no casco do 'Bruxo Vermelho' e Ralls ordenou o abandono do navio. Toda a marujada se pôs a salvo e Ralls tinha nas mãos algumas barras de ouro puro embrulhadas em anagem quando o barco sossonrou com as velas achatadas sobre o mar, o casco tomando um gole do mar de Bismarck. Com um seloço o 'Bruxo' desapareceu, sempre com dignidade. Um homem até o fim, pensei...



— Esta cheia de perolistas!



Entramos mansamente na laguna...



Na praia, uma estranha comitiva...

Loring depôs contra nós no inquérito, e fomos acusados de pirataria. A Batjak Ltda. perdeu o barco e o banco o milhão de dólares. Mas as acusações contra os srs. Ralls, Arrezo e Rosen não ficaram provadas, embora perdêssemos nossas cartas. Estávamos pobres, apenas com a única barra de ouro que Ralls conseguira ocultar. Usamo-a depois na compra da 'Garota de Melbourne', embarcação velha mas ainda forte com a qual planejavamos recuperar o ouro dos domínios de Netuno. Fomos de Singapura às ilhas Fiji, sempre esperando a oportunidade. Fizemos tudo e naquela noite estávamos interessados no único bordel de Rabaul quando o sujeitinho veio com a história da remota laguna. — Cheia de pérolas, — disse ele — enormes pérolas ne-

gras à disposição... — Ele não podia ir, mas estava disposto a nos vender um mapa pelo suficiente para uma bebida. Carter, que estava conosco, viu do logro em que Ralls caíra... Já ia avançado o ano de 1939 quando depois de uma volta calma pelo mar de Bismarck, entramos numa laguna de um atol rodeado de coqueiros. Debruçando-me na amurada, enquanto entrávamos vi uma barra de ferro depois outra e mais outra, cada uma de seis metros de comprimento. Um labirinto de cabos, partindo das barras, perdia-se no deserto de coral. — Com certeza ideia de algum estúpido plantador, — disse eu ao acaso, enquanto em minha imaginação aquelas barras se erguiam à força de ar comprimido para bloquear qualquer embarcação que procurasse sair. Vi-

rei-me para Ralls: — Como é, capitão, vamos arriscar? — Parece navegável, — disse ele. — Vamos ver. — Continuamos a avançar e de repente Ripper guinou para boreste e levou o barco lindamente a menos de um metro das bordas dentadas de coral. Lançamos amarras num velho cais de bambu. Havia outra embarcação na laguna, um belo late de Soerabaja chamado 'Flores Tandjoeng', que, era estranho, parecia abandonado. Examinávamos o late quando um vozerio me chamou a atenção. Aproximava-se uma estranha comitiva... encabeçada por um homem gordo, baixo e calvo, numa cadeira de rodas empurrada por um nativo. Homens armados o ladeavam. Pararam e o velho gritou: — Benvindo a Soembawa menor, 'mijnheer' Ralls...



Lá estavam as ostras períferas...



Não gosto de ser vigiado!



Teleia banhava-se nas águas negras.

E o camarada sabia o nome de todos nós. — Quer dizer que nunca perdeste a minha pista, hein? — perguntou Ralls. — E' verdade, — foi a resposta seca. A conversa foi fria e cautelosa. O sujeito gordo, que se chamava Van der Ruysdaal, só se mostrou amável com Carter, em quem parecia sentir um aliado, doente como ele próprio. Afinal, conseguimos permissão para ficar uma semana... mas a bordo. — Ali atrás de minha casa há uma aldeia de nativos armados, — terminou o careca, significativamente. Ralls, porém, não podia se aguentar muito tempo. Quando a praia foi guarnecida de nativos, embriagou-os e os mandou mergulhar em busca de pérolas, até que um deles foi agarrado pelo pé por um molusco gigante, sendo retirado morto. Van der Ruysdaal apertou os lábios e os faltosos. No dia seguinte

dei um bordejo pela laguna e me certifiquei que estava cheia de ostras períferas. Travou-se em mim o debate; a razão contra a cobiça, as pérolas contra o que eu sentia ser a única atitude sã... escapar antes de uma luta aberta com o holandês. Mas aquilo era demais para mim... resolvi ficar e conseguir as pérolas. Ralls, verifiquei, estava também decidido a ficar apesar da frígida recepção. No entanto, seu interesse ia além das pérolas. O belo late, soubemos, era propriedade de Harmanzoon Van Schreeven, um meio-irmão de Van Ruysdaal, e do grupo fazia parte a sua encantadora filha, Teleia, que conheci naquela mesma noite. Eu estava caminhando na praia, ao luar, quando ouvi um barulho na mata e um homem branco procurou se ocultar. Inclinei-me e ele saiu. Era Bullit, o comandante do 'Flo-

res'... — Peço-lhe que me desculpe, senhor, — disse ele. — Estava admirando os peixes voadores. — Respondi: — Não gosto de ser vigiado. E de qualquer maneira não há mesmo razão para que me vigie. — O tipo me encarou e logo depois desapareceu sob as folhas enormes de uma bananeira. Esqueci-o quase que imediatamente e continuei o passeio. Dei então com um belo riacho e o acompanhei por entre a luxuriante vegetação até que ouvi uma voz e o ruído de alguém que nadava. Aproximei-me com todo o cuidado... A lagoa, sob o luar, exibia lírios tropicais e plantas marinhas, entre as quais se destacava Teleia Van Schreeven, com a magnífica cabeleira castanha por sobre os ombros, banhando-se nas águas negras cantando uma canção de amor balinesa...

NA ESTEIRA DO 'BRUXO VERMELHO'

Este folhetim continuará no próximo número, nestas mesmas páginas.

Tradução de JORGE A. FORTES, especialmente para REVISTA DA SEMANA



— Farás o que estou dizendo?



Ele atirou, enquanto eu puxava o homem.



E ali mesmo me atraquei com ele...

Excitado, fiquei admirando a maravilhosa pequena. Se Ralls estava resolvido a permanecer na ilha proibida por causa dela, também eu o estaria. Pouco depois ela sumiu dentro da folhagem para reaparecer envolta num pesado roupão, com uma toalha em torno da cabeça. Postei-me à sua frente. Calmamente, ela falou: — Boa noite, sr. Rosen. — E eu, tranquilo como me foi possível: — Tu és bela. Bela! — Cheguei mais perto e ela continuou firme. — Quero avisar-te para que não venhas aqui sozinha. Aqui não estás segura. — Respondeu: — Só recebo ordens de meu pai. — Agarrei-lhe o pulso e a puxei para mim. — Vais fazer o que estou dizendo. — A criatura arregalou os olhos, gaguejando:

— Es... está bem. — Soltei-a e me encaminhei para a praia, maldizendo-me pela asneira mas cósco de que nunca poderia esquecer aquela mulher. Já perto do nosso barco, parei para enxugar o suor da testa. Ouvi ruído na mata, ergui a cabeça e de novo dei com Bullit. Ele estava rindo, sacando a pistola da axila. — Sr. Rosen... — começou ele. — Está vendo esta pistola? Bem, o senhor é um sujeito simpático... — Cheguei mais perto. — E? — perguntei. — E? E já marquei as suas iniciais num cartucho. O primeiro do tambor... — Assim, o gaio me acompanhara. E eu já pensava numa brigalhina... meus 80 quilos contra os 90 dele... quando Bullit, olhando para a água, gritou: — Olhe, Rosen, um

homem quase liquidado. — Pensei num truque e salttei para trás, mas quando olhei vi um camarada nadando, rondado por um tubarão... Mergulhei no instante exato em que Bullit gritava: — Cuida do homem que cuidares do tubarão. — Ele atirou duas vezes enquanto eu retirava o homem da água. O homem levava uma boa surra e estava todo marcado do açoite. Era Carter. Quando o vi pela última vez ele ia para casa de Van Ruysdaal, a convite do próprio holandês, de modo que, no estado de exaltação em que me achava, pensei logo no acotador dos nativos. — Sabes o que vai acontecer agora, Bullit? — falei rapidamente. — Vais pegar aquilo que pediste. — E me atirei sobre ele...



— Não queres dizer que é Loring?



— O holandês quer falar contigo!



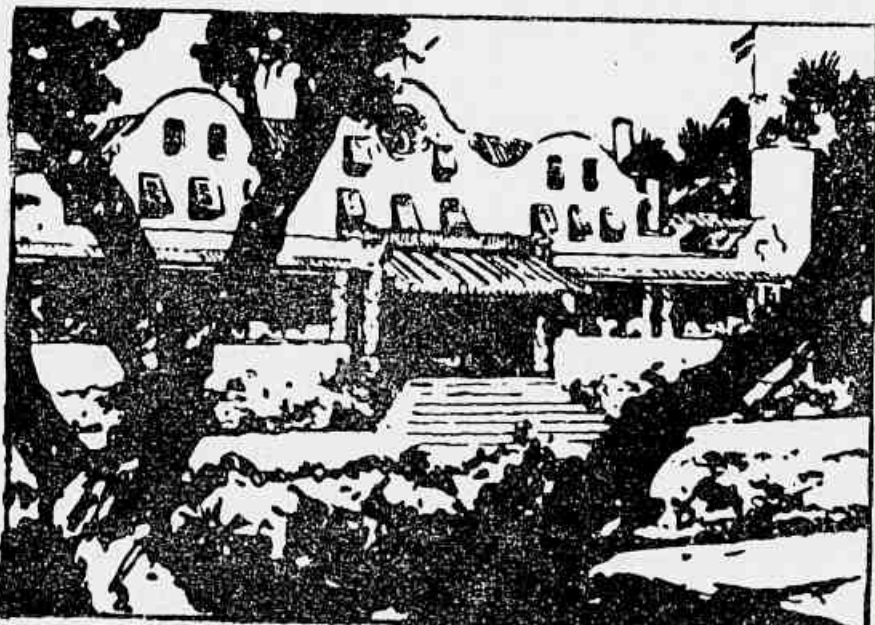
A sentinela pediu minha arma...

Na rápida troca de murros, Bullit descobriu a queixa... Por um instante ficou me olhando, de costas na areia... depois desmaiou. Del o fora e ajudei Carter a subir para bordo. Conte a história a Ripper e a Tewelliger. — Cuidem dele. Vou fazer uma visitinha. — Ambos sabiam que eu me referia ao holandês. E Tewelliger avisou: — O capitão, senhor. Foi ele... — De maneira que Ralls ousara bater em Carter. Entre os dois havia ódio, mas Ralls me prometera deixar Carter em paz. Pensei logo numa forra, mas resolvi aguardar mais um pouco. Uma vez feitos os curativos em Carter, fomos para a praia, onde ele poderia me contar tudo direitinho. Fora uma referência dele sobre Teléa que desencadeara a fúria do capitão... Carter, porém, tinha novidades

ainda mais importantes... novidades que me assustaram. Ele estava convencido de que fomos trazidos até ali por um agente de Van Ruysdaal... o bêbedo que falara nas pérolas. E via ainda, na casa do holandês, um camarada que pôde me descrever em detalhes. Exclamei: — Não queres dizer que é Loring! — Mas era sim. O imediato do "Bruxo Vermelho", o homem que depusera contra nós, era hóspede da casa grande. Por que? E aos poucos fui compreendendo tudo... Ruysdaal era na realidade inimigo mortal! Ralls devia ter percebido o logro logo que vira o holandês, mas nada me dissera. Carter seguiu para a casa, convidado que fora e eu voltei para

bordo. Na manhã seguinte estava dando uns mergulhos quando Ralls me chamou do convés. — Estão te chamando da casa do holandês, Sam, — disse ele. Subi parte da escada e perguntei: — Como é? — Sem a menor cerimônia, ele leu o bilhete: — O "mijnheer" Carter passando muito mal e quer falar com o sr. Rosen. Assinado "Van R."

— Creio que não há perigo, — disse eu. — Mas, caso não volte até amanhã de manhã, podes começar a agir. — Vesti-me rapidamente e parti ao encontro do holandês. Quando cheguei ao cima do morro, entrei num novo mundo. De repente a selva ficara para trás e surgira a obra do holandês. Havia plantações de fumo, muitas flores e uma sentinela que pediu meu revólver...



Olhei para a espantosa mansão...



Sidney convidou: — Fique para jantar...



— Tome cuidado, amigo...

Depois que passei pela guarda, fui a admirar uma coisa espantosa. Ali, naquela ilha remota, Van Ruysdaal... ou Sidney... construíra um palácio, de três pavimentos encimado por um quadrifólio dourado sobre fundo rubro. Passei de um servo para outro até que me vi sentado numa sala lindamente decorada, onde me serviram refrigerantes. Quando acabava o copo dois garotos abriram uma grande porta para dar entrada a alguém de importância. Prendi a respiração contando ver Teléa Van Schreeven. Mas fiquei desapontado. Entrou a cadeira de rodas. Sidney tratou-me com amabilidade, embora por baixo eu lhe notasse a raiva concentrada. — Não quer entrar-se, "mijnheer" Rosen? — convidou. Ofereci o meu melhor sorriso. — Muito obrigado, "mijnheer".

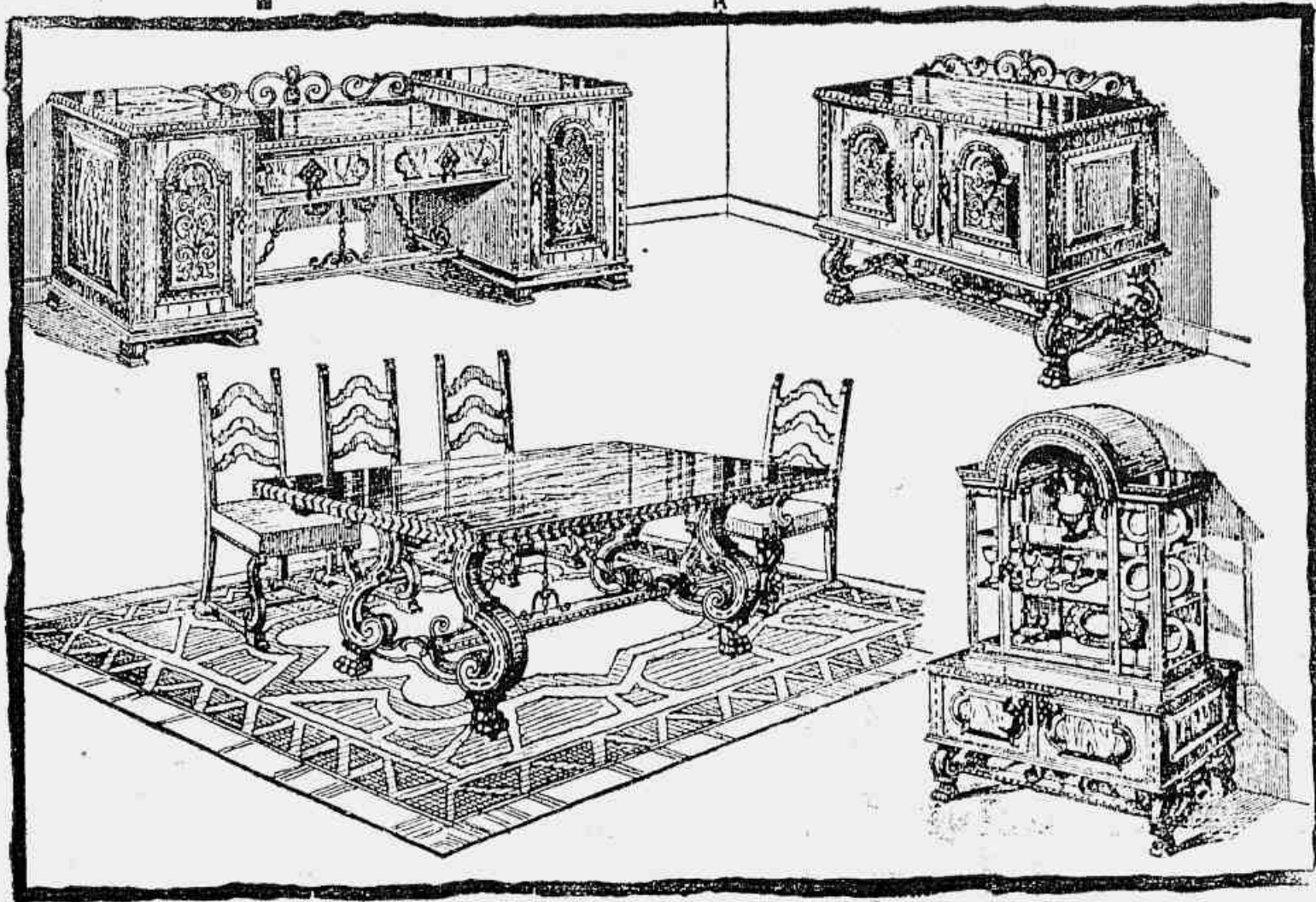
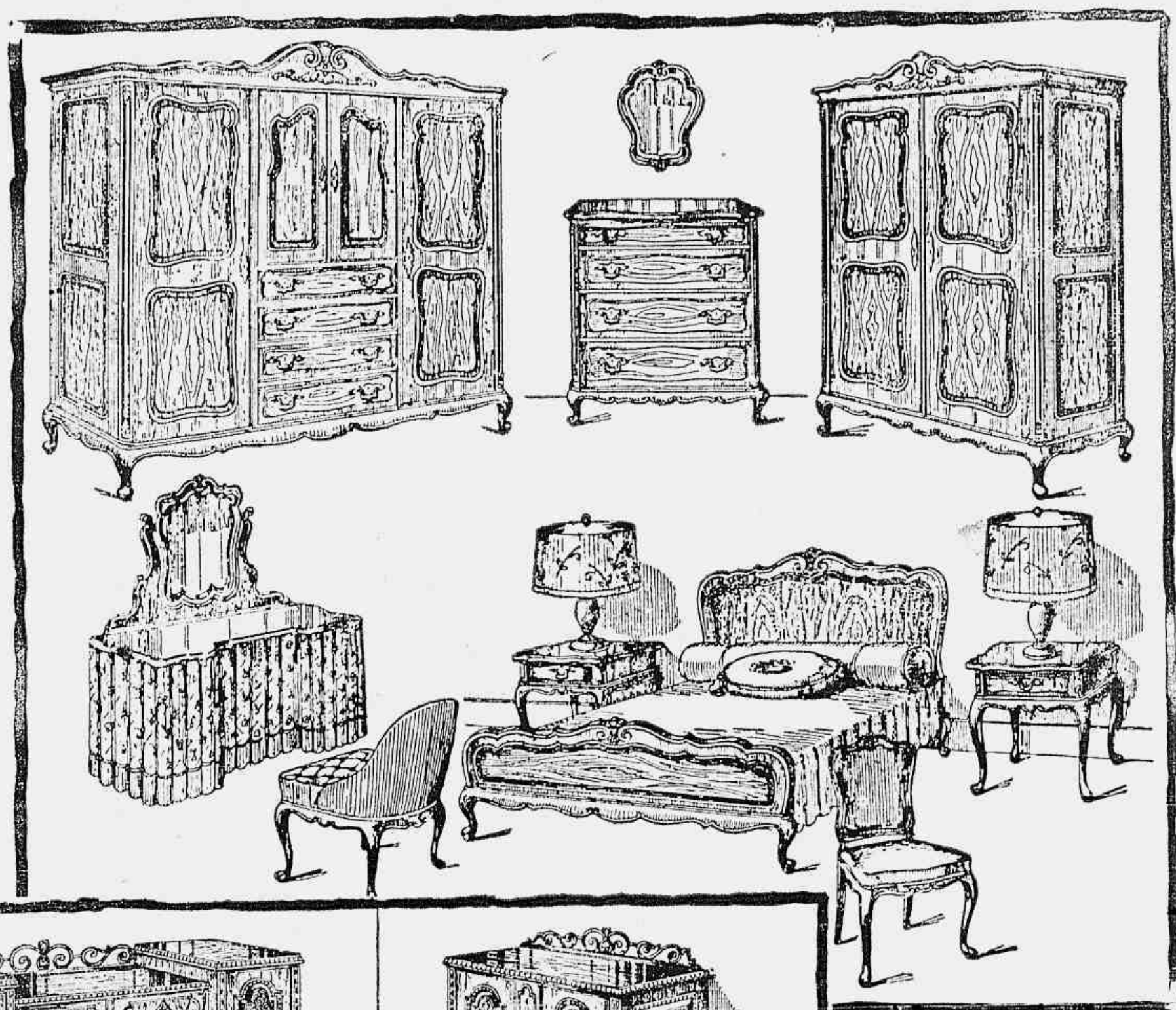
respondei. — Não quer me acompanhar em mais um golinho? — Com prazer, — disse ele. Bateu palmas e surgiram dois servos. Pusmo-nos a beber e a conversar, até que percebi que ele me queria impelir para o uado contrário a Ralls. Evitei responder claramente. No fim, ele me propôs: — Fique para o jantar. E aproveite para visitar seu amigo. — Encontrei Carter alojado numa bela cama, dizendo que o estavam tratando muito bem. Nossa conversa culminou com essas palavras de Carter: — Fui encarregado de convidar-te para trocar de partido. — Sai para uma volta no jardim, antes do jantar. Quando menos esperava dei com Teléa na minha frente, com um ramo de flores nos braços. — Muito prazer em te conhecer, "mijnheer" Rosen.

— e ela sorriu. — Tu és mais bondosa do que eu esperava, — respondi. — Nós todos precisamos saber ocultar nossos desapontamentos, — ela riu. — Não fazem parte de todos os instantes? — Semicerrei os olhos e fiquei pensando em se aquelas palavras não teriam uma segunda intenção. — Você me acha bondosa, — continuou Teléa, — e já o "mijnheer" Bullit fica desapontado quando vem me dizer que estava perto da lagoa com uma pistola e eu o esbofetei... Não tinha nada que me espiar. — Sorri, sob aquele bonito murro verbal. E ela se despediu com estas palavras: — Sr. Rosen, não sei por que vou lhe dizer isto... Mas tome cuidado, amigo.

(Continua no próximo número)

**Dormitório
Chippendale**

DE PAU-SETIM
ESCULTURADO
GUARDA-CASACAS
GUARDA-VESTIDOS
CAMISEIRO
CAMA DE CASAL
MESINHAS DE
CABECEIRA
PENTEADEIRA COM
TAMPO DE VIDRO
POLTRONA
ESTOFADA
2 CADEIRAS



**Sala de jantar
CATALUNHA**

JACARANDÁ MACIÇO
ESCULTURADO COM
APLICAÇÕES DE FER-FORGÊ
BUFFET
ETAGÈRE
CRISTALEIRA
MESA DE EXTENSÃO
2 POLTRONAS
6 CADEIRAS

Mobiliários e Decorações

QUE SE RECOMENDAM PELA BELEZA, QUALIDADE E... PREÇOS

TAPETES — TECIDOS — CORTINAS

ORÇAMENTOS GRATIS



Fundada em 1912

65, RUA DA CARIOCA, 67 — Rio



OFERTA DE “A CENA”

A GRANDE REVISTA DE ATUALIDADES, RÁDIO, CINEMA, TEATRO, MÚSICA, AGORA EM SUA NOVA FASE.

Redação: RUA VISC. MARANGUAPE, 15 — Distrito Federal